

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas

Patrícia Tavares de Almeida Santos

Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: *gerundismo, preconceito e a expansão da mudança*

Brasília
2008

Patrícia Tavares de Almeida Santos

Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: *gerundismo, preconceito e a expansão da mudança*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Brasília como pré-requisito para a obtenção do título acadêmico de mestre em Lingüística, sob orientação da professora Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Sírio Possenti

Universidade de Campinas

Prof^a. Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima Salles

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Rachel do Valle Dettoni (suplente)

Universidade de Brasília

Brasília, abril de 2008.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me mostrar caminhos limpos em tempos tão difíceis.

À minha mãe, por tudo.

À minha avó e à minha irmã Jac, por me apoiarem.

À professora Marta Scherre, por sua generosidade e respeito com os aprendizes.

Aos professores amigos e amigos professores Dionei Moreira Gomes, Janete Melasso Garcia, Lurdes Jorge e Marcos Lunguinho, por me incentivarem, por me aceitarem como monitora e por colocarem suas bibliotecas à minha disposição.

Aos professores do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas e aos professores do Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, por todas as coisas que me ensinaram durante a graduação e o curso de mestrado.

Aos meus amigos leais de todas as horas Igor, Isadora, Débora, Tânia, Luana, Mônica, Luis Fernando e Carolina Queiroz, que sabe tanto deste trabalho quanto eu.

Aos meus amigos do mestrado Edineide, Dalmo, Aline e Elaine, porque nas horas de sufoco olhos conhecidos nos acalmam.

Ao meu querido Shelton, pelas poucas e boas que passamos juntos.

Ao Rafael, pelo amor.

Ao ex-garimpeiro da Serra Pelada e hoje colega da UnB, Deusimar da Costa, que a todos ensina com sua história de sobrevivência.

Ao CNPq, pela bolsa que muito me ajudou nos primeiros três meses desse trabalho.

RESUMO

Este estudo analisa a variação na expressão do futuro verbal no português brasileiro contemporâneo. Especificamente, são estudadas as formas futuro simples (enviarei), futuro perifrástico (vou enviar), presente (envio) e as formas com gerúndio (estarei enviando e vou estar enviando) conhecidas como gerundismo. Fez-se análise quantitativa com dados oriundos de várias fontes com o objetivo de conhecer o efeito do tipo de texto, tipo de advérbio, tipo de oração e tipologia aspectual sobre as variantes analisadas. À luz da Sociolingüística, também foi feita interpretação do forte estigma social que envolve o gerundismo, que se acredita estar relacionado com um fenômeno maior de variação entre o infinitivo e o gerúndio.

Palavras-chave: gerúndio, gerundismo, futuro, Sociolingüística, preconceito lingüístico.

ABSTRACT

This work analyses the variation in the expression of the future in contemporary Brazilian Portuguese. Specifically, are studied the simple future (enviarei), periphrastic future (vou enviar), present (envio) and the gerund forms (estarei enviando e vou estar enviando) known as gerundismo. The quantitative analysis was done through many different sources in order to know the effect of the kind of text, adverb, sentence and aspectual typology upon the many forms analyzed. Under the Sociolinguistics view, it was also done an interpretation of the strong social stigma that surrounds the gerundismo, which is believed to be related to a bigger phenomenon of variation between the infinitive and the gerund.

Key words: gerund, gerundismo, future, Sociolinguistics.

Lista de gráficos e tabelas

Tabela 1: Distribuição dos dados de coleta ortodoxa.....	54
Tabela 2: Distribuição dos dados de coleta ortodoxa e de observação participante.....	54
Tabela 3: Distribuição geral e real dos dados.....	60
Tabela 4: Distribuição geral com dados de observação participante.....	61
Tabela 5: Efeito do tipo de texto.....	63
Tabela 6: Efeito para o tipo de advérbio em rodada eneária.....	65
Tabela 7: Efeito da tipologia aspectual em rodada eneária.....	67
Tabela 8: Efeito para o tipo de oração em rodada eneária.....	68
Tabela 9: Efeito do tipo de texto para gerundismo não expandido e gerundismo expandido.....	69
Tabela 10: Advérbios para g. não expandido e g. expandido.....	70
Tabela 11: Tipo de texto para g. não expandido e fut. perifrástico.....	71
Tabela 12: Tipo de advérbio para g. não expandido e fut. perifrástico.....	72
Tabela 13: Efeito do tipo de oração para g. não expandido e fut. perifrástico.....	73
Tabela 14: Tipo de texto para g. expandido e fut. simples.....	73
Tabela 15: Tipo de oração para g. expandido e fut. simples.....	74
Tabela 16: Tipo de texto para fut. perifrástico e g. expandido.....	75
Tabela 17: Tipo de oração para fut. perifrástico e g. expandido.....	75
Tabela 18: Tipologia aspectual para fut. simples e g. não expandido.....	76
Tabela 19: Tipo de oração para fut. simples e g. não expandido.....	77
Tabela 20: Tipo de texto para fut. simples e fut. perifrástico 1.....	78
Tabela 21: Tipologia aspectual para fut. simples e fut. perifrástico 1.....	78
Tabela 22: Tipo de texto para fut. simples e fut. perifrástico 2.....	79
Tabela 23: Tipologia aspectual para fut. simples e fut. perifrástico 2.....	79
Gráfico 1: Efeito para o tipo de texto em análise eneária.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	
Esclarecimentos e Análises Iniciais.....	4
CAPÍTULO 2	
Aparato Teórico-metodológico.....	19
2.1 A variação e a mudança lingüística.....	19
2.2 A análise quantitativa.....	25
2.3 O problema da avaliação.....	30
CAPÍTULO 3	
3. Caracterização dos fatos em análise.....	36
3.1 A questão do Aspecto e tipologias aspectuais.....	36
3.2 Aspecto, novidade e os tipos de gerundismo.....	43
3.3 As outras variantes.....	50
CAPÍTULO 4	
4. O tratamento quantitativo dos dados	54
4.1 Os grupos de fatores.....	54
4.1.1 Tipo de texto.....	55
4.1.2 Aspecto e temporalidade no advérbio.....	57
4.1.3 Tipo de oração.....	58
4.1.4 Tipologia aspectual.....	59
4.2 Distribuição geral e real dos dados.....	60
4.3 A análise eneária – resultados.....	62
4.3.1 Tipo de texto.....	63
4.3.2 Aspecto e temporalidade no advérbio.....	65
4.3.3 Tipologia aspectual.....	66
4.3.4 Tipo de Oração.....	67
4.4 Análise binária – resultados.....	68
4.4.1 Confronto entre gerundismo não expandido e gerundismo expandido.....	69
4.4.2 Confronto entre o gerundismo não expandido e futuro perifrástico.....	70
4.4.3 Confronto entre gerundismo expandido e o futuro simples.....	73
4.4.4 Confronto entre futuro perifrástico e gerundismo expandido.....	74
4.4.5 Confronto entre futuro simples e gerundismo não expandido.....	75

4.4.6 Confronto entre futuro simples e futuro perifrástico.....	78
4.5 Conclusões parciais.....	80
5. CAPÍTULO	
Indícios e reações diante da mudança lingüística.....	83
CONCLUSÕES.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS	

Introdução

A expressão da futuridade sempre foi um fenômeno lingüístico variável na língua portuguesa. Neste início de século XXI, pelo menos cinco formas distintas para esse fim convivem no português brasileiro. Três delas são, de forma mais ou menos explícita, referidas nas gramáticas escolares ou nos estudos lingüísticos que abordam o tema. As outras duas constituem o principal objetivo deste trabalho: as perífrases com gerúndio. Especificamente, a expressão do futuro é estudada nas seguintes formas:

- a. O futuro simples (enviarei);
- b. O futuro perifrástico (vou enviar);
- c. O presente (envio);
- d. A perífrase formada por *estar* (futuro simples) + gerúndio (estarei enviando);
- e. A perífrase formada por *ir* (presente) + *estar* + gerúndio (vou estar enviando).

O interesse pelo tema consiste no fato de que as perífrases com gerúndio na indicação do futuro têm suscitado discussões no meio acadêmico e, principalmente, fora dele, muito embora não sejam muitos os trabalhos que abordam a questão.

A dissertação de Santos (1997), pelas restrições ao presente e ao futuro do tipo *irei enviar*, tratou, em análise quantitativa, da variação entre os futuros simples e perifrástico a partir de dados de escrita do Diário do Congresso Nacional e da revista IstoÉ dos anos de 1994 e 1995. Essa autora, na análise quantitativa, considerou a variável tipo de texto como influenciadora da escolha das formas em questão. Seus resultados indicaram o espaço cada vez mais restrito do futuro simples na escrita formal enquanto o futuro perifrástico vai ganhando outros contextos, por isso, acredita na pertinência da separação entre dados de fala e de escrita pelas peculiaridades de cada modalidade. Santos (1997, p. 124) retoma a questão do “ciclo lingüístico” como um rearranjo para preencher o espaço deixado pela variante extinta. Ela menciona a possibilidade de que o futuro perifrástico possa ser “amplamente reconhecido pela teoria gramatical, o que pode culminar também com o desaparecimento gradual e lento da forma simples. Mas estas afirmações são, ainda, meras especulações”. Não há menção, nesse trabalho, às formas de futuro com gerúndio.

Em dissertação com orientação variacionista-funcionalista, Tafner (2004), além dessas formas constantes nos trabalhos sobre futuro, considerou o futuro perifrástico (vou fazer) e o futuro simples perifrástico (irei fazer), contrastando-as com as formas que contêm gerúndio e que apresentam o verbo *estar* na forma do futuro simples, do futuro perifrástico e do Presente, respectivamente, *estarei fazendo*, *vou estar fazendo* e *estou fazendo*, mostrando a íntima relação entre Tempo, Aspecto e Modalidade nos discursos das Assembléias Legislativas dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entretanto, o *gerundismo* não constituiu o cerne da sua análise.

É preciso lembrar que, assim como o Presente, a perífrase *estar* (Presente) + gerúndio (estou fazendo) tem restrições. A indicação de futuro nesses casos é perfeita para verbos de movimento, mas questionável para outras situações dinâmicas. Em tais situações, a presença de um advérbio, que, para o Presente resolve a ambigüidade, não é suficiente para tornar a sentença irrestritamente aceitável, o que é possível visualizar comparando *Hoje à noite eu **estou indo** para São Paulo* e *Hoje à noite estou **resolvendo/comprando/arrumando** isso para você*.

A tese de Oliveira (2006) considerou o futuro nas formas *enviarei*, *envio*, *vou enviar*, *irei enviar*, *hei de enviar* e *haverei de enviar*. Ela estudou a expressão do futuro na norma culta, na fala e na escrita, com dados das décadas de 70 e de 90 do século XX das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Estudou também dados de escrita do século XIII ao XX. Ela também concluiu que o futuro simples predomina na escrita formal e que está sendo cada vez menos usado na fala mais e menos formal e que o futuro perifrástico, principal concorrente da forma simples no século XX, tem se espalhado para vários contextos. Oliveira (2006), contudo, já observa a entrada das formas *vou estar imprimindo* e *estaremos entregando* no português brasileiro, mas é só.

Menon (2003), focalizando a gramaticalização de *ir* para expressar futuro, também acredita que o futuro simples vem se restringindo a textos escritos e só raramente aparece na fala, domínio do futuro perifrástico no português brasileiro. Para a autora, a variação entre o futuro perifrástico, o presente e a forma progressiva (*estou viajando amanhã*), no século XXI pode incorporar as formas com gerúndio. Ela lança a pergunta: “Que formas de futuro *vamos estar empregando* durante o século XXI?”

Pode-se dizer que a entrada das perífrases com gerúndio no conjunto das formas possíveis na indicação do futuro é um fenômeno relativamente recente. E essa entrada não tem se dado de

maneira “silenciosa”. Ao contrário, tem provocado muita polêmica e os usos das formas têm sido muito condenados.

Este estudo trata da variação entre essas formas mais novas com gerúndio na expressão do futuro e as outras mais antigas, na perspectiva da Teoria da Variação Lingüística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006; LABOV, 1972; LABOV, 2001).

A primeira parte desta dissertação conta uma fração das dificuldades metodológicas de se lidar com um fenômeno ainda pouco conhecido e estudado e que, por isso, exigiu que se montasse um *corpus*. Além disso, discute as reações contra o gerundismo e reúne argumentos para desmistificar as inverdades que têm sido ditas e escritas sobre ele e esclarece a origem dos dados.

O capítulo 2 expõe os pontos básicos da metodologia da sociolingüística variacionista bem como indica a sua aplicação a estudos de variação morfossintática. Esta parte também enfoca os procedimentos especiais exigidos pelo tratamento quantitativo de variantes raras.

O capítulo 3 caracteriza os tipos de gerundismo, com base na noção de Aspecto, e enumera brevemente as outras variantes. Também é neste capítulo que são feitos testes que revelam que as variantes sintáticas em questão têm o mesmo valor referencial, questão crucial para a argumentação desenvolvida.

O capítulo 4 apresenta os fatores que se acredita influenciarem o gerundismo e traz os resultados das análises estatísticas e a interpretação deles.

O capítulo 5 é reservado para aprofundar e discutir as questões relativas ao preconceito lingüístico e às reações preconceituosas contra o gerundismo e também os indícios de que uma mudança pode estar se expandindo no português brasileiro no que tange ao uso do infinitivo-gerúndio.

Na Conclusão, os resultados gerais são retomados assim como questões relativas aos julgamentos sobre o gerundismo.

Finalmente, o que é reportado neste trabalho foi feito com a preocupação de minimizar o máximo possível os termos técnicos para que pudesse ser lido e compreendido por qualquer leitor interessado.

1. Esclarecimentos e Análises Iniciais

“Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arroído.
Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu Subido.
(*Lusíadas*, X, 117)

No português brasileiro, os falantes parecem ter tomado consciência de que algo tem mudado em relação às perífrases verbais, especialmente às perífrases que indicam o futuro.

Há mais ou menos dez anos, formadores de opinião que têm expressão na mídia começaram a se referir a um fenômeno que chamaram de gerundismo, que seria um uso do gerúndio em uma situação considerada imprópria por essas pessoas, ou pelo menos situações em que o gerúndio não era usado e em algum momento passou a ser. De alguma maneira, esses formadores de opinião, como falantes, estariam reagindo a uma nova forma de se fazer referência ao futuro, isto é, a uma nova variante.

Uma das provas disso foi a publicação, no ano de 2001, do que ficou conhecido como Manifesto Anti-Gerundismo¹, em que o publicitário Ricardo Freire expôs os contextos em que o uso do gerúndio parecia ser uma novidade. Nesse manifesto, a estratégia de ataque ao gerundismo foi justamente a de usar perífrases com gerúndio em ambientes em que ele supostamente não deveria ocorrer, como em *Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando* em vez de *Este artigo foi feito especialmente para que você possa recortar* ou *Eu vou estar transferindo a sua ligação* em lugar de *Eu vou transferir a sua ligação*. O protesto foi claramente direcionado às pessoas que fazem uso dessa estrutura e teve resposta e contra-resposta.

De acordo com Scher & Viotti (2001), em um trabalho em que discutiram as semelhanças e diferenças entre o português brasileiro e o português europeu em relação ao que chamaram de forma progressiva do infinitivo, o gerundismo também vem sendo chamado “informal e pejorativamente, de ‘secretariês’, ‘burocratês’, ou ‘zero-oitocentês’”.

¹ Conferir Anexo 1.

Para as autoras, essas formas seriam usadas especialmente por um tipo de profissional que lida diretamente e oferece algum tipo de produto ou serviço ao cliente, mas que não tem o poder de resolver efetivamente a demanda desse cliente. Ressaltam, no entanto, que o gerundismo parece não se restringir a tal faixa profissional, embora esteja bastante presente na faixa etária abaixo dos trinta anos.

A afirmação de que o fenômeno é recorrente entre um determinado grupo profissional combina com a hipótese de que o gerundismo teria no *telemarketing* um ambiente bastante favorecedor, pois é um serviço que trata de venda de produto ou serviço em que o operador é um intermediário entre o público e o real fornecedor do produto ou prestador do serviço.

*Telemarketing*², de acordo com a Associação Brasileira de Telesserviços (ABT), é toda e qualquer atividade desenvolvida através de sistemas de telecomunicações que objetivam ações de *marketing*, que são ações padronizadas e contínuas, estrategicamente formuladas, que visam a influenciar o público quanto a determinada idéia, instituição, marca, pessoa, produto, serviço, etc.

Segundo a ABT, no Brasil, esse tipo de atividade, que engatinhava nos anos 50 do século XX, se materializava quando o consumidor encontrava nas páginas amarelas das listas telefônicas uma equipe de vendedoras capacitadas para vender anúncios de classificados através do telefone. No fim dos anos 80, as filiais de multinacionais, cartões de crédito, editoras e as operadoras de telefonia incentivaram seu uso, estas últimas com a finalidade de aumentar o volume de ligações. Nos anos 90, essa atividade continuou em franca ascensão de modo que, segundo a ABT, nos três primeiros anos da primeira década do século XXI, esse setor cresceu 235%, gerando mais de 600.000 empregos diretos.

Considerando que o gerundismo estivesse restrito, ou quase restrito, ao *telemarketing*, o incremento do setor confirmaria o aumento do uso da forma, o que justificaria a publicação do Manifesto Anti-Gerundismo, ou seja, se o gerundismo fosse exclusivo do *telemarketing*, o aumento das ligações ao consumidor aumentaria seu número de ocorrências, o que levaria à percepção do fenômeno, pois não se trata exatamente de que o gerundismo não existisse, mas pelo menos de que não era tão perceptível. O Manifesto, então, significou que o falante percebeu o fenômeno porque a quantidade de ligações foi aumentando e, aumentando a frequência, o

² Em <http://www.abt.org.br> / acesso em 8 de julho de 2007.

gerundismo acabou por se tornar muito perceptível. E esse foi um dos motivos que levou à reação expressa no Manifesto.

Por outro lado, desde a sua publicação, várias outras personalidades da mídia, professores de português, advogados, jornalistas e emissoras de TV entraram na luta contra o uso do gerundismo. O grande público vem assistindo à ‘malhação do gerúndio’, em colunas de grandes jornais³, *blogs* e comunidades em *sites* da *internet*, em revistas especializadas, programas de TV e telenovelas, e vem encampando essa ‘luta’.

Na novela *Belíssima*, por exemplo, exibida pela rede Globo de TV no ano 2006, a personagem da vilã Bia Falcão apareceu algumas vezes repreendendo a secretária da empresa pelo uso do gerundismo. Também na rede Globo, no quadro *Família Telemarketing*, do programa humorístico *Casseta & Planeta*, todas as formas verbais são perífrases com gerúndio. Nos programas *Charme* e *Rock Gol*, do SBT e MTV, respectivamente, é possível flagrar os apresentadores fazendo menção em tom pejorativo ao gerundismo e ao uso do gerúndio. O *Jornal Hoje*, os jornalistas Alexandre Garcia e Dad Squarisi em Brasília, as comunidades no *site Orkut* e os *blogs* na *internet* também dão exemplos dos ataques ao uso do gerundismo e do gerúndio.

O *Jornal Hoje*, por exemplo, da rede Globo de TV, em matéria veiculada em outubro de 2006, associa o fracasso do candidato numa entrevista de emprego ao fato de ele “falar e escrever errado”⁴ e mostra quais são os “erros” mais comuns. E o gerundismo do tipo ‘vamos estar fazendo’ está entre eles.

O jornal *on-line* Último Segundo⁵, influenciado pelo Manifesto, instituiu o 28 de março, em 2001, como o “Dia sem gerúndio”. A matéria classifica o gerundismo como um vício de linguagem, fruto de uma má tradução do inglês que tem se espalhado feito praga.

O jornal O Globo, em março de 2006, informou que as empresas de *telemarketing*, preocupadas com o fato de que o gerundismo estava “denegrindo de certa forma a imagem dos profissionais que trabalham no setor”, estavam implementando procedimentos para eliminar o gerundismo. De acordo com a matéria, em uma certa companhia no Estado do Rio de Janeiro, o

³ Conferir Anexos 2 e 3.

⁴ Conferir Anexo 4.

⁵ No endereço <http://www.jornalismo.ufsc.br/arquivo/noticias/no/2001/manifesto.html#materia>, acesso em 8 de julho de 2007.

operador de *telemarketing* que durante determinado período de tempo não usasse “verbos no gerúndio inadequadamente” ganharia um adicional de até 70% do salário por semestre⁶.

As várias empresas citadas na reportagem tinham em comum a preocupação com o que consideram o bom uso do idioma. Uma delas, pouco tempo antes, tinha passado a oferecer cursos de língua portuguesa também para os seus executivos, pois havia percebido que o “hábito” estava instalado também no “alto escalão”. A matéria é fechada com a afirmação de que o uso do gerundismo prolonga o tempo de atendimento, o que é ruim para a empresa, já que o cliente espera ser atendido com rapidez, e “o gerundismo é uma forma de as pessoas não se comprometerem com prazos”.

O que tem circulado na *internet* sobre o gerundismo oferece farto material para o entendimento dos fatores sociais envolvidos na polêmica e, por esse motivo, essa fonte não foi ignorada nesse trabalho. Uma das afirmações que têm sido recorrentemente feitas é a de que o gerundismo seria cópia das perífrases progressivas do inglês para o português via manuais de *telemarketing* e que, a partir daí, teria se espalhado para outros meios. Essas pressuposições, todavia, esbarram em alguns pontos importantes.

O primeiro deles diz respeito a até que ponto seria razoável aceitar que os brasileiros teriam um domínio tal do inglês e interações suficientes a ponto de que ocorresse um fenômeno de interlíngua. Schmid e De Bot (2004, p. 212), citados na dissertação de Capilla (2007, p. 21), falam de influência interlingüística quando uma segunda língua (L2), a que é adquirida após a língua materna (L1), é muito usada a ponto de promover modificações nesta, de modo que L1 começaria a perder elementos, que seriam, em seguida, preenchidos pelos elementos da segunda língua.

Em segundo lugar, seria necessário aceitar que bastaria ouvir a forma para que se passasse logo em seguida a produzi-la. Terceiro, que o fenômeno gerundismo está envolvido pela variação que ocorre no português brasileiro entre o futuro simples⁷ (*farei*) e o futuro perifrástico (*vou fazer*). Esses questionamentos já foram feitos por Menon (2004).

Além disso, acredito que o gerundismo precisa ser pensado como uns dos resultados de o infinitivo estar perdendo um espaço que vem sendo ocupado por *estar* + *-ndo*, ou seja, como

⁶ Conferir Anexo 5.

⁷ O Futuro simples de que falamos é simples em oposição a perifrástico (*farei* x *vou fazer*), e não simples em oposição a composto (*farei* x *terei feito*).

uma das conseqüências de uma tendência mais ampla, que é a do uso de gerúndio em contextos diversos, e que está se expandindo. Comparem-se as construções⁸ a seguir com seus pares:

a. “Eu vou tá ligando pro motoqueiro e vou tá avisando PRA ELE TÁ DANDO preferência pra entrega da senhora”⁹ e

a’. Eu vou tá ligando pro motoqueiro e vou tá avisando PRA ELE DAR preferência pra entrega da senhora;

b. “Nós precisamos pensar na Previdência de 2.030, 2.035... É por isso que nós PRECISAMOS TÁ DISCUTINDO a Previdência” e

b’. Nós precisamos pensar na Previdência de 2.030, 2.035... É por isso que nós PRECISAMOS DISCUTIR a Previdência;

c. “Ela PODE TÁ ABRINDO exceção pra senhora” e

c’. Ela PODE ABRIR exceção pra senhora;

d. “A IES NECESSITA ESTAR ADEQUANDO os espaços de infra-estrutura básica e de outros serviços, como áreas de alimentação e convivência, em conformidade com o plano piloto de desenvolvimento da IES” e

d’. A IES NECESSITA ADEQUAR os espaços de infra-estrutura básica e de outros serviços, como áreas de alimentação e convivência, em conformidade com o plano piloto de desenvolvimento da IES;

e. “Elas explicam a melhor forma de TÁ TRATANDO uma mulher” e

e’. Elas explicam a melhor forma de TRATAR uma mulher;

f. “(...) aos pedestres que tomem o maior cuidado ao ESTAR ATRAVESSANDO a rodovia” e

f’. (...) aos pedestres que tomem o maior cuidado ao ATRAVESSAR a rodovia;

⁸ Os exemplos de a. a g. são todos reais e os pares a’ a g’ são adaptações.

⁹ Em todo o texto, usei caixa alta para destacar os dados.

g. “O professor Fulano gostaria de ESTAR MARCANDO uma reunião com os representantes para discutirmos sobre a prova institucional e as atividades complementares” e

g’. O professor Fulano gostaria de MARCAR uma reunião com os representantes para discutirmos sobre a prova institucional e as atividades complementares.

A comparação entre os dados reais (a. a g.) e as sentenças adaptadas (a’. a g’.) corrobora essa hipótese da alternância mais ampla entre o infinitivo e *estar* + *-ndo*, que cobre não só o gerundismo que é variante na expressão do futuro, mas também essas outras perífrases em orações adverbiais finais e temporais, em orações substantivas e em orações com verbos modais, que não necessariamente indicam futuro.

Scher & Viotti (2001) apontam fenômeno semelhante em relação ao Subjuntivo:

i. “*eu quis que ele estivesse me dando uma receita do creme com vitamina C*”;

ii. “*não é um material que a gente esteja precisando reciclar*”

e ao Futuro do Pretérito:

iii. “*a senhora estaria recebendo o jornal gratuitamente e, durante o período de 15 dias, estaria analisando e decidindo se quer ser assinante ou não*”.

Finalmente, por que o gerundismo teria se espalhado para outros contextos a partir do *telemarketing* se o público, como amplamente verificado nas manifestações feitas na mídia, tem demonstrado a avaliação negativa em relação a essas perífrases? Ou seja, se o público condena uma forma associada ao *telemarketing*, por que passaria a usá-la?

Com relação à estrutura, quando essa pesquisa começou, foi necessário fazer duas distinções importantes. Sob o rótulo de gerundismo estavam tanto as perífrases com valor de futuro (“Não é nesse setor, senhor. Mas eu VOU ESTAR TRANSFERINDO. O banco XXX agradece a sua ligação” 5/2/2007 BH-MG) quanto as perífrases em orações adverbiais finais (“Eu vou tá avisando pro motoqueiro *pra* ele TÁ DANDO preferência pra entrega da senhora” 19/03/2007 – balconista em farmácia) e em orações adverbiais temporais (“(...)Aos pedestres que tomem o maior cuidado *ao* ESTAR ATRAVESSANDO a rodovia”) e também as perífrases com verbos modais (“Vou ficá te esperando pra gente PODÊ TÁ VENDENDO alguma coisa” – sem data – situação de corretagem de imóvel). Essa separação é necessária porque o valor referencial

de cada tipo de construção é distinto. Logo, não se trata de variantes da mesma variável. Entendo que são claramente fenômenos diversos, embora relacionados.

Optei por analisar quantitativamente o gerundismo no sentido de forma variante na expressão do futuro, sem, contudo, ignorar aqueles dos outros contextos, que, mesmo fora da análise quantitativa, tiveram importância decisiva numa visão de conjunto para o entendimento de uma possível ampliação de uma mudança em curso.

É preciso enfatizar a peculiaridade do fenômeno em estudo. Seja pela recentidade, seja pela polêmica, reitero que tudo que já foi publicado ou falado na mídia é importante para a interpretação e compreensão dos fatos, pois esse farto material fornece pistas valiosas para as sistematizações que são possíveis até esse momento.

Tendo em vista o conceito laboviano de Comunidade de Fala, que será retomado no item 2.1, é preciso interpretar a avaliação do falante em relação ao gerundismo, seja porque existe a suposição de que um determinado grupo social é o responsável pela difusão do fenômeno, seja pelo *status* que têm aqueles que o condenam.

Na citada matéria do jornal o Globo, por exemplo, fica explícita a diferenciação dos grupos e dos valores sociais atribuídos às variantes usadas por cada um deles. Descobri, informalmente, em entrevistas com teleoperadores, que o valor social atribuído ao grupo que utiliza formas chamadas “informal e pejorativamente, de ‘secretariês’, ‘burocratês’, ou ‘zero-oitocentês’”, ou seja, o valor social de um grupo caracterizado por, na maior parte das vezes, não receber mais do que dois salários mínimos por mês, por ser submetido a um trabalho altamente estressante e por, em geral, não ter como exigência nível superior de ensino, definitivamente não é o mesmo atribuído ao “alto escalão”.

Por outro lado, as diversas opiniões colhidas da mídia também permitem captar o sentimento do falante frente à perspectiva da mudança. Como os membros de uma mesma comunidade de fala, ligados por valores sociais em relação aos fatos da língua, reagem à iminência da mudança?

A assimilação desses julgamentos de valor remete ao estudo da língua nas situações reais de uso, inclusive com as singularidades de lidar com a raridade do fenômeno sob análise, no sentido apontado em Sankoff (1988 b), e daquelas decorrentes do trabalho de gravar e degravar a fala de situações concretas, como mostra Labov (1972, cap. 8). As variantes raras podem não

ocorrer nenhuma vez em um *corpus*, mas podem representar uma mudança que está começando. As questões relativas à importância e ao cuidado de lidar com variantes desse tipo serão retomadas adiante.

A gravação de situações reais tem a grande vantagem de fornecer dados bastante confiáveis no sentido de que o falante não está se monitorando e, por isso, deixa aflorar sua língua de maneira natural. Entretanto, nessas situações, também ocorrem barulhos, várias pessoas falam ao mesmo, riem, etc. A gravação em estúdio, por outro lado, embora de ótima qualidade acústica, fica comprometida porque o falante tende a ser mais formal do que seria se não soubesse que está sendo gravado.

Uma das particularidades no estudo do gerundismo diz respeito à necessidade de se montar um *corpus*, porque, de acordo com o que se pode ler na *internet* sobre o assunto, e na mídia como um todo, trata-se de novidade.

De acordo com o que era dito à época do início da coleta dos dados, no ano de 2006, tratava-se de um fato novo na língua e que, portanto, era de se supor que ocorresse mais na fala do que na escrita. Por outro lado, embora se dissesse que o gerundismo era muito freqüente e que essa freqüência aumentava cada vez mais, era visível que ele não ocorria aleatoriamente em qualquer situação e, por isso, era preciso mapear seu *locus*.

Se são corretas as afirmações de Scher & Viotti (2001) e de Possenti (2005) de que o setor de serviços seria propício para a ocorrência do fenômeno, seria muito útil entrar nesse mundo para coletar dados e também para saber se de fato ocorreu a suposta má tradução dos manuais de *telemarketing*. Porém os contatos com empresas do ramo em Brasília foram todos frustrados. Os supervisores de *telemarketing* contatados recusaram-se a expor a metodologia utilizada no treinamento de teleoperadores.

Era amplamente divulgado nos *sites* da *internet* que no setor de serviços, principalmente no *telemarketing*, o gerundismo era fartamente encontrado. Mas esse é um setor muito fechado. Era nítido que o gerundismo ocorria em um ambiente mais ou menos específico, mas esse ambiente era inacessível.

Assim, tornou-se necessário buscar esses dados além desse nicho na tentativa de estabelecer qual era, de fato, seu meio favorecedor. A partir desse entendimento, começou um

trabalho de garimpagem para construção de um *corpus*. Foi necessário fixar o olhar em vários ambientes diferentes.

O primeiro desses ambientes foram os discursos disponíveis no *site* do Senado Federal.

De acordo com a dissertação de Santos (1997), que também estudou a variação na expressão do futuro verbal e que utilizou os textos do Diário do Congresso Nacional do ano de 1995, discursos desse tipo, debates, diálogos e apartes, além da conveniência de já estarem transcritos, constituiriam uma boa amostra dos estilos mais formais de fala, pois, nessas situações, os discursadores sabem, ainda que o discurso seja improvisado, que estão sendo filmados, que estão ao vivo na TV e que tudo o que disserem poderá ser publicado, ou seja, em situações como essas, os falantes tendem a monitorar bastante a fala.

De fato, nessa amostra só ocorreram duas formas de futuro: a simples (*farei*) e a perifrástica (*vou fazer*). A primeira delas apresentou uma percentagem de ocorrência um pouco menor do que a média geral: 37,9% contra a média geral de 40,9%. Já a média do futuro perifrástico nesse contexto foi de 62,1% contra a média geral de 50,6%. Esses números serão retomados no item 4.2.

O fato de só essas duas variantes terem sido encontradas nesse contexto, e com essas médias, indica que o futuro perifrástico é a forma menos marcada, a única capaz de transitar por todos os contextos, inclusive por aquele mais formal. Além disso, foi possível ver que o gerundismo não é uma estrutura presente nas situações com essas características de formalidade.

Uma vez constatado que o gerundismo não era encontrado em contexto formal, o passo seguinte, e no sentido oposto, foi verificar as situações de fala mais informal, ou seja, aquelas em que o falante está descontraído, sem monitorar a fala.

Decidi, então, gravar quinze horas dos programas Pânico e Transalouca, das redes Jovem Pan e Transamérica, nos meses de agosto e setembro de 2006. Trata-se de dois programas diários com alto teor de humor e conduzidos de maneira bastante informal. Embora os apresentadores provavelmente tenham ciência de que também podem estar sendo gravados, esses programas têm um público que procura justamente descontração, brincadeiras, piadas, etc. Nos dois programas há apresentadores que não seguem à risca a norma padrão.

A parte que me interessava nesses programas eram as entrevistas com artistas e personalidades da mídia, porque os entrevistados aproveitam essas ocasiões para promover suas estréias e falar de seus planos profissionais, ou seja, essas entrevistas constituem um ambiente muito propício para a ocorrência de formas futuras. Além disso, a forma como os programas fluem faz pensar que não existe roteiro rígido, que tanto o apresentador quanto o entrevistado têm liberdade para dar um rumo inesperado à conversa.

Uma parte do trabalho transcrever o material que estava em áudio. As primeiras horas de gravação foram minuciosamente examinadas em busca de todas as formas de futuro e houve pouquíssimas ocorrências de gerundismo. Com quase metade do material de áudio analisado, cheguei à conclusão de que a complicada tarefa de varrer quinze horas de gravação em busca do gerundismo seria infrutífera, pois, se até aquela altura esse tipo de estrutura ainda não tinha se mostrado numeroso, como se dizia que era o caso do *telemarketing*, insistir na busca seria teimosia. Assim, para as últimas quatro horas e meia de gravação, em vez de fazer uma coleta convencional, lancei mão do recurso de observação participante, que, de acordo com Sankoff (1988 b), é uma alternativa para se proceder à análise quantitativa de variantes raras, pois, mais uma vez, estava diante de uma situação que não favorecia o gerundismo.

Conforme Sankoff (1988b), quando uma variante é muito rara, ocorrendo poucas vezes num *corpus*, ou mesmo não ocorrendo nenhuma vez, é legítimo registrar as ocorrências da variante rara à medida em que ela é lida ou ouvida e é possível trabalhar com esses dados como se eles fizessem parte da mesma amostra que os outros. No entanto é preciso observar que a estimativa de *input*¹⁰, ou média global estatisticamente corrigida, não tem interpretação significativa.

O fato de a variante ser rara a ponto de não aparecer num *corpus* inteiro pode indicar o início ou fim de uma mudança ou um tipo de contexto raro. Nesses casos, Sankoff (1988b) esclarece que exemplos dessas variantes podem ser obtidos quando são ouvidos em conversas do dia a dia (LABOV, 1972, p. 205), no rádio, na televisão, ou mesmo quando são lidos. Desse modo, pode-se dizer que o pesquisador lida com dois *corpora*: um, convencional, minuciosamente examinado, com a distribuição da(s) outra(s) variante(s) pelos diversos contextos; outro, composto exclusivamente pela variante rara.

¹⁰ Guy e Zilles (2007, p. 238) informam que quando a distribuição dos dados não é equilibrada, o valor do *input* deve corrigir esse desequilíbrio.

O problema da análise estatística nesses casos é resolvido da seguinte maneira: o pesquisador reúne os dois *corpora* como se todos os dados fossem provenientes de coleta ortodoxa e procede normalmente às análises com o cuidado de ignorar as médias e considerar apenas os pesos relativos, que são indicadores mais seguros. Se na coleta convencional não ocorreu a variante procurada e os dois *corpora* são reunidos, a média da variante rara obviamente não será real.

De acordo com Sankoff (1988 b, p. 1160),

Este problema tem sido estudado na Estatística (cf. BISHOP, 1969, 119) e a solução, de certa forma surpreendente, é que a análise pode ser feita normalmente com os conjuntos de dados combinados, como se todos eles se originassem do mesmo *corpus*. A única diferença é que a estimativa de m [*input*] não tem interpretação significativa, uma vez que isso dependeria fortemente da quantidade total (desconhecida) de fala a partir da qual os exemplos da variante rara foram extraídos. Todavia, as estimativas do efeito do fator têm a sua interpretação normal e não são afetadas pela origem dupla dos dados.

Coleta de dados ortodoxa está sendo entendida como o trabalho de examinar meticulosamente a amostra e contabilizar todas as ocorrências de todas as variantes de uma variável. Esse tipo de coleta contrasta com a do tipo observação participante porque, nos casos de estudo de variante rara, os dados colhidos representam somente essa variante, o que não quer dizer que, nessa mesma amostra em que os dados raros foram colhidos, não ocorreram dados da(s) outra(s) variante(s). Dito de outra forma, esse tipo de coleta distorce o total real de ocorrências da variante rara, porque, na amostra em que ela foi colhida, não se contabilizaram as ocorrências das outras variantes. É precisamente por esse motivo que Sankoff (1988b, p. 1161) enfatiza que, quando é necessário se utilizar desse tipo de coleta, as médias de ocorrências não devem ser consideradas, mas apenas os pesos relativos, que corrigem essa distorção.

Voltando ao foco, a questão que se coloca é: há um ambiente dito propício para a ocorrência de gerundismo (o *telemarketing*), mas de onde é árduo colher dados, a menos que se crie uma situação espúria, pois sempre houve a possibilidade de forçar conversas telefônicas com empresas de *telemarketing*, mas sempre houve também a dificuldade de se fazer um “grampo telefônico”. Então era preciso descobrir onde, de fato, ele ocorria. Investigadas as situações mais formais e mais informais de fala, ficou constatado que, pela baixa ocorrência,

esses não são ambientes favorecedores do fenômeno. Porém é inegável que o gerundismo existe, que é perceptível e socialmente estigmatizado¹¹. Afinal é até capaz de gerar manifestos, debates e decretos¹². É claro também que as situações em que ocorre são de certo nível formalidade, mas não são situações tão formais quanto as dos discursos do Senado.

No caso do gerundismo, trata-se de situações em que há certa assimetria entre os interlocutores, em que um tenta vender certa idéia ou produto, negociar, fazer proposições, em reuniões de trabalho, em transações bancárias, aulas, tanto de nível médio quanto de nível superior, etc. E a formalidade expressa nessas situações assimétricas se ajusta perfeitamente ao serviço do *telemarketing*. São situações que exigem formalidade, mas uma formalidade que não distancie tanto um interlocutor do outro na tentativa de se criar maior empatia. São situações em que a formalidade do futuro simples, na fala, pode soar arrogante, mas, no mínimo, não é usual.

Esse quadro esclareceu duas questões. Em primeiro lugar, embora se dissesse que o gerundismo era uma estrutura do *telemarketing*, era muito contundente o fato de que não se tinha dados colhidos no *telemarketing*, mas havia dados colhidos nas situações como as descritas anteriormente. Ou seja, tratava-se de uma prova importante de que o gerundismo não estava restrito àquele contexto.

O segundo ponto foi o entendimento de que o estabelecimento dos extremos *fala muito formal* e *fala muito informal* não era capaz de acolher o gerundismo, pois essa escala sem zona de transição criava um vácuo entre esses extremos, que não eram, de fato, os ambientes favorecedores do fenômeno estudado.

Então foi preciso rever essa postura e criar uma escala de três graus, em que o ponto médio eram as situações formais, como as de compra e venda e reuniões de trabalho, e não as formais como os discursos de parlamentares nem as informais, como as entrevistas dos programas de rádio.

É preciso esclarecer que essa escala se refere à fala, porque, no que diz respeito à escrita, elegi para a análise, basicamente, um tipo de dado, que são os boletins informativos da Universidade de Brasília dos meses de outubro de 2005 a junho de 2006. A motivação da escolha desse tipo de dado decorreu do fato de ser uma escrita que propicia o uso estruturas que indicam futuro, como convites, avisos de eventos, palestras, etc. Além disso, esses dados foram

¹¹ Conferir os anexos 1, 2, 3, 4, 5 e 8.

¹² Conferir os anexos 1, 2, 6 e 7.

considerados uma boa amostra de escrita formal por se tratar de comunicações feitas pela e para a comunidade universitária.

Por conta dos primeiros dados colhidos dos discursos, percebi que o gerundismo não era uma estrutura das situações formais, o que me levou a pensar que ele não seria encontrado na escrita. Essa hipótese não se confirmou, porque o gerundismo do tipo “Nesse volume, além dos artigos e resenhas relacionados às linhas de pesquisa do programa Literatura e Cultura e Linguagens e Cultura ESTAREMOS EDITANDO um dossiê comemorativo de publicação do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa”, ocorreu na escrita formal. Este foi um dado proveniente de um informativo da Universidade Federal da Paraíba, relativo a uma chamada para publicação de trabalhos na própria UFPB, em março de 2006.

O dado “Notícia-se que a XXXX ESTARÁ OFERTANDO 4 bolsas aos acadêmicos de Direito através do PROUNI” provém de um relatório feito por avaliadores, todos mestres ou doutores, de um cadastro nacional mantido pelo Ministério da Educação e pelo Instituto Nacional de Pesquisa em Educação Anísio Teixeira para reconhecimento de curso de Direito, em dezembro de 2006.

Por meio da coleta convencional, nas amostras escolhidas, ficou claro que o gerundismo é uma variante rara, a despeito do que se ouve dizer. Até mesmo no *telemarketing* resta a dúvida de que, pelo fato de o atendimento ser padronizado, repetitivo, as ocorrências sejam numerosas e diversificadas. Não é possível afirmar com certeza se o gerundismo tem grande número de ocorrências no *telemarketing* ou se nesse ambiente ele é menos freqüente do que o futuro perifrástico, por exemplo, mas as poucas ocorrências se sobressaem no universo de todas as formas que indicam futuro, e isto porque não foi possível gravar um diálogo inteiro e contabilizar todas essas formas de futuro.

Então se fez necessário recorrer à coleta de dados por meio de observação participante para estabelecer os fatores lingüísticos que influenciavam a escolha do gerundismo. Esse procedimento tornou possíveis as conclusões baseadas nas análises estatísticas dos programas Varbrul (PINTZUK, 1988; SCHERRE, 1992) e GoldVarbX (TAGLIAMONTE, 2006; SANKOFF, D., 2005; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E, 2005).

Nesse tipo de coleta, no entanto, especialmente quando o dado é ouvido, muita coisa se perde. Embora sejam dados tão reais e tão confiáveis quanto os de coleta ortodoxa, muitas vezes

não foi possível anotar a frase inteira, muitas vezes não foi possível distinguir claramente como se “materializou” o verbo *estar* (ele vai *tá* transferindo ou ele vai *estar* transferindo). Na fala, não foi possível controlar paralelismo sintático e, na escrita, idade, grau de escolarização ou sexo do falante.

Enfim, são muitas as polêmicas e dificuldades para o estudo de um fenômeno sintático com uma variante rara, recente e altamente estigmatizado. E há também o preconceito que o envolve e ao qual o falante comum não fica imune. Entretanto, a fiscalização ostensiva de professores e entrevistadores de emprego, as tentativas de se justificar porque o gerundismo é errado, a real intenção por trás de algo como “não precisa dizer ‘*vou estar enviando*’, basta dizer *vou enviar* ou *enviarei*” e as diversas opiniões sobre o tema são indícios importantes de que podemos estar diante da expansão de uma tendência antiga na língua, que é a da ampliação dos usos do gerúndio (CAMPOS, 1972; MOTHE, 2006).

No mês de junho de 2007, em que a taxa de desemprego caiu para 15,9% de acordo com pesquisa feita pela Fundação Seade e pelo Dieese, nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador e no Distrito Federal, conta-se o exército de mais de 16 milhões de desempregados. O setor de serviços contribuiu para essa queda com a criação de 150 mil novas ocupações¹³.

Nesse quadro, de um lado está a massa de desempregados e de jovens em busca do primeiro emprego vendo nos meios de comunicação dicas do que deve ser feito e do que deve ser evitado na busca por trabalho; de outro, o gerundismo figurando entre as piores coisas que um entrevistador gostaria de ouvir¹⁴. Como a mídia abre espaço para que as pessoas tidas como autoridades em língua portuguesa possam atacar reiteradamente um fato genuíno do português brasileiro, o falante comum acaba se rendendo à ditadura dos guardiões da boa língua... E, ainda que o gerundismo seja uma novidade legitimamente brasileira, um fato natural da língua, como vai mostrar essa análise, as forças internas, ou seja, forças lingüísticas inconscientes, têm coexistido com o preconceito lingüístico.

Talvez o gerundismo seja fenômeno dos mais estigmatizados de que se teve notícia no português brasileiro, capaz de provocar tamanho alvoroço. Apesar de assédio moral, castigos físicos, mortes e morte de línguas, até este início de século XXI, é novidade a modalidade de

¹³ Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20070726/not_imp25130,0.php, acesso em 16 de agosto de 2007.

¹⁴ Conferir Anexos 4 e 5.

preconceito premiação/punição em dinheiro aplicada ao falante que usasse uma forma inovadora. E, já com a redação deste trabalho iniciada, assisti à atitude infeliz de um governador de Estado de usar um meio oficial para “demitir”¹⁵ um recurso da língua como justificativa de coibir a ineficiência do serviço público¹⁶.

É hora de começar a esclarecer alguns fatos.

¹⁵ Conferir Anexo 6.

¹⁶ Conferir Anexo 7.

2. Aparato Teórico-metodológico

2.1 A variação e a mudança lingüística

O fato implacável de que todas as línguas variam nas situações concretas de uso é realidade e objeto da pesquisa sociolingüística. Para Labov (1972, p. 203), a existência de uma comunidade de fala sem tal característica chega a ser mesmo duvidosa.

Enquanto a língua medeia as interações entre os homens, forças sociais estão sempre interferindo nessa relação. E a variação decorrente dessa atividade humana superior é passível de investigação e sistematização, como têm demonstrado vários trabalhos a partir da década de 60 do século XX, de que são exemplos clássicos os estudos sobre a centralização de ditongos em Martha's Vineyard e sobre a pronúncia do /r/ em Nova York, ambos reportados por Labov (1972).

A heterogeneidade ordenada dos sistemas lingüísticos, confirmada pelas várias situações em que se constata mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, não compromete a estrutura desses sistemas. Tanto é que, nos momentos de variação, que precedem as mudanças lingüísticas, as línguas não deixam de atender perfeitamente as necessidades comunicativas do falante.

Tal realidade pressupõe a aceitação da língua como um sistema diferenciado, como proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006), segundo o qual na competência lingüística do falante já está prevista a habilidade de compreender cada uma das formas concomitantemente disponíveis em determinada língua, até mesmo aquelas que ele não usa ativamente. Esse é um sistema diferenciado também no sentido de que as normas sociais em relação aos usos lingüísticos e compartilhadas pelos grupos são sensíveis a mudanças na estrutura social (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 99 e seguintes), porque as formas permutáveis podem estar em competição, mas podem não estar isoladas em contextos específicos, pois não se trata só de competição, mas também de variação. E a aplicação das regras que orientam a ocorrência de uma ou de outra variante não depende exclusivamente de questões relacionadas à estrutura, mas também de fatores extralingüísticos.

Essa heterogeneidade ordenada de que falam Weinreich, Labov e Herzog (2006), então, aponta na direção de que as formas alternativas podem ter funções e valores sociais diferenciados. Labov (1972, p. 251) declara, inclusive, que valores sociais só são atribuídos a regras lingüísticas quando existe variação. Uma prova disso seria que os valores sociais atribuídos a um determinado grupo são transferidos para as características específicas à fala deste grupo, exatamente como aponta Gnerre (1998, p. 6) ao afirmar que “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes”. Isso equivale a dizer que, quanto menos prestígio tiver um falante, ou grupo de falantes, na escala dos valores sociais, pior tende a ser a avaliação da variedade utilizada por ele e mais escandalosos serão os desvios da norma autoritariamente estabelecida (BAGNO, 2003, p. 29).

Labov (1972, p. 178-179) chama atenção para o fato de que existe um estágio em que a “novidade” está restrita a um subgrupo da comunidade de fala e representa um traço de identidade desse grupo. A variação está abaixo do nível de consciência e não tende a provocar rejeição, dentro do grupo. Por outro lado, quando o fenômeno variável diferencia grupos de mais e menor *status* social, o grupo de mais *status* pode eventualmente estigmatizar as marcas características do outro e se valer de instituições sociais para exercer controle sobre essas divergências.

A discussão de tais questões deve retomar o conceito laboviano de comunidade de fala (LABOV, 1972, p. 248), de acordo com o qual os falantes estão ligados como grupo por terem as mesmas atitudes em relação à língua, ou seja, pertencem a uma mesma comunidade de fala falantes que fazem as mesmas avaliações dos próprios usos lingüísticos e dos usos dos membros de outros grupos. O conceito de comunidade de fala, porém, de maneira mais ampla, engloba não só “as normas sociais de uso da fala” e “a existência de normas sociais de avaliação dos sistemas lingüísticos”, mas também diz respeito ao sentimento de pertencimento do falante a um grupo, o que “ultrapassa fronteiras geográficas”¹⁷.

Para Labov (1972, p. 120), a comunidade de fala não é definida por qualquer marca de concordância no uso dos elementos da língua, mas pela participação num conjunto de normas partilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativos e pela uniformidade dos padrões abstratos de variação, que refletem a heterogeneidade ordenada.

¹⁷ Scherre (2006).

A observação desse conceito deve ser levada em conta porque revela a influência das forças sociais nos usos lingüísticos do indivíduo, assim como a observação da resultante da interação dessas forças distintas que atuam simultaneamente traduz o uso da língua em situações concretas, somente nas quais é possível captar os verdadeiros sentimentos em relação à língua. Daí a necessidade de estudá-la no contexto em que se realiza, mesmo com uma virtual agramaticalidade da fala, pois, segundo Labov (1972, p. 203), a grande maioria das sentenças, em torno de 75%, é bem formada e há situações em que menos de 2% das sentenças é descartado para estudo.

Assim, a sistematização da complexa e inevitável ligação entre os fatos da língua e os fatos sociais exige procedimentos de análise específicos. Na concretização do fenômeno de regra variável, a ação simultânea de vários fatores influenciadores, lingüísticos e sociais, tem como consequência a impossibilidade/dificuldade de se apontar em termos categóricos qual força cada fator tem na ocorrência de uma forma variante em vez de outra. A estatística, nesta perspectiva, é uma ferramenta de apoio muito útil.

Sankoff (1988b, p. 1150) esclarece que

sempre que a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho lingüístico, e sempre que esta escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sócio-demográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada pra recorrer a noções e métodos estatísticos.

Mas, como a análise estatística indica regularidades e tendências, Sankoff (1988 b, p. 1150) acrescenta que esse tipo de análise só é razoável se a escolha entre as variantes for pelo menos em parte das vezes “não previsível por algum tipo de informação contextual”, já que se forem conhecidos todos os fatores que influenciam a escolha e em que medida isso ocorre, o que é virtualmente impossível, a análise de regra variável torna-se desnecessária.

Utilizar a Teoria da Variação como apoio para realizar a pesquisa sociolingüística exige que se tenha definida a variável sociolingüística, o que “já envolve certos pressupostos teóricos ou certas afirmações (implícitas ou explícitas)” (GUY & ZILLES, 2007, p. 36). A escolha das ferramentas de trabalho para a Teoria da Variação, que explicita de forma contundente que uma

variedade de língua não é superior às outras e que elege como dados apropriados para o conhecimento da língua real aqueles oriundos das situações cotidianas, em que o falante está o mais descontraído possível (o que não implica excluir da análise outro tipo de dado), certamente está de acordo com uma determinada concepção de língua e de sociedade.

Segundo Sankoff (1988a, p. 140), no estabelecimento da Sociolingüística como modelo de análise lingüística, sempre houve a preocupação em estabelecer seus próprios métodos e critérios de maneira clara e objetiva, contestando frontalmente ideologias e visões prescritivo-normativas de língua e com a preocupação de produzir resultados cientificamente confiáveis.

Nas discussões sobre as questões sociais que devem estar presentes na análise lingüística, Sankoff (1988a, p. 143) inclui a Sociolingüística na corrente que foca os dialetos não-padrão e as línguas das minorias, numa postura de resposta às análises baseadas em estereótipos sociais e raciais e as ideologias que ratificam essas análises.

Nessa linha de raciocínio, Sankoff (1988a, p. 145) afirma que, para variedades não-padrão, a observação direta da língua em uso é essencial, nas situações mais naturais possíveis. Pode-se concluir daí que, livre de controle social, o falante deixa aflorar sua língua mais “verdadeira”.

Tagliamonte (2006, p. 8) também reconhece tal importância e aponta como um objetivo específico da metodologia variacionista esse acesso ao vernáculo (LABOV 1972, p. 208) por três motivos básicos. Primeiro porque se trata da primeira variedade adquirida; segundo porque é a variedade mais imune à hipercorreção; terceiro porque é a variedade a partir da qual se “medem” todas as outras¹⁸ (LABOV 1984 *apud* TAGLIAMONTE, 2006).

Além disso, Sankoff (1988a, p. 147) aponta o fato de os aspectos variáveis da estrutura gramatical serem o *locus* da mudança lingüística, que pressupõe um período de transição, de variação, de competição entre as estruturas e de divergência dentro da comunidade de fala¹⁹.

As ferramentas para se estudar a relação entre língua e sociedade são específicas dessa orientação teórica. Não se trata, simplesmente, na análise quantitativa, de que as frequências sejam uma releitura do atributo ‘gramatical x agramatical’. Uma frequência de 0%, por exemplo,

¹⁸ No original: “The vernacular is the style from which every other style must be calibrated”.

¹⁹ No original: “Change virtually always requires a transitional period, often very lengthy, of variability, competition among structures, and divergence within the speech community”.

pode simplesmente ser o resultado de uma combinação complexa de traços e poderia bem ocorrer num *corpus* mais robusto (SANKOFF, 1988a, p. 147).

Tendo clareza do cuidado imposto pela análise de um objeto com tais especificidades, a metodologia quantitativa fala em tendências, em intensidade, em mais e menos força e se apóia em pesos relativos, em probabilidades, em quadros e em gráficos para interpretar fatos, tal como se percebe em Labov (1972), Sankoff (1988b), Guy e Zilles (2007), Guy (1998), Scherre e Naro (2004), Naro (2004) e vários outros. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 31), “o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números (...) mas identificar e explicar fenômenos lingüísticos”. Os autores (GUY & ZILLES, 2007, p. 32) destacam que:

Deve-se observar que toda estatística inferencial deve ser vista como ferramenta para ajudar no processo de descoberta do pesquisador, na testagem de hipóteses e assim por diante, em vez de ser considerada como “prova” (ou refutação) definitiva de uma hipótese.

Essa estatística inferencial faz parte dos métodos quantitativos que têm por finalidade “testar hipóteses, comparar análises alternativas e desenvolver modelos dos dados a partir dos quais possamos fazer prognósticos” (GUY, G. R., ZILLES, A. S., 2007, p. 31).

A utilização desse instrumental para a análise de fenômenos morfossintáticos suscita questionamentos do tipo até que ponto essa metodologia é apropriada para tais fenômenos, porque há divergência entre os autores sobre se, no caso de variação sintática, as variantes podem, de fato, ter o mesmo valor referencial, o mesmo valor de verdade. Alguns autores, como Oliveira (1987), nem mesmo admitem que exista variação além do nível da fonologia.

A questão da equivalência do significado foi discutida por Lavandera (1978), para quem cada forma está associada a um determinado significado. Entretanto, se cada forma tem um significado diferente, o pressuposto de que existem formas alternativas de se dizer a mesma coisa fica comprometido.

Segundo a autora, não se trata de que a pesquisa quantitativa não possa lidar com fenômenos morfossintáticos, mas sim de que eles precisam de interpretação adicional. O ponto questionado por Lavandera é se a equivalência semântica é, de fato, uma exigência para o estudo da variação não fonológica. A proposição da autora é de que se abra mão de tal exigência em

relação ao significado e que, em vez disso, se adote o que ela chama de “comparabilidade funcional”.

Entretanto, para autores que lidam com uma noção de significado mais rígida, como Weiner e Labov (1983), ao discutirem construções ativas e as passivas correspondentes, permanece a exigência do mesmo significado referencial baseado nas necessidades de se dizer a mesma coisa conforme a singularidade de cada situação, já que possíveis diferenças de significado entre as variantes sintáticas podem ser neutralizadas no discurso se o significado referencial permanecer o mesmo. Em outras palavras, ainda que haja diferenças do que chamam de “foco” ou “ênfase”, havendo a referência a um mesmo estado de coisas, a um mesmo valor referencial, é possível um tratamento variacionista ao tema.

Sankoff (1988a, p. 153), embora reconheça que seja indiscutível que existam algumas diferenças entre os chamados sinônimos, afirma que, no caso de variação sintática, as variantes concorrentes podem ser aceitáveis em contextos diferentes, o que não quer dizer que haja motivo para pensar que essas diferenças sejam pertinentes toda vez que a forma variante for usada. Sankoff (1988a, p. 153) advoga que no caso do estudo da variação sintática, pensando nos moldes da variação fonológica, por exemplo, essas possíveis distinções não entram em jogo nem nas intenções do falante nem na interpretação do interlocutor. Em outras palavras, no nível da sintaxe, “as variantes podem carregar uma diferença mais sensível na mensagem transmitida, mas não deixam de oferecer opções ao falante” (NARO, 2004, p. 15).

Assim, o que na perspectiva de Lavandera (1978) constituiria um leque muito amplo de variantes, não necessariamente é visto da mesma forma por autores com um ponto de vista de variável mais específico no que diz respeito ao significado.

No caso deste trabalho, que lidou claramente com uma variável sintática, a manutenção do significado é apontada pelo próprio falante não-lingüista ao afirmar não ser necessário (ou correto) dizer “Em breve eu vou tá te ligando”²⁰, quando se pode dizer “Em breve eu vou te ligar”, “Em breve eu te ligo” ou até “Em breve eu te ligarei”. Ao dizer isso, o falante reconhece a equivalência entre as formas.

Apesar das divergências na definição da variável sociolingüística, a metodologia quantitativa é recurso apropriado para o estudo de fenômenos morfossintáticos na medida em

²⁰ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2007.

que se postula que a variação não é casual, pois há variáveis lingüísticas e sociais que interagem e influenciam a ocorrência de determinada variante de uma variável sociolingüística. E a força dessas variáveis denominadas independentes, por não ser mensurável a olho nu, precisa ser submetida a um tratamento quantitativo na busca de interpretação, e conseqüente sistematização, que se fundamente menos na impressão do pesquisador e mais em objetividade, o que não quer dizer que os números falam por si só, mas que servem de apoio para confirmar, refutar ou relativizar as hipóteses aventadas em algum modelo sociolingüístico de linguagem.

2.2 O problema da avaliação

De acordo com o que Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam, a mudança lingüística é um processo natural, gradual e implacável para todas as línguas faladas. Muito embora as mudanças sejam precedidas por um período de variação, nem toda variação leva a uma conseqüente mudança. Ou seja, segundo esses autores, a mudança lingüística não ocorre abruptamente, já que duas ou mais formas coexistem na mesma comunidade de fala e num mesmo falante. Para os autores, cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa pode ter funções sociais. E existem fatores externos à geometria interna das línguas capazes de influenciar essa alternância e que precisam ser cautelosamente descritos para que se possa depreender a sistematicidade por trás da variação.

Nessa obra em que apontam alguns dos fundamentos da teoria da mudança lingüística, os autores mencionam i. *o problema dos fatores condicionantes*, que está relacionado ao “ao conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”; ii. *o problema da transição*, cuja preocupação seria entender o percurso pelo qual “a estrutura A evoluiu para a estrutura B”; iii. *o problema do encaixamento*, que diz respeito a como as mudanças lingüísticas se encaixam no todo do sistema lingüístico e social; iv. *o problema da avaliação*, relacionado às atitudes sociais em relação à mudança e com repercussão na direção dela ; v. *o problema da implementação*, que diz respeito à propagação da mudança para grupos além daquele no qual ela surgiu.

É preciso apontar que, entre os fatores influenciadores externos, a atitude social dos falantes em relação à variação pode refletir o estágio da mudança ou definir os caminhos dela. Provavelmente, até a entrada do gerundismo no rol de formas possíveis na expressão do futuro não seria um absurdo dizer que essa variação não envolvia estigma social negativo. Talvez, como sugere Santos (1997, p. 21), o falante que utiliza demasiadamente o futuro simples na fala

é que seja vítima de um preconceito às avessas, porque, embora tal forma de futuro seja associada a *status*, antiga e referida na tradição gramatical, ela é muitas vezes associada à presunção do falante e, como mostram os resultados desta pesquisa, não é uma estrutura comum à fala.

Igualmente, é preciso chamar atenção para o fato de que a entrada do gerundismo no universo do futuro, mas também a propagação do gerundismo que não indica futuro, mudou totalmente esse quadro. De uma variação sem forte marcação social, ou talvez nenhuma, a expressão do futuro verbal ganhou a mídia e a atenção de leigos e especialistas em língua.

No que se refere à estrutura, o capítulo 5 mostra que há indícios de que o gerundismo não é um fenômeno variável isolado, e sim uma conseqüência lingüística de uma mudança relacionada ao comportamento do infinitivo no português brasileiro. Mas esse rearranjo na geometria da língua reverbera no comportamento dos usuários de maneira que é inevitável a reflexão sobre se a forma inovadora vai vingar e se pode vir a substituir as antigas. Essas questões traduzem o que Labov (1975, p. 204) quer dizer ao afirmar que, quando a língua é estudada fora de contexto, o significado lingüístico ou social parece não ser real.

O entendimento das condições estruturais e sociais que governam a alternância, testadas como hipóteses (estas transformadas em fatores e grupos de fatores), a partir da aceitação do pressuposto de que a heterogeneidade lingüística é ordenada, põe a variação inerente às línguas no centro da discussão sobre o estigma e preconceito lingüístico, o que, em países onde as desigualdades sociais são muito acentuadas, tem conseqüências tanto mais importantes quanto maior for a distância entre as possibilidades das classes socialmente mais e menos privilegiadas.

Num estudo sociolingüístico sobre o rotacismo²¹ na baixada cuiabana, Cox (2005) chama atenção para o fato de que, embora em Cuiabá esse fosse “um fenômeno lingüístico que reunia indistintamente falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados” (COX, 2005, p. 96), no Paraná, seu Estado de origem, era “circunscrito aos falantes da zona rural, pouco ou nada escolarizados e, conseqüentemente, analfabetos ou semi-alfabetizados” (COX, 2005, p. 95). E esses falantes, segundo a autora, constituem um grupo separado dos falantes da zona urbana, bem escolarizados e letrados. Para Cox (2005), a associação do rotacismo com a idéia de roça, oralidade e analfabetismo faz desse um fenômeno lingüístico

²¹ Cox (2005, p. 96) esclarece que o rotacismo consiste na transformação de “l” em “r” em palavras como “clicar” (*cricar*) ou em “r caipira” no final da sílaba.

estigmatizado e emblemático da caipirice²² do indivíduo. E talvez o sentimento do cuiabano em relação ao rotacismo seja mesmo diferente do resto do país porque, ao menos em telenovelas, que em geral mostram um único sotaque nordestino ou um único sotaque mineiro, o rotacismo é muitas vezes associado a caipirice e, pelo menos em grande parte das vezes, a analfabetismo, que é, por seu turno, invariavelmente associado a pobreza.

No caso do gerundismo, no entanto, o estigma não estabelece relação direta com grupo social ou origem geográfica, mas com um grupo específico rejeitado pela comunidade por ser invasivo e impertinente, que é o *telemarketing*. Essa questão será retomada no capítulo 5.

A tese de Dettoni (2003) sobre a variação na concordância de gênero na anáfora pronominal do dialeto da baixada cuiabana também lança luz sobre como o condicionamento social pode interferir na variação e nos caminhos da mudança lingüística. Para a autora, mudanças sócio-econômico-culturais no século XX afetaram a sociedade cuiabana a ponto de provocar mudanças no dialeto local.

Para Dettoni (2003, p. 210), já no século XVIII, em Cuiabá conviviam

as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades dos português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos

de modo que uma variedade do português ainda falada na baixada cuiabana se estabeleceu com características bastante específicas.

O povoamento abrupto devido à exploração do ouro regrediu com o declínio dessa atividade e a região de Cuiabá permaneceu praticamente isolada até a implementação da “Marcha para o Oeste”, “o que, de algum modo, chamou a atenção do restante do Brasil para a esquecida região do Estado de Mato Grosso” (DETTONI, 2003, p. 211).

Com um novo movimento em direção ao Mato Grosso, especialmente favorecido pela construção de estradas, houve novos contatos lingüísticos em Cuiabá, que dessa vez recebeu forasteiros de variadas regiões do país. Segundo Dettoni (2003, p. 200), o processo que ficou conhecido como a re-colonização do Mato Grosso levou a Cuiabá, principalmente, variedades

²² O Dicionário Eletrônico Houaiss registra caipirice como qualidade ou condição de ou do que é caipira; modo de ser ou de agir próprio de caipira.

sulistas do português brasileiro por meio de mão-de-obra mais qualificada do que a que havia na região (DETTONI, 2003, p. 213), de profissionais que

assumiram postos e cargos, inclusive os de professor na Universidade Federal do Mato Grosso; abriram firmas, criaram pequenas empresas e foram se estabelecendo no topo da pirâmide social de Cuiabá, que, conseqüentemente, passou a sofrer uma mudança significativa na constituição das classes alta e média. A elite cuiabana, até então constituída pelas tradicionais famílias da terra, que eram usuárias da variedade lingüística local e cujos filhos, doutores e profissionais qualificados, haviam feito seus estudos fora de Cuiabá em função do incipiente Ensino Superior na região, começa a ter que dividir seu status social com não-cuiabanos que galgam rapidamente posições de destaque sócio-econômico.

E o fato de os novos habitantes do Estado trazerem, obviamente, seus costumes e sua língua, que era, segundo Dettoni (2003), em vários aspectos mais conforme com a variedade padrão do português, gerou o estigma contra as marcas características da variedade local. Para a autora, o conjunto das formas estigmatizadas no dialeto cuiabano, entre elas a variação na concordância de gênero e a africção dos fonemas representados²³ por ‘ch’ (chuva → “tchuva”) e ‘x’ (peixe → “peitxe”), por ‘g’ (longe → “londge”) e ‘j’ (ajuda → “adjuda”), passaram por um processo de neutralização que aponta “para o falar cuiabano, um processo de morte” (p. 198).

Esses dois trabalhos conjugaram a análise de fatos lingüísticos com os sociais e registraram como a força da coação é capaz de interferir no movimento da língua.

Embora mudanças que estejam começando nem sempre despertem a atenção do falante (LABOV, 1972, p. 309), o caso do gerundismo, pela sua associação com o *telemarketing*, tornou-se um fenômeno alvo de grande atenção por parte da mídia e de especialistas em língua.

Considerando que ele é, de fato, uma novidade na expressão do futuro, a sua ligação com o *telemarketing*, atividade vista como incômoda e impertinente, fez o sentimento do falante em relação ao serviço se estender para as formas novas²⁴. Dito de outra maneira, além da associação do gerundismo com o *telemarketing*, existe uma combinação de vários fatores na avaliação do uso do gerúndio na expressão do futuro verbal. Há que se considerar:

²³ Exemplos adaptados de M. M. S. Almeida (2005).

²⁴ Quem primeiro fez essa observação foi a aluna do Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade de Brasília Carolina Queiroz Andrade.

- a. uma tendência antiga de manutenção e ampliação dos usos do gerúndio no português brasileiro;
- b. a entrada de verbos de tipologia aspectual distinta nas perífrases com *ir* + *estar* + gerúndio²⁵;
- c. a posição adjacente de verbos auxiliares pertencentes a paradigmas distintos (*ir* + infinitivo / *estar* + gerúndio); e
- d. que o gerundismo está, indiscutivelmente, associado ao *telemarketing*.

É possível até que a quantidade de gerundismo no *telemarketing* seja a mesma fora desse ambiente, mas a combinação dos fatores que fazem desse fenômeno uma novidade está, ainda, ligada ao sentimento quase de aversão a tal serviço e, provavelmente por isso, o gerundismo seja tão perceptível quando ocorre no *telemarketing*. Vale enfatizar que, como o cliente evita as cansativas ligações e as empresas, por isso, temem a queda dos negócios, passaram elas próprias a caçar o gerundismo. Então cabe a pergunta: há mesmo muitos gerundismos no *telemarketing* ou os poucos que ocorrem são muito condenados por se destacarem entre as outras formas de futuro que, provavelmente, também ocorrem nas ligações?

As pressões sociais explícitas mostram sua força na atitude das empresas de *telemarketing*, que têm tentado evitar o gerundismo entre seus funcionários, na publicação do Manifesto Anti-Gerundismo e na repreensão pública feita por “autoridades” da língua aos usuários das formas inovadoras. Embora exista um grupo social sobre o qual recaiu a responsabilidade de ter criado e disseminado o gerundismo, esse grupo não goza nem desempenha função de prestígio social, motivo pelo qual o gerundismo não deve ter se “espalhado” pelo *telemarketing*. Por outro lado, repito que presenciei a ocorrência de gerundismos em situações formais, de fala e de escrita, gerados por indivíduos com alto grau de escolarização.

Se as atitudes sociais são capazes de interferir no rumo das línguas (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p.102-103), no caso do gerundismo, é razoável considerar que tamanha pressão poderia sufocar um fenômeno associado a um grupo sem prestígio. Tal situação, no entanto, torna-se contraditória quando se expõe o fato de que mestres e doutores ligados ao Governo Federal, ao MEC, ao INEP e a instituições de ensino superior também usam gerundismos.

²⁵ O capítulo 3 vai aprofundar essa questão.

2.3 A análise quantitativa

Para se efetuar o tratamento estatístico dos dados, duas ferramentas foram utilizadas de forma complementar. O programa Varbrul (PINTZUK, 1988; SCHERRE, 1992), versão 1988, foi utilizado para as análises eneárias, ou seja, das várias variantes simultaneamente, e para fazer buscas no arquivo de dados, por meio do programa *Tsort* (PINTZUK, 1988; SCHERRE, 1992). O GoldVarb X (TAGLIAMONTE, 2006; SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. 2005), versão mais recente, foi utilizado nas análises binárias, aquelas em que as variantes foram confrontadas duas a duas.

Para Guy & Zilles (2007, p. 34), a superioridade dos métodos multivariados de análise de regra variável reside na habilidade de fornecer resultados confiáveis em situações em que outros métodos dariam resultados enviesados, o que quer dizer que

Quando há vários fatores contextuais diferentes afetando uma variável lingüística, uma série de tabelas que apresente esses efeitos separadamente (...) pode facilmente dar resultados distorcidos ou até enganadores, se os dados não estiverem uniformemente distribuídos por todas as variáveis independentes. Uma vez que a distribuição dos dados lingüísticos geralmente é, de fato, desigual, uma análise multivariada dará resultados mais precisos, porque ao mesmo tempo em que computa o efeito de uma variável independente, ela controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas.

Os programas de regras variáveis são preparados especificamente para lidar com dados de variação lingüística e calculam os resultados da forma mais apropriada para esses estudos (SANKOFF, 1988b).

Definir uma variável sociolingüística dependente implica definir as suas formas possíveis de ocorrência, ou seja, todas as suas variantes. É preciso também identificar os contextos em que é possível, ou impossível, que a variável ocorra (GUY & ZILLES, 2007, p. 36). Além disso, partindo da premissa de que a variação não é aleatória, é necessário organizar em grupos os fatores, ou variáveis independentes, que possam influenciar as formas alternativas da variável em questão.

Sankoff (1988b, p. 1156) fala dos contextos em que se observa a ocorrência da variação, geralmente fruto de levantamento exaustivo de dados de um *corpus* considerado representativo

de textos ou do discurso de um ou mais falantes. Esses contextos seriam definidos por combinações específicas dos fatores que se acredita influenciarem as escolhas.

De acordo com Scherre e Naro (2004, p. 148 e 149),

Os grupos de fatores são uma forma de operacionalizar hipóteses a respeito do funcionamento dos fenômenos lingüísticos variáveis, que podem ou não estar ligadas a modelos lingüísticos claramente estabelecidos. Na língua em uso, encontram-se simultaneamente elementos estruturais de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica, servindo a todas as necessidades (comunicativas ou não) dos falantes, que, por sua vez, encontram-se inseridos no seio da comunidade, com todas as suas características, inerentes ou adquiridas, a saber, gênero, faixa etária, origem geográfica, classe social, participante de redes de relações, entre outras.

Ou ainda, de acordo com Guy & Zilles (2007, p. 38),

Cada grupo de fatores pode ser definido como um *locus* na regra variável onde ocorre o condicionamento e consiste em uma lista exaustiva de todos os possíveis fatores mutuamente exclusivos que podem ocorrer naquele *locus*.

E tantos quantos forem os grupos de fatores e tantas as variantes manifestas do fenômeno variável, é absolutamente necessário que cada fator de cada grupo tenha pelo menos uma ocorrência com cada variante, ou seja, é imprescindível que ocorram todas as combinações possíveis para que não aconteça um nocaute, um efeito categórico, que é a situação em que um fator tem a frequência de 0 ou 100%²⁶. Assim, quanto maior for o número de grupos e de fatores, maior será a necessidade de uma grande massa de dados para que se tenham todas as ocorrências necessárias às próximas etapas²⁷. Nas palavras de Guy & Zilles (2007, p. 38),

Para uma análise de regra variável ser bem-sucedida, os grupos de fatores devem estar estabelecidos de maneira a serem ortogonais e independentes. Isto é, eles devem se distribuir de maneira que, tanto quanto possível, cada fator em um grupo possa co-ocorrer com cada fator em todos os outros grupos.

Grosso modo, uma virtual combinação para a qual não ocorra nenhum dado, ou ainda um contexto que englobe todos os dados, indica um efeito categórico, um nocaute, o que impede as

²⁶ Pode haver contextos de efeito verdadeiramente categórico, mas, nesses casos, não é possível a análise de pesos relativos.

²⁷ Os programas da série *Varbrul* versões 1988 e 1992 têm algumas restrições em relação ao número de fatores, conforme descrito em Scherre & Naro (2004). A professora Marta Scherre testou a capacidade do GoldVarb X e ainda não encontrou o limite para o número de grupos de fatores nem para o número de combinações dos diversos fatores em um dado contexto.

análises de pesos relativos, uma vez que “o instrumental quantitativo que produz pesos relativos é apropriado exclusivamente para fenômenos lingüísticos variáveis” (SCHERRE & NARO 2004, p.152).

Entretanto, na realidade isso nem sempre é possível. Sankoff (1988b, p. 1152) adverte para o fato de que, na pesquisa sociolingüística baseada em *corpus*, pode ocorrer distribuição irregular dos dados. Como o número de ocorrências de cada contexto depende da sua frequência relativa na amostra e, como o número de contextos é variável, pode acontecer de muitas combinações de fatores não ocorrerem.

Considere-se, para o caso desse estudo, o fato de que o fenômeno em análise é relativamente novo e raro, como se verá a seguir, de modo que, para os cálculos de pesos relativos, alguns procedimentos especiais tiveram de ser adotados para resolver os efeitos categóricos.

Com os dados codificados da maneira apropriada (cf. SCHERRE & NARO 2004, p.155-157; GUY & ZILLES, 2007, p. 149 e seguintes), nas análises eneárias, é preciso seguir uma seqüência rígida de procedimentos para conferir a existência de possíveis erros na codificação dos dados e colocá-los no formato adequado para o estabelecimento das percentagens e de um arquivo de células para o cálculo dos pesos relativos. O programa Varbrul, versão 1988, para análises eneárias, não aponta os grupos de fatores estatisticamente significativos, mas tem a vantagem sobre a versão mais moderna de analisar de duas a cinco variantes ao mesmo tempo.

Na versão mais recente, o GoldVarb X, só é possível fazer análises de pesos relativos binárias, mas todas essas etapas até se chegar aos pesos relativos são feitas instantaneamente sem a necessidade de fechar e abrir vários programas, mas é preciso recorrer ao Varbrul para utilizar o programa *Tsort*, um recurso muito útil que “lê instruções para efetuar a procura de dados com base na cadeia de codificação, via console ou via arquivo; gera arquivo com dados resultantes da procura, a partir da leitura de arquivo(s) corrigido(s)” (SCHERRE & NARO 2004, p. 160).

O programa *Tsort* gera arquivos organizados por instruções nas cadeias de codificação. Ele busca dados com códigos específicos e permite que se encontrem com rapidez os erros cometidos na codificação para que sejam corrigidos. E essa busca pode acontecer tantas vezes

quantas o pesquisador desejar. A manipulação eficiente do programa *Tsort* possibilita um grande controle dos dados (SCHERRE & NARO 2004, p. 161).

Nestes modelos de análise, pesos relativos são atribuídos aos fatores das variáveis independentes, para que se possa analisar seu papel na ocorrência da forma variante.

Neste estudo, que lida com uma variável enéaria, o conjunto das variantes (*enviarei, vou enviar, estarei enviando e vou estar enviando*) constitui a variável dependente. Outras variáveis, que se acredita estarem relacionadas com a variável dependente (tipo de oração, tipologia aspectual, etc.) no sentido de que sua presença favoreça ou não a ocorrência dela, são as variáveis independentes, ou fatores explanatórios (SANKOFF, 1988b, p. 1151).

Se o grupo de fatores não apresentar nível de significância de 0,05, pode-se entender que ele não deve exercer influência no processo de escolha, ou seja, que ele não é estatisticamente significativo (SANKOFF, 1988b, p. 1158).

Em outras palavras, para que uma variável seja selecionada,

o programa trabalha com um nível de significância (*threshold*) de .05 e com o teste da verossimilhança máxima (*maximum likelihood*) (...). A seleção de uma dada variável implica a rejeição da hipótese nula, que, em termos estatísticos, estabelece que a variação encontrada nos dados ocorre aleatoriamente. (SCHERRE & NARO 2004, p. 165).

Sankoff (1988b, p. 1156) considera que, para dados sociolinguísticos, o critério da verossimilhança máxima é o mais apropriado para este tipo de dado porque corrige erros causados pela má distribuição dos dados, que pode levar a interpretações incorretas²⁸.

Assim, uma variável ser selecionada como estatisticamente significativa indica que a variação é influenciada por essa variável, ou seja, que a variação não é aleatória. A análise estatística, então, visa a rejeitar a possibilidade de que os fatores não exercem nenhuma influência na sistemática da variação, pois se supõe que esses fatores têm efeito real sobre as escolhas. A seleção das variáveis independentes implica a rejeição da *hipótese nula*.

²⁸ No original: For sociolinguistic data, this criterion is preferable both to sum of squares familiar from the analysis of variance, multiple regression and other widely used statistical analyses, and to the sum of normalized square differences used in X^2 tests on contingency tables, because of the extreme distributional imbalances, including many empty cells, in corpus-based data, which tend to lead to incorrect results under the latter methods, but are not a problem for the likelihood method.

(SANKOFF, 1988b, p. 1157). Em termos intuitivos, a seleção estatística de uma determinada variável independente significa que ela dá conta de entender parte da variação existente nos dados analisados (SCHERRE & NARO, 2004, p. 165). O programa, então, atribui os pesos relativos aos fatores.

Em uma análise binária, o peso relativo é um número entre 0 e 1, atribuído a cada fator, e deve ser interpretado da seguinte maneira: se o valor for maior do que 0,5 quer dizer que tal fator favorece a aplicação de determinada regra, se for menor, desfavorece e, se for igual, tem efeito neutro ou intermediário.

Quando se trata de análise eneária, a medida de referência depende da quantidade de variantes envolvidas. Neste trabalho, como são quatro as variantes da variável dependente, a medida de referência é 0,25 e, portanto, valores maiores que este favorecem a ocorrência da variante e valores menores, desfavorecem²⁹.

O programa que projeta os pesos relativos de uma variável binária faz as análises para a seleção das variáveis em vários níveis, que testam a significância dos grupos de fatores. No primeiro nível de análise, o programa calcula os pesos relativos de todos os fatores de todos os grupos, primeiro individualmente, depois acrescentando um a um os outros grupos. Depois, faz o contrário: começa com todos os grupos e vai retirando um a um (cf. SCHERRE & NARO 2004, p.165; GUY & ZILLES, 2007, p. 164-165).

De acordo com Scherre & Naro (2004, p. 166),

Resta salientar que o conjunto de pesos relativos estatisticamente significativo é aquele que contém, ao mesmo tempo, todas as variáveis selecionadas num mesmo nível de análise. É este conjunto de pesos relativos que deve ser usado para comporem-se as tabelas ou os gráficos de resultados e tecerem-se as considerações sobre a análise efetuada, com base nas hipóteses levantadas.

Entretanto, os outros níveis de análise podem também ser usados para reflexões e um grupo de fatores não selecionado pode revelar aspectos importantes sobre a análise sociolinguística de uma determinada variável.

²⁹ Para análises com duas variantes, a medida de referência é 0,5. Para análises com três variantes, a medida é 0,33; para quatro, 0,25 e para cinco, 0,20 (SCHERRE & NARO, 2004, p. 174-175).

Ao final da análise binária para o estabelecimento dos pesos relativos, o programa GoldVarb X, automaticamente, já indica qual é esse nível de análise com todas as variáveis selecionadas ao mesmo tempo, é o que o programa aponta como a melhor rodada³⁰.

³⁰ *Best stepping up run.*

3. Caracterização dos fatos em análise

São muitas as variantes possíveis na expressão do futuro no português brasileiro. Para a tradição gramatical, entretanto, o rol dessas formas é restrito e praticamente o mesmo há várias décadas. Entre estudos lingüísticos recentes, contudo, os pesquisadores não só têm elegido variantes distintas das que são referidas pela tradição como têm estudado, cada um, um conjunto com elementos diferentes.

3.1 A questão do Aspecto e tipologias aspectuais

Antes de começar a caracterização das estruturas que serão submetidas a tratamento quantitativo neste estudo, proponho a observação dos fatos seguintes, que têm relação direta com o estabelecimento do que será considerado como “formas alternativas de se dizer a mesma coisa”.

O dado real “O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o *stand* da Petrobras que ESTARÁ DIVULGANDO o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados³¹” tem o mesmo valor referencial que os dados virtuais “*O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o stand da Petrobras que VAI ESTAR DIVULGANDO o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados*”, ou “*O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o stand da Petrobras que VAI DIVULGAR o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados*”, ou ainda “*O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o stand da Petrobras que DIVULGARÁ o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados*” e “*O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o stand da Petrobras que DIVULGA o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados*”. É preciso observar que o verbo principal indica uma determinada “duração” para o evento de divulgação. Essa última possibilidade é ambígua, pois “DIVULGA” pode ser entendido como hábito. Esse seria o caso em que Cunha & Cintra (2001, p. 449) apontam a necessidade de um advérbio para garantir a leitura de futuro (cf. ‘A Petrobras DIVULGA o prêmio **amanhã**’). Essa observação também vale para o próximo conjunto de sentenças.

³¹ Informativo da Universidade de Brasília de maio de 2006.

Este outro dado “Me liga amanhã, que eu VOU TÁ SAINDO daqui às 4 da tarde³²” tem o mesmo valor de verdade de “*Me liga amanhã, que eu ESTAREI SAINDO daqui às 4 da tarde*”, de “*Me liga amanhã, que eu VOU SAIR daqui às 4 da tarde*”, de “*Me liga amanhã, que eu SAIREI daqui às 4 da tarde*” e de “*Me liga amanhã, que eu SAIO daqui às 4 da tarde*”. Nesse caso, o verbo principal indica uma situação que “dura” menos do que o do tipo anterior.

Para outras perífrases, contudo, essa alternância não é possível. “VOU ESTAR DORMINDO na hora da novela³³” tem a mesma leitura de “*ESTAREI DORMINDO na hora da novela*”. Mas essa dupla não indica os mesmos fatos que “*VOU DORMIR na hora da novela*”, que, por sua vez, tem o mesmo valor referencial de “*DORMIREI na hora da novela*”. “*DURMO na hora da novela*” é ambíguo, mas pode apontar para a mesma leitura de VOU DORMIR e DORMIREI (cf. ‘**Hoje** eu DURMO na hora da novela’), mas não de VOU ESTAR DORMINDO e ESTAREI DORMINDO.

Enquanto as sentenças ‘VOU DORMIR/DORMIREI na hora da novela’ promovem a leitura de que o evento vai começar na hora da novela, ‘VOU ESTAR/ESTAREI DORMINDO na hora da novela’ indicam que o evento vai transcorrer durante a novela. A primeira dupla destaca o início enquanto a segunda, o decorrer. ‘DURMO na hora da novela’ indica um hábito. São leituras diferentes que podem ser agrupadas nestes três blocos. A “duração” de cada evento expresso pelo verbo DORMIR é diferente e maior do que a dos dois tipos anteriores, DIVULGAR e SAIR.

Mais adiante esses exemplos serão retomados.

Antes de enumerar as estruturas que receberão tratamento quantitativo neste estudo, é preciso também fazer alguns esclarecimentos sobre a categoria verbal Aspecto, pois isso será necessário para mostrar no que, de fato, consiste a novidade do gerundismo. Também é necessária essa ilustração porque ela está na base da argumentação de que o gerundismo é um erro, ou seja, de que a duratividade de *estar* e do gerúndio entram em choque com a semântica de verbos que não duram ou que duram pouco no tempo. Embora a atualização do Aspecto também se dê em substantivos e adjetivos, como aponta Costa (2002, p. 89-97), as considerações feitas a seguir referem-se aos verbos, pois estão no centro do nosso interesse, uma vez que estamos lidando com perífrases verbais.

³² Interação em ambiente de trabalho em 2007.

³³ Exemplo retirado de Luiz Costa Pereira Júnior. O gerúndio é só pretexto. **Revista Língua**. São Paulo, ano 1, nº 1, p. 21, 2005.

Há uma primeira distinção a ser feita que diz respeito às categorias relacionadas Tempo e Aspecto. Embora ambas tenham como alicerce o tempo no sentido real, semanticamente distinguem-se por focalizar esse tempo físico de perspectivas diferentes.

A categoria Tempo se relaciona com o tempo externo aos fatos referidos e, basicamente, se divide em presente, passado e futuro, conforme esses fatos se alinhem com o momento simultâneo, anterior ou posterior ao momento da fala. Tempo, portanto, é uma categoria dêitica na medida em que o fato é apontado em relação à posição à esquerda, coincidente, ou à direita da fala. Essas idéias encontram-se em Comrie (1976), Travaglia (1981) e em Costa (2002).

Já Aspecto lida com o tempo interno aos eventos e, conseqüentemente, com duração, instantaneidade, desenvolvimento, começo e fim. Assim, Aspecto é uma categoria não dêitica que focaliza a constituição temporal interna dos eventos³⁴ (COMRIE, 1976, p. 3) e não a relação desse tempo interno com fatos ou tempo externos.

Mateus *et al* (2003, p. 129 e seguintes) entendem que as categorias Tempo e Aspecto parecem não se distinguir fundamentalmente, porque Tempo serve para localizar uma situação em relação a outro tempo e Aspecto “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita”.

Coroa (1985, p. 62) também aponta a relação entre Tempo e Aspecto quando afirma que Aspecto

é o que há de não-dêitico na categoria de tempo. Enquanto o *tempus*³⁵ é uma propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação, o aspecto é propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação.

Travaglia (1981, p. 53) também indica a mesma relação ao dizer que

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

Costa (2002, p. 21) resume:

³⁴ As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’, Comrie (1976, p. 3).

³⁵ Coroa (1985, p. 23) esclarece que *tempus* é a expressão gramatical do conceito de Tempo “presente na consciência de todos nós”.

Aspecto é a categoria lingüística que informa se o falante toma em consideração ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto-dêitico da enunciação, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo.

A noção de duração, portanto, é central para o entendimento da categoria Aspecto. Segundo Costa (2002, p. 23), o traço [\pm durativo] dos verbos, que é a indicação de que cada evento desse verbo dura e a amplitude dessa duração, já é, por si só, capaz de atualizar o Aspecto. Nos exemplos³⁶ *A Maria trabalhou* e *A Maria ganhou a corrida* fica claro que *trabalhou* tem duração maior que *ganhou a corrida*, ou seja, o primeiro evento não apresenta necessariamente delimitação de tempo e o segundo representa o instante mínimo em que a linha de chegada é cortada. *Trabalhar*, portanto, tem o traço [+durativo] e *ganhar*, nesse sentido, o traço [-durativo].

Para Costa (2002, p. 23-24), esse traço [\pm durativo] já nasce ligado à idéia do verbo, ao lexema,

no sentido de que a sua presença estabelece certas restrições de compatibilidade ou não com outros traços aspectuais do enunciado. Assim, se o falante está utilizando na sua enunciação o verbo *quebrar*, que é um exemplo de ato, logo um tipo de entidade de segunda ordem que porta o traço [-durativo], ele fica restrito quanto à referência à constituição temporal interna do fato, visto que normalmente um *ato*, por ser instantâneo, não pode ser imaginado como compreendendo frações temporais dentro de seus limites. Em outras palavras, *quebrar* não tem constituição temporal interna, não “dura” no tempo.

Esse *ato* a que se refere a autora é baseado na tipologia de Vendler, segundo a qual as entidades das línguas são representadas em três níveis semânticos diferentes. São as entidades de primeira, segunda, em que se enquadra um *ato*, e terceira ordem. Entidades de primeira ordem seriam os objetos físicos, os homens, inclusive. E delas se pode dizer que se localizam no espaço, que existem. As entidades de segunda ordem seriam os acontecimentos, que se localizam no tempo, que acontecem. Entidades de terceira ordem são abstratas e não se localizam no tempo nem no espaço. São proposições, das quais se pode dizer que são verdadeiras ou falsas, como “O homem é mortal” (COSTA, 2002, p. 12).

Buscando uma definição clara do fenômeno em análise, há outro ponto a ser considerado. Segundo Travaglia (1981, p.58 e p. 102), é iterativa a situação que “é apresentada como

³⁶ Retirados de Mateus *et al* (2003 p. 135).

sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a idéia de repetição (iteração). Da idéia de repetição vem a caracterização que se dá desse fato, como representando uma coleção de situações”. O iterativo, então, como um tipo aspectual deve ser visto com cautela na análise quantitativa no caso do gerundismo, pois é preciso assegurar que, mesmo na referência a um único evento, o gerundismo poderia ser a forma eleita pelo falante. Quando se fala em vários eventos idênticos, vendo o conjunto desses eventos como um grande processo, a aceitação do gerundismo como forma alternativa na indicação do futuro poderia ficar comprometida. Por exemplo, no dado real “Amanhã eu VOU TÁ MANDANDO o boy aí buscar os cheques” há referência a um só evento e a forma poderia ser substituída por uma das seguintes variantes: *mandarei, vou mandar, mando e estarei mandando*, sem prejuízo do mesmo valor referencial. Mas em “*No ano que vem, pela manhã, vou estar entregando jornais*”³⁷, cada evento único – como no exemplo anterior – é parte de um processo de ‘entregar jornal(is)’. E esse processo formado por eventos iguais e repetidos acaba sendo um processo como os outros. Ainda assim, seria perfeitamente possível e aceitável dizer *Amanhã vou estar entregando (um) jornal*.

É oportuno mencionar que dados dessa natureza, isto é, dados que indicam repetições com idéia de um único processo, e com tal ambigüidade, só foram encontrados em textos cuja preocupação era mostrar que o gerundismo é uma construção errada, como “A Língua Volátil”³⁸, do jornalista e comentarista Alexandre Garcia, em que se lê:

Outro dia, uma gerente me deu um susto. Pedi a ela que na segunda-feira transferisse da minha conta, 3 mil reais para realizar um aporte de capital. Ela me confirmou: ‘Então, dia 23, vou estar transferindo de sua conta 3 mil reais’. Reagi: ‘Pelo amor de Deus, não! Se você ficar transferindo 3 mil reais da minha conta durante o dia 23, vai zerar a conta. Só transfira uma vez, não fique transferindo!’ Tudo que ela tinha a fazer era transferir. E não estar transferindo. Mas ela não entendeu. Falava outra língua.

Muito provavelmente a gerente entendeu que deveria fazer uma única transferência. O cliente deve ter interpretado automaticamente que a gerente faria uma única transferência, mas fingiu um mal entendido na tentativa de apontar uma ambigüidade que, no mundo das coisas reais, não existe.

Nos dados reais colhidos neste trabalho, os casos em que poderia haver mais de um evento referido, foi feito um teste para garantir a possibilidade de o gerundismo expressar um evento único. Por exemplo, no dado real “Então eu ESTAREI ENVIANDO os documentos

³⁷ Exemplo de Sírio Possenti, em <<http://primapagina.terra.com.br>>, sem data, citado por Menon (2004).

³⁸ Citado por Schmitz (sem data).

comprobatórios ainda hoje”³⁹, o falante possivelmente tinha a intenção de enviar todos os documentos de uma só vez, mas, ainda que sua intenção fosse enviar um a um, ele poderia dizer “Então eu ESTAREI ENVIANDO o documento comprobatório ainda hoje”.

Tudo isso quer dizer que os gerundismos que apontam para mais de um evento poderiam perfeitamente continuar a ser usados para indicar um evento único, haja vista que estamos aceitando o pressuposto de “modos alternativos de se dizer a mesma coisa”.

Para o caso do jornalista Alexandre Garcia, não acredito nem que a gerente nem que o cliente não tenham entendido que ambos falavam de uma só transferência. É eloqüente o fato de que o único exemplo que sugere uma ambigüidade ou uma falha na comunicação seja na verdade um exemplo que não parece real, um exemplo com indícios de artificialidade. Vale, a esta altura, retomar o que Sankoff (1988a, p. 153) diz a respeito de possíveis diferenças de significado no caso da variação sintática: essas diferenças não existem na intenção do falante nem são entendidas como tal pelo ouvinte.

Assim, com base na noção de duração da ação verbal, é necessário especificar um pouco mais os tipos aspectuais para definir as variantes que serão submetidas a tratamento quantitativo: o gerundismo do tipo “Nesse volume, além dos artigos e resenhas relacionados às linhas de pesquisa do programa Literatura e Cultura e Linguagens e Cultura ESTAREMOS EDITANDO um dossiê comemorativo de publicação do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa”⁴⁰ e o do tipo “Hoje à noite a gente VAI TÁ SUBINDO no palco de Brasília”⁴¹.

Para os verbos que indicam situações dinâmicas, há os que tendem para um fim, que são os de processo culminado e os de culminação, “distinguindo-se entre si por atribuirmos duração razoavelmente longa aos primeiros e muito breve (ou nenhuma) aos segundos” (MATEUS *et al*, 2003, p. 134).

Os verbos de processo culminado têm, em geral, um argumento interno, que, como resultado, aponta uma entidade criada ou afetada pelo processo. Em “Eu ESTAREI ENCAMINHANDO o documento pra ele”⁴², tem-se, como concretização do evento, o documento, de fato, encaminhado. Verbos de processo culminado, então, são, em geral, verbos

³⁹ Interação em ambiente de trabalho em setembro de 2007.

⁴⁰ Informativo da UFPB. Chamada para trabalhos na UFPB em março de 2006.

⁴¹ Entrevista de cantores em um jornal local sobre um show feito em Brasília em 2006.

⁴² Interação em ambiente de trabalho em 2007.

com dois ou três argumentos, um externo e os outros internos (respectivamente sujeito e complementos, em termos tradicionais).

Os verbos que nessa análise estão sendo chamados de verbos de processo culminado seriam, em geral, classificados como verbos transitivos na análise sintática tradicional, ao passo que o contrário nem sempre seria verdadeiro. Em *Ela não viu o carro*⁴³, o verbo seria tradicionalmente classificado como transitivo direto, mas não na análise de natureza aspectual que estamos utilizando, na qual este verbo seria classificado como indicador de um estado, do tipo perceptivo.

Verbos de culminação (“Me liga amanhã, que eu VOU TÁ SAINDO daqui às 4 da tarde”⁴⁴) por sua vez, têm um argumento, que, geralmente, é a entidade afetada pela ação⁴⁵. São verbos de movimento, aparecimento (Pedro chegou tarde ao emprego) e desaparecimento em cena (A revista saiu ontem da tipografia).

Pela tradição gramatical, grande parte dos verbos que são referidos neste trabalho como de culminação seriam chamados de intransitivos, mas, para este tipo, também não há correlação direta entre esta tipologia e a classificação tradicional. É importante mencionar que a tipologia adotada leva em conta critérios semânticos de duração, mas também de número e natureza dos argumentos, conforme se encontra em Mateus et al (2003).

Verbos cujo significado lexical indica processo pontual e que apresentam como argumento externo um Agente ou Fonte e um argumento interno como Tema, como nos exemplos a seguir⁴⁶, também são considerados verbos de culminação:

- a. [O João] _{Fonte} descobriu [a solução do problema] _{Tema}
- b. [O Luis] _{Agente} concluiu [que a hipótese estava mal formulada] _{Tema}

Trata-se de dois verbos de culminação que não seriam classificados como intransitivos.

Verbos de processo indicam eventos não delimitados temporalmente. Geralmente verbos meteorológicos (Choveu toda a noite), verbos de movimento (O João corre de manhã) e verbos

⁴³ Exemplo retirado de Mateus *et al* (2003, p. 194).

⁴⁴ Interação em ambiente de trabalho em 2007.

⁴⁵ Segundo Mateus *et al* (2003, p. 135), em “A Maria ganhou a corrida” também se tem um verbo de culminação, pois o estado resultante da ação é justamente a corrida estar ganha.

⁴⁶ Exemplos retirados de Mateus *et al* (2003, p. 197).

inergativos de atividade física (O bebê chorou horas) expressam processos⁴⁷. Para Mateus *et al* (2003, p. 300), verbos inergativos, “ou verdadeiros intransitivos”, são verbos de um lugar que selecionam um argumento com a relação gramatical de sujeito. Verbos de processo seriam, em geral, classificados como intransitivos pela tradição gramatical.

Em relação ao fenômeno em análise, no entanto, perífrases com verbos de processo precisam receber tratamento diferenciado porque não constituem variantes com *farei, faço* e *vou fazer* no sentido apontado neste trabalho, o que foi sugerido no início deste tópico com exemplos de perífrases com os verbos *divulgar, sair* e *dormir* e deverá ficar mais claro com exemplos adiante.

Verbos estativos também foram excluídos da análise quantitativa não só por terem duração tal como os verbos de processo, mas também pela impossibilidade de algumas construções (cf. *Eu vou estar estando). Para Mateus *et al* (2003, p. 136), o que há de comum entre estados e processos é que, além de não tenderem para um fim, não são delimitados por natureza e são homogêneos⁴⁸, embora estados não admitam qualquer pausa, mas processos sim. Ou seja, a grande diferença entre estados e processos é que os últimos são dinâmicos e os outros não.

3.2 Aspecto, novidade e os tipos de gerundismo

De acordo com Menon (2004), em um trabalho que investigou as ocorrências do gerúndio do século XV ao XXI, a questão do gerundismo pode se resumir ao fato de que o futuro simples (*farei*) está desaparecendo do português brasileiro enquanto o futuro perifrástico (*vou fazer*) tem se tornado a forma preferencial na expressão do futuro. Nesse rearranjo, a única diferença entre a “construção corretíssima e antiga” (palavras da autora)

“*Amanhã, a essa hora, estaremos tomando sol na praia*” e “*Amanhã, a essa hora, vamos estar tomando sol na praia*”

é a expansão de *estaremos* para *vamos estar*, uma vez que o gerúndio presente nas perífrases é exatamente o mesmo.

Sobre a “construção corretíssima e antiga”, Menon (2004) utiliza um exemplo da 3ª edição da *Syntaxe Histórica Portuguesa*, ainda do ano de 1954, em que Epiphânio Dias (1954, p. 192), ao falar do Futuro Imperfeito, faz a seguinte observação:

⁴⁷ Exemplos retirados de Mateus *et al* (2003, p. 195 e p. 300).

⁴⁸ Estados são homogêneos porque não admitem interrupção (MATEUS *et al* 2003, p. 136).

Para exprimir a acção começada tem, em geral, de empregar-se a perífrase do verbo *estar* com o presente infinitivo precedido de *a*, ou com o participio em *-ndo*: *Amanhã a estas horas estarei a jantar* ou *estarei jantando*.

Para a autora, as perífrases com gerúndio podem indicar tanto duração como pontualidade. Menon acredita que as perífrases formadas por *estar* + gerúndio expressam o presente rigoroso da ação, tanto para verbos cuja semântica seja de duração quanto para verbos cuja semântica seja de pontualidade.

De acordo com esse ponto de vista, se a perífrase do presente da ação no português brasileiro contemporâneo é expressa por *estar* + gerúndio, independentemente da tipologia aspectual do verbo – sinal de que até verbos de semântica de curta duração se combinam com a duratividade do gerúndio – a polémica em relação ao gerundismo não teria razão de ser. Entretanto, o exemplo de Dias (1954) que ela utiliza na tentativa de mostrar que perífrases formadas com gerúndio não são novidade, quando indicam futuro, não leva em conta a tipologia aspectual.

Menon (2004) entende que o estigma negativo em relação ao gerundismo se deve ao fato de que só se aceita como interpretação possível para as perífrases com gerúndio aquela em que a aceção de duração casa com a semântica de duração do verbo. Ela (p. 224) explica:

O que nos parece que está acontecendo é que existe, da parte de muita gente, uma leitura linear e exclusiva somente do aspecto durativo da forma de gerúndio e se ignorou a outra.

Entendo, no entanto, que a perfeição do casamento entre *estar* + gerúndio é irrestrita para expressar o presente da ação, porque, em relação ao futuro, não há dúvida de que os falantes têm reagido à “incompatibilidade” entre a duratividade de *estar* + gerúndio e a curta duração do evento expresso pelo verbo principal. Ou seja, minha leitura é a de que a duração do evento repercute sim – e de maneira incontestável – no estabelecimento do gerundismo como variante na expressão da futuridade em português.

O exemplo que Menon (2004) utiliza de Dias (1954) serve para provar que a perífrase, de fato, não é novidade, mas a análise dos dados dessa pesquisa aponta que o estigma atribuído seja à novidade seja ao suposto “erro” do gerundismo está essencialmente ligado à tipologia aspectual do verbo.

Esse “choque” está de acordo com o que afirma Possenti (2005) ao falar sobre os “problemas” do gerundismo, em que há:

incompatibilidade entre o sentido durativo do verbo *estar* e a ausência de tal sentido no verbo principal. Ou seja, se a construção *estar + gerúndio* incluir um verbo com o traço de duração ou de processo em seu sentido, ela será perfeitamente normal. É que, se *estar* é um verbo auxiliar durativo, só pode(ria) ocorrer com verbos durativos. Ocorrendo com outros, o resultado causa estranheza, é uma espécie de paradoxo. É por isso que *vou estar morando em S. Paulo* não é uma construção estranha, mas *vamos estar enviando seu novo cartão* é.

Para Pereira Júnior (2005), tal perífrase é legítima nas situações em que duas ações são concomitantes ou quando verbos indicam processos duradouros ou contínuos, como em “vou estar dormindo na hora da novela”, “amanhã vai estar chovendo” ou “amanhã vou estar trabalhando o dia todo”.

Das explicações e dos exemplos de Possenti e de Pereira Júnior, pode-se concluir que os gerundismos “corretos”, “apropriados”, “antigos” ou “naturais” são aqueles que têm como verbo principal verbos de processo, os do tipo sem delimitação temporal. Acredito que essas sejam, inclusive, perífrases que nem sofram estigma, ou pelo menos não são alvo das reações flagradas por este trabalho de pesquisa.

Os tipos aspectuais dos verbos principais dos gerundismos que indicam futuro, por outro lado, são sempre ou de processo culminado, ou de culminação, ou seja, de curta ou curtíssima duração. Então não é por mero acaso que nenhum dos gerundismos inequívocos, os batizados de clássicos, como:

“Amanhã ESTAREI FAZENDO”⁴⁹;

e

“VOU ESTAR TRANSFERINDO a sua ligação”; “VAMOS ESTAR ENCAMINHANDO a sua reclamação”; “VAMOS ESTAR ENVIANDO o pedido para o seu endereço”; “VAMOS ESTAR AGENDANDO o serviço”; “VAMOS ESTAR RESOLVENDO o seu problema” e “VAMOS ESTAR RETORNANDO a sua ligação”⁵⁰

⁴⁹ COUTINHO (2001).

⁵⁰ Gonzatto (2007).

não tenha como verbo principal um verbo de estado ou de processo, os que não têm delimitação temporal.

Observe-se que há casos em que, por meio do auxílio de outros elementos na sentença, a interpretação da duratividade do evento pode “aumentar” e, nesse caso, o julgamento imediato e inequívoco de que se trata de gerundismo pode ficar comprometido.

Os dados reais “De 7 a 13 eu VOU TÁ FAZENDO um curso no CETREMEC”⁵¹ e “VOU ESTAR DANDO um curso de Variação, de pós”⁵² ilustram essa dificuldade. O advérbio durativo do primeiro exemplo e a interpretação, para ambos, de que fazer/dar um curso não ocorre instantaneamente diferenciam esses gerundismos de um gerundismo “clássico”.

Pode-se, então, sugerir uma escala na tentativa de explicar a real novidade do gerundismo na indicação do futuro verbal. Perífrases formadas com verbos de processo e de estado, ou seja, com verbos sem delimitação temporal, são antigas, não sofrem estigma e talvez nem se perceba que têm os mesmos constituintes e na mesma ordem das outras perífrases. Já aquelas que são formadas com verbos de processo culminado e com verbos de culminação, isto é, aqueles com duração curta ou mesmo inexistente, são altamente perceptíveis e estigmatizadas e indicam no que de fato consiste a novidade do gerundismo: verbos cuja semântica é de curta duração não compunham, mas passaram a compor essas perífrases. A percepção do “choque” dos traços de duratividade de *estar* e do gerúndio e a não duratividade do verbo principal confirma essa interpretação.

Essa graduação no julgamento de gerundismo para essas perífrases, considerando a novidade e o conseqüente estigma das estruturas, fica mais clara com os exemplos seguintes:

a. “Mas é nessa hora que eu VOU TÁ CRESCENDO”⁵³ – verbo de processo: construção antiga e não estigmatizada: não é um gerundismo;

b. “VOU ESTAR DANDO um curso de Variação, de pós”⁵⁴ – verbo de processo culminado: construção antiga (?), estigmatizada (?): é um gerundismo (?);

⁵¹ Interação em ambiente de trabalho em junho de 2007.

⁵² *E-mail* profissional de julho de 2007.

⁵³ Interação em ambiente de trabalho.

⁵⁴ *E-mail* profissional de julho de 2007.

c. “Esperamos que possam agilizar estas assinaturas para que não acumulemos novamente as folhas, pois no início de agosto ESTAREMOS DIVULGANDO o cronograma para fechamento da folha nos meses de junho e julho”⁵⁵ – verbo de processo culminado: construção nova e estigmatizada: é um gerundismo;

d. “Hoje à noite a gente VAI TÁ SUBINDO no palco de Brasília”⁵⁶ – verbo de culminação: construção nova e estigmatizada: é um gerundismo.

Essa escala sugere que, se num extremo estão os verbos de maior duração e, no outro, os de menor duração, quanto mais o verbo de menor duração puder caminhar na direção do extremo da maior duração, menor será a clareza em julgar inequivocamente como “perífrase antiga” e sem estigma x “gerundismo novo” e estigmatizado.

Assim, para esse trabalho, as perífrases com verbos de processo ou de estado não são gerundismos, embora os constituintes sejam os mesmos e na mesma ordem, pelo menos não os gerundismos que são equivalentes às outras formas de futuro. Para as perífrases com verbos de processo e de estado, não há o mesmo valor de verdade/referencial das outras variantes. Mas o entendimento desses fatos por meio dessa escala proposta pode ilustrar o caminho dessas perífrases: antes formadas com verbos de processo passam a ser formadas por outros verbos de menor duração. Perífrases com verbos de curta duração, como apontado na situação da letra b. atrás, indicariam a tal transição.

A novidade do gerundismo, então, não reside no fato de que essas perífrases invadiram nossas vidas como uma conseqüência da inquestionável expansão do *telemarketing* no Brasil nos fins do século XX, mas sim no fato de que verbos de tipos aspectuais diferentes daquele que Menon (2004) utilizou, na tentativa de mostrar que essas perífrases não são novidade, atualmente, fazem parte do rol de possibilidades de construção das perífrases com gerúndio na indicação do futuro.

Os exemplos utilizados no início deste tópico, em que se confrontou:

- i. ESTARÁ DIVULGANDO, vai estar divulgando, vai divulgar, divulgará e divulga
- ii. VOU TÁ SAINDO, estarei saindo, vou sair, sairei e saio

⁵⁵ E-mail profissional de novembro de 2006.

⁵⁶ Entrevista de cantores em um jornal local sobre um show feito em Brasília em 2006.

iii. VOU ESTAR DORMINDO, estarei dormindo, vou dormir, dormirei e durmo

servem para ilustrar que, com base na noção de duração da ação verbal, algumas perífrases podem ser consideradas gerundismo e outras não, sendo que aquelas que não considero gerundismo são também as pouco ou nada estigmatizadas.

A análise do Aspecto verbal, portanto, é crucial para o fenômeno em estudo na medida em que a questão da “incompatibilidade” entre a duratividade expressa pelo gerúndio e por *estar* e a curta duração do evento está na base da argumentação de que o gerundismo é errado. Deve ficar claro que toda a análise feita, em nenhum momento, considerou qualquer perífrase como erro ou como estrutura problemática e a incompatibilidade, que sempre deve ser entendida entre aspas, indica, na verdade, que o falante é sensível à novidade.

Assim, o que de fato vou considerar gerundismo inequívoco na expressão do futuro são as perífrases formadas por [*estar* (futuro simples) + gerúndio] e [*ir* (Presente) + *estar* + gerúndio] desde que o verbo principal seja de processo culminado ou de culminação, como:

- a. “Eu vou tá checando se houve alguma saída desse computador”⁵⁷;
- b. “É a mantenedora que vai tá solicitando a autorização”⁵⁸;
- c. “Como que a gente vai tá liberando esse curso com 2.800 horas?”⁵⁹;
- d. “Tem que dar os nomes de quem vai participar, que amanhã eu vou tá passando os nomes”⁶⁰;
- e. “Me liga amanhã, que eu VOU TÁ SAINDO daqui às 4 da tarde”⁶¹;
- f. “Nesse volume, além dos artigos e resenhas relacionados às linhas de pesquisa do programa Literatura e Cultura e Linguagens e Cultura ESTAREMOS EDITANDO um dossiê comemorativo de publicação do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa”⁶²;

⁵⁷ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2008.

⁵⁸ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2008.

⁵⁹ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2008.

⁶⁰ Interação em ambiente de trabalho em fevereiro de 2008.

⁶¹ Interação em ambiente de trabalho em 2007.

⁶² Informativo da UFPB. Chamada para trabalhos na UFPB em março de 2006.

g. “Hoje à noite a gente VAI TÁ SUBINDO no palco de Brasília”⁶³.

Apesar dos constituintes, não estão sendo considerados como gerundismos perífrases com verbos de processo ou verbos estativos, como:

- a. “Vou estar morando em S. Paulo”⁶⁴;
- b. “Vou estar dormindo na hora da novela”⁶⁵;
- c. “Amanhã vai estar chovendo”;
- d. “Amanhã vou estar trabalhando o dia todo”.

E, repito, também não farão parte dos resultados quantitativos as perífrases da mesma natureza com o gerúndio alternando com o infinitivo mas que não expressam futuro (“Ela PODE TÁ ABRINDO exceção pra senhora”), embora elas também possam ser gerundismos num sentido mais amplo da interpretação dos falantes que têm ou desenvolveram a consciência sobre o fenômeno do gerundismo.

Assim, aproveitando a sugestão de Menon (2004), de que *estar* (futuro simples) se “abre” em *ir* (Presente) + *estar*, isto é, de que *estarei* se abre para *vou estar*, essas perífrases serão chamadas neste trabalho respectivamente de *gerundismo não expandido* (*estarei disponibilizando*) e *gerundismo expandido* (*vou estar disponibilizando*)⁶⁶.

Embora a forma não expandida tenha como auxiliar o verbo *estar*, que forma perífrase canônica com o gerúndio, a tipologia do verbo principal faz dessa uma forma variante com o mesmo valor funcional de futuro que as outras. Trata-se de uma perífrase estigmatizada, mas menos do que a forma expandida⁶⁷, tanto que ela nem é capturada no Manifesto Anti-Gerundismo.

Para finalizar esta etapa, é preciso reiterar que vários fatores tais como afixos, verbos auxiliares, elementos adverbiais e a natureza sintático-semântica dos elementos que funcionam como complementos atuam simultaneamente na construção do valor aspectual da frase. Mateus *et al* (2003, p. 137) resumem que “a aspectualidade é composicional”.

⁶³ Entrevista de cantores em um jornal local sobre um show feito em Brasília em 2006.

⁶⁴ Exemplo retirado de Possenti (2005).

⁶⁵ Os dados b., c. e d. foram retirados de Pereira Júnior (2005).

⁶⁶ Tal classificação foi sugestão da professora Maria Marta Pereira Scherre.

⁶⁷ Conferir anexos 8 e 9.

3.3 As outras variantes

Para a tradição gramatical, o recurso indiscutivelmente apontado para a expressão do futuro verbal foi o tempo chamado Futuro do Presente.

Autores como Said Ali (1964, p. 164), Cunha & Cintra (2001, p. 458), Bechara (2004, p. 279) e Almeida (2005, p. 230) mencionam, entre vários usos possíveis desse futuro – incerteza, polidez, valor imperativo, etc. –, um emprego comum, que é a indicação de que a ação expressa pelo verbo se concretizará depois do momento da fala. Almeida (2005, p. 230) explica que o Futuro do Presente é aquele que expressa, por uma só palavra, a ação que irá se realizar.

Para Said Ali (2001, p. 111) e Mattos e Silva (2006, p. 119), o Futuro do Presente e o Futuro do Pretérito se formaram, no português e nas línguas românicas, motivados pela perda dos futuros perfectivo e imperfectivo do latim. De acordo com a informação desses dois autores, as formas que nesse presente momento são tidas como simples são o resultado da cristalização de uma perífrase. Nas palavras de Mattos e Silva (2006, p. 119), uma locução formada no romance para expressar futuridadade

Foi constituída do infinitivo de qualquer verbo seguido de *habére*, no indicativo presente ou no pretérito imperfeito (do tipo: *amare + habeo/amare + habebam*) que, por processos fonológicos regulares, resultaram nas formas gramaticalizadas do futuro do presente/futuro do pretérito (*amarei/amaria*).

Cunha & Cintra (2001, p. 393, nota nº 2) também mencionam a formação do Futuro do Presente, como sendo a aglutinação do infinitivo do verbo principal à forma reduzida do Presente do Indicativo do auxiliar *haver*, que seria *amar + (h)ei = amarei*.

O Presente do Indicativo, além de vários usos como o presente da ação, a expressão de um fato habitual ou uma verdade, também está previsto nas gramáticas como forma possível para expressar futuro.

Para Mattos e Silva (2006), o português documentado do século XIII⁶⁸ já tinha passado pelas modificações mais importantes com relação ao sistema verbal latino, de modo que as diferenças entre o português arcaico e o contemporâneo estão basicamente no nível da morfologia, e não com relação à organização aspecto-modo-temporal, por exemplo. Segundo a autora, no

⁶⁸ O período compreendido entre os séculos XIII e XV é chamado português arcaico.

português arcaico, que, em relação ao latim, era um sistema novo, a forma do Presente já podia expressar futuro.

As gramáticas portuguesas reconhecem a persistência do Presente do Indicativo na indicação do futuro através da História. Said Ali (1964, p. 161 e 2001, p. 228), Cunha & Cintra (2001, p. 449), Bechara (2004, p. 276) e Almeida (2005, p. 228) apontam essa possibilidade, sempre com alguma observação.

Tanto para Cunha & Cintra (2001, p. 449) quanto para Almeida (2005, p. 228), o Presente indica um fato futuro próximo, como em “Sigo amanhã”⁶⁹. Mas Bechara (2004, p. 276) entende que o Presente empregado como futuro serve para enfatizar uma decisão e exemplifica: “Amanhã eu vou à cidade”⁷⁰. Cunha & Cintra ainda destacam que a presença de um advérbio desfaz a ambigüidade quando o Presente indica futuro, para que não seja confundido com o Presente que indica habitualidade.

A tradição gramatical, portanto, apresenta essas duas como as formas possíveis na indicação do futuro, sendo que o Presente apresenta restrições quanto ao tipo de verbo e à presença de um advérbio que denote tempo.

No que diz respeito ao tipo de verbo, a restrição ao Presente também está relacionada à tipologia aspectual. Considerando brevemente a distinção entre eventos e estados feita por Mateus et al (2003, p. 134 e seguintes), eventos indicam situações dinâmicas e estados não.

Os exemplos dados por esses gramáticos confirmam que verbos de movimento podem indicar futuro quando usados no Presente. Verbos que indicam situações dinâmicas, não necessariamente apenas verbos de movimento, também podem desempenhar tal função, como “Mais tarde *resolvo/pego/faço* isso para você”⁷¹.

Essa possibilidade, por outro lado, fica vetada para alguns verbos de estado em determinados contextos. Em exemplos⁷² como

- A Rita é alta
- A Joana está contente

⁶⁹ Almeida (2005, p. 228).

⁷⁰ Bechara (2004, p. 276).

⁷¹ Dado de intuição.

⁷² Retirados de Mateus et al (2003, p.134 e seguintes).

- O Rui vive em Paris

não só um advérbio como os dos exemplos anteriores tornaria as sentenças agramaticais como a leitura de futuro é impossível.

Os gramáticos citados apontam os verbos auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar* na formação dos chamados Tempos Compostos. Cunha & Cintra (2001, p 460 e 461), entretanto, mencionam como “Substituto do futuro do presente simples” o “PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal” para indicar uma ação futura imediata.

A afirmação quanto à proximidade da ação para *ir* + infinitivo é semelhante à estimativa temporal para o Presente, a que Cunha & Cintra (2001, p. 460) atribuem a indicação de um futuro também próximo.

Nessa mesma seção sobre os substitutos do Futuro do Presente, eles mencionam mais duas perífrases com infinitivo que têm como auxiliares *haver* e *ter*, ambos seguidos da preposição *de*.

No meu entendimento, desses “substitutos” do Futuro do Presente, as perífrases com *ter de* e *haver de* indiscutivelmente apontam uma leitura de futuro, mas têm um valor modal de obrigatoriedade e de esperança ou desejo, que não existe na perífrase *ir* + infinitivo.

Santos (1997) observa que Bechara, na edição de 1989 da Moderna Gramática Portuguesa, trata dessa perífrase na parte dos auxiliares modais, sendo utilizada quando o intuito é referir um futuro próximo ou remoto. A menção à forma *ir* + infinitivo na seção dos auxiliares modais para referir qualquer tipo de futuro, tanto o próximo quanto o remoto, sugere que essa perífrase serve a qualquer intenção, embora nem na edição mais recente tenha sido reconhecida como forma plena, não marcada, na indicação do futuro. Entretanto, nessa última edição, à página 279, pode-se ler sobre o futuro: “O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se *vai realizar*” [grifo meu].

Essa forma substituta do Futuro do Presente, para Cunha & Cintra (2001, p. 461), ou modalizada, para Bechara (2004, p. 232), formada por *ir* + infinitivo, é o futuro que estou chamando de futuro perifrástico, que é ignorado pela tradição gramatical como forma plena e legítima para indicar futuro próximo ou remoto nos mais variados contextos.

O trabalho de Santos (1997) fala ainda de um outro futuro perifrástico, também não previsto pela tradição, chamado pela autora “futuro simples perifrástico”. Para Santos, esse tipo de futuro também é composto pelo verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, mas com o auxiliar conjugado no Futuro do Presente (*irei sair*). Ou seja, o futuro simples perifrástico tem características do futuro simples e do futuro perifrástico.

Assim como Bechara, Almeida (2005) não reconhece o futuro perifrástico como forma plena, não marcada, nem na parte relativa a futuro nem entre os verbos auxiliares. Se não há menção ao futuro perifrástico, não seria de se esperar que houvesse menção ao futuro simples perifrástico. Contudo, à página 230, Almeida explica: “**Futuro do presente simples**: É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: *sairei*” [negrito e itálico do autor].

Assim, se, para a tradição gramatical, as formas de futuridade sempre consideradas são o futuro simples (farei), de que se pode dizer que é a forma universal e irrestritamente aceita, e o Presente (faço), para os estudos lingüísticos, por outro lado, as formas sempre abordadas são o futuro simples (farei), o futuro perifrástico (vou fazer) e o Presente (faço).

O estigma em relação ao gerundismo deve-se, principalmente, à novidade do tipo de verbo que compõe as perífrases. Isso, por si só, já seria um motivo para que se tornassem perceptíveis. Entretanto, é preciso registrar que o fato de o gerundismo expandido ser mais estigmatizado do que o não expandido⁷³ de alguma forma está relacionado com o(s) auxiliar(es). Embora em perífrases como ‘vou continuar tentando’ e ‘vou ficar esperando’ também haja dois auxiliares, quando se trata de gerundismo, a adjacência deles combinada com a tipologia do verbo torna essas perífrases muito mais perceptíveis. Tanto é que, no do tipo não expandido o auxiliar está conjugado na forma de prestígio, além de ser o verbo canônico para as perífrases com gerúndio. Mas o do tipo expandido tem dois auxiliares, sendo que *estar* não recebe flexão.

4. O tratamento quantitativo dos dados

⁷³ Conferir anexos 8 e 9, especialmente o comentário do leitor Elmadan Valentim.

Esta seção do trabalho analisa a distribuição de cinco variantes na expressão da futuridade em português. Foram colhidos de maneira ortodoxa 631 dados, dos quais o gerundismo não expandido (“ESTARÃO SUBINDO Curitiba, Náutico, Havaí e Recife”⁷⁴) é responsável por 2.7% e o gerundismo expandido (“Vocês VÃO TÁ RECEBENDO uma caixinha cada uma”⁷⁵), por 1.1%, conforme mostra a tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Distribuição dos dados de coleta ortodoxa

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perif. (Vou enviar)	Presente (Envio)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	TOTAL
Coleta ortodoxa	258	319	30	17	7	631
	40,9%	50,6%	4,8%	2,7%	1,1%	100%

A tabela 2 mostra a inserção dos dados de observação participante, 90 ao todo.

Tabela 2: Distribuição dos dados de coleta ortodoxa e de observação participante

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perifrástico (Vou enviar)	Presente (Envio)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	TOTAL
Coleta ortodoxa com acréscimo de observação participante	258	319	30	40	74	721
	35,8%	44,2%	4,2%	5,5%	10,3%	100%

4.1 Os grupos de fatores

As hipóteses levantadas foram testadas de acordo com os seguintes grupos de fatores:

- 4.1.1 Tipo de texto e formalidade da situação;
- 4.1.2 Aspecto e temporalidade no advérbio;
- 4.1.3 Tipo de oração; e
- 4.1.4 Tipologia aspectual do verbo principal.

4.1.1 Tipo de texto

⁷⁴ Rádio Jovem Pan, setembro de 2006.

⁷⁵ Interação entre médico e paciente, janeiro de 2007.

O grupo Tipo de texto e formalidade da situação foi considerado para que se pudesse estabelecer o *locus* das variantes de maior interesse e verificar a hipótese de que, se de fato é uma novidade, o gerundismo não seria encontrado na escrita.

É necessário mencionar que no início da codificação havia dois grupos de fatores distintos para dar conta de tais questões. Havia um grupo para indicar se o dado era proveniente de fala ou de escrita e outro, com quatro fatores, que indicava os níveis de formalidade da situação. No caso dos boletins informativos da Universidade de Brasília, por exemplo, que circulam via *e-mail* e são comunicações de todos os Centros, Departamentos, Laboratórios, Reitoria e Pró-reitorias da UnB direcionadas à comunidade universitária, os dados eram sempre codificados como escrita, para o primeiro grupo, e como o nível mais alto de formalidade, no segundo. Os dados das rádios, por outro lado, eram sempre codificados como fala e como o nível de mais baixa formalidade, ou seja, o nível mais informal.

A codificação feita desta maneira provocou vários efeitos categóricos, que precisavam ser resolvidos sob pena de inviabilizar as análises de pesos relativos. Uma vez identificado o problema, esses dois grupos de fatores foram reunidos e ficaram definitivamente estabelecidos como:

- a) Dados de escrita, a maioria proveniente dos boletins da UnB (“O Decanato de Pesquisa e Pós-graduação convida alunos e professores a visitarem o *stand* da Petrobras que ESTARÁ DIVULGANDO o prêmio ‘Petrobras de Tecnologia’ nos locais a seguir indicados”⁷⁶);
- b) Dados de fala informal, a maioria proveniente dos programas de rádio (“Então, o que... a dúvida que fica, lógico, que você tá numa excelente gravadora, isso já é um grande passo, aliás, acho que cê tá na melhor (...), né? que em breve VAI TÁ LANÇANDO *cd* do Osnir, em breve VAI TÁ LANÇANDO o *cd* do Osnir, né, Cris? outro disco...”⁷⁷);
- c) Dados de fala muito formal, provenientes dos discursos disponíveis no *site* do Senado Federal (“Isso PROPORCIONARÁ, sem dúvida alguma, aumento de *royalties* para o

⁷⁶ Informativo da Universidade de Brasília de maio de 2006.

⁷⁷ Rádio Transamérica agosto de 2006.

Estado de Sergipe e para os municípios produtores de petróleo e gerar riqueza e renda no nosso Estado de Sergipe⁷⁸); e

- d) Dados de fala formal, a maioria coletada mediante observação participante (“Nós não VAMOS TÁ FRAGMENTANDO de que um pedacinho vá pra Fulano, outro pra Beltrano⁷⁹”).

A especificidade dos dados de fala formal já foi mencionada logo no início deste trabalho, mas ainda assim é preciso enfatizar que o fator *fala formal* não foi criado exclusivamente para abrigar os dados de gerundismo. Ao contrário, os dados de gerundismo, de fala, é que indicavam um nível de formalidade abaixo do nível de formalidade dos discursos e acima da informalidade dos programas de rádio. Mesmo assim, houve dados de observação participante codificados como *escrita formal* e *fala informal*, conforme as características de cada situação.

Houve ainda um único dado de escrita formal (“Obrigada, Fulana e Beltrana. ESTAREMOS COMPLETANDO nossas listas.”⁸⁰) não no mesmo nível dos boletins informativos que, para as análises de pesos relativos, foi amalgamado aos outros dados de escrita.

Para resolver os efeitos categóricos que envolvem os dados codificados como *fala muito formal*, ambiente em que não foram encontrados gerundismos, mas, fundamentalmente porque os dados classificados como *fala formal* são praticamente o mesmo conjunto dos dados de observação participante, as análises de pesos relativos foram feitas com a reunião de todos os dados de fala contra todos os de escrita. Em outras palavras, os dados de observação participante não podem receber nenhuma classificação, porque, na situação em que foram colhidos, as outras variantes não foram contabilizadas. Essa amalgamação foi feita para minimizar o viés do levantamento de dados de observação participante e, ao mesmo tempo, capturar o fato de que o *locus* do gerundismo expandido é a fala e o do não expandido é a escrita. Houve uma exceção nesse procedimento: uma de duas análises do confronto entre o futuro simples e o futuro perifrástico. Para a análise do confronto entre essas duas formas, na primeira etapa, foram feitas as mesmas amalgamações de todas as outras fases. Na segunda etapa, não houve a amalgamação dos fatores de fala, pois, desconsiderando o fator fala formal, não houve efeitos categóricos a

⁷⁸ Discurso do Senador Antonio Carlos Valadares feito em 8 de maio de 2006, acesso em 10 de maio de 2006.

⁷⁹ Interação em ambiente de trabalho em dezembro de 2006.

⁸⁰ E-mail profissional em outubro de 2006.

resolver. Então, em todas as análises binárias em que se confrontaram um tipo de gerundismo e qualquer uma das outras variantes, a amalgamação dos dados de fala foi feita.

Esse fator também foi controlado por Santos (1997) e selecionado como estatisticamente significativo.

4.1.2 Aspecto e temporalidade no advérbio

O grupo de fatores Aspecto e temporalidade no advérbio foi considerado para que se pudesse verificar a hipótese de que o gerundismo é uma forma utilizada quando há indicativo de que o falante não tem o propósito de realizar a ação prometida, ou seja, de que o gerundismo é um recurso para enganar o ouvinte/leitor, e verificar se há relação entre a maior distância de expectativa temporal de realização e a ocorrência de gerundismo expandido. Nesse grupo também foi considerada a ausência do advérbio. Esse grupo possui os seguintes fatores:

- a) Advérbio pontual com estimativa de realização da ação em até uma semana (“Hoje mesmo ESTAREI PROVIDENCIANDO o depósito”⁸¹);
- b) Advérbio pontual com estimativa de realização da ação em mais de uma semana (“Depois a gente VAI TÁ FAZENDO no dia 29 o *feedback*”⁸²);
- c) Advérbio durativo com estimativa de realização da ação em até uma semana (“De 7 a 13 eu VOU TÁ FAZENDO um curso no CETREMEC”⁸³);
- d) Advérbio durativo com estimativa de realização da ação em mais de uma semana (“A SRH/SDH/Procap informa que somente até o dia 24 de março ESTARÁ RECEBENDO as inscrições para a segunda turma do "Curso de Formação e Desenvolvimento de Gerentes de IES", com 150 horas/aula, destinado aos gerentes da UnB, a ser desenvolvido com o apoio de diferentes especialistas da Universidade, em cada tópico do conteúdo programático”⁸⁴); e
- e) Ausência de advérbio (“O seu chefe VAI TÁ CONTROLANDO o seu ponto”⁸⁵).

Alguns advérbios como:

1. “No rádio cês NUNCA mais vão respondê”⁸⁶;

⁸¹ *E-mail* de trabalho em outubro de 2007.

⁸² Interação em ambiente de trabalho em 8 de outubro de 2006.

⁸³ Interação em ambiente de trabalho em junho de 2007.

⁸⁴ Informativo da Universidade de Brasília de 13 de março de 2006.

⁸⁵ Interação em ambiente de trabalho em dezembro de 2006.

⁸⁶ Rádio Transamérica em agosto de 2006.

2. “Mas ele AGORA chega com força total para a disputa da Copa do Mundo e disse que não vai mudar o estilo dele não”⁸⁷; e
3. “Mentira? Tu tem coragem de olhar na minha cara, esses olhos que (...) comer, não, não, esses olhos que UM DIA o mundo vai comer”⁸⁸

não se enquadraram no rol das possibilidades estabelecidas. O advérbio “agora”, do segundo dado, por exemplo, não indica coincidência com o momento da fala. Nesses casos em que a interpretação do advérbio não foi de durativa ou pontual como definido logo atrás, utilizei uma marcação específica para analisar separadamente. Chamei-os de indefinidos, porque são diferentes entre si e porque não consegui enquadrá-los nos grupos instituídos. Trata-se de 44 casos, que ocorreram com todas as variantes.

4.1.3 Tipologia aspectual

O grupo Tipologia aspectual foi considerado para verificar e analisar qual a relação entre a curta e média duração do evento com as estruturas sob análise, ou seja, a relação dos eventos de maior duração com as formas com gerúndio. Esse controle também foi necessário para excluir da análise quantitativa perífrases com verbos de processo (“Amanhã VAI ESTAR CHOVENDO”⁸⁹) e com verbos estativos (“VOU ESTAR MORANDO em São Paulo”⁹⁰), pois não formam perífrases variantes. Os tipos considerados foram:

- a) Verbos de culminação (“Duas realidades VÃO TÁ OCORRENDO ao mesmo tempo”⁹¹; “ESTARÃO SUBINDO Curitiba, Náutico, Havaí e Recife”⁹²) e
- b) Verbos de processo culminado (“Noticia-se que a XXXXX ESTARÁ OFERTANDO 4 bolsas aos acadêmicos de Direito através do PROUNI”⁹³; “Senhor Fulano de tal? CPF tal? O senhor tem 24 horas pra tá depositando 512 reais senão a gente VAI TÁ PROCESSANDO o senhor”⁹⁴).

⁸⁷ Rádio Transamérica em maio de 2006.

⁸⁸ Rádio Jovem Pan em setembro de 2006.

⁸⁹ Exemplo retirado de Luis Costa Pereira Júnior. O gerúndio é só pretexto. Revista Língua. São Paulo, ano 1, nº 1, p. 21, 2005.).

⁹⁰ Dado adaptado de Possenti (2005, p. 11). Na tipologia adotada por Mateus et al (2003), trata-se de um verbo estativo do tipo locativo.

⁹¹ Interação em ambiente de trabalho em outubro de 2006.

⁹² Rádio Jovem Pan, setembro de 2006.

⁹³ Esse dado foi retirado de um relatório feito por avaliadores, todos mestres ou doutores, de um cadastro nacional mantido pelo MEC/INEP para reconhecimento de curso de Direito, em dezembro de 2006.

⁹⁴ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2008.

4.1.4 Tipo de oração

O grupo Tipo de oração foi considerado para se estabelecer o mapeamento sintático das construções e verificar se havia um tipo sintático específico influenciando a escolha do gerundismo. Oliveira (2006) testou a hipótese de que o futuro que indica certeza não deveria ser favorecido por orações subordinadas, mas isso não se confirmou. Os tipos de orações considerados foram:

- a) Absoluta (“Eu VOU TÁ FAZENDO uma pesquisa de caráter interacional”⁹⁵);
- b) Principal (“Aí nesse link você VAI ESTAR CADASTRANDO todas as informações que pedir”⁹⁶);
- c) Subordinada (“Seria bom você falar com ela, que VAI TÁ ELABORANDO esse documento e PASSANDO pra gente”⁹⁷);
- d) Coordenada (“Fulano, ESTAREI VERIFICANDO junto a UFRJ, solicito aguardar”⁹⁸);
e
- e) Pergunta (“Eu tenho 22 atores excepcionais que não trabalham. Se você não produz, as pessoas não trabalham. Onde é que as pessoas VÃO ESTAR MOSTRANDO seu trabalho?”⁹⁹).

Não houve refinamento quanto ao tipo das orações subordinadas nem em relação à posição (primeira, segunda ou outra) da oração coordenada.

4.2 Distribuição geral e real dos dados

⁹⁵ Seminário de pós-graduação, na Universidade de Brasília em setembro de 2007.

⁹⁶ Interação em ambiente de trabalho em junho de 2007.

⁹⁷ Interação em ambiente de trabalho em maio de 2007. Trata-se de orações adjetivas e não substantivas.

⁹⁸ *E-mail* de caráter oficial do SERPRO/SIAPE para servidor em setembro de 2007.

⁹⁹ Entrevista de diretor de TV na TV Globo em dezembro de 2006.

Esta terceira tabela mostra a distribuição dos 631 dados colhidos de maneira convencional. Como foi dito na página 54, ocorreram 2,7% de gerundismo não expandido e 1,1% de gerundismo expandido. Destacam-se os efeitos categóricos dessas duas formas e do Presente nas situações de fala muito formal.

Tabela 3: Distribuição geral e real dos dados

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perif. (Vou enviar)	Presente (Envio)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	TOTAL
Escrita	240	28	20	16	1	305
	78,7%	9,2%	6,6%	5,2%	0,3%	48,3%
Fala muito formal	11	18	0	0	0	29
	37,9%	62,1%	0%	0%	0%	4,6%
Fala informal	7	273	10	1	6	297
	2,4%	91,9%	3,4%	0,3%	2%	47,1%
TOTAL	258	319	30	17	7	631
	40,9%	50,6%	4,8%	2,7%	1,1%	100%

Nessa fase, os efeitos categóricos bem localizados indicavam que esse tipo sintático realmente não ocorreu em todas as situações. Ficou claro que a coleta dos dados que eram ouvidos ou lidos era realmente necessária para os resultados com pesos relativos, além de indicar o contexto propício para a ocorrência do gerundismo.

A tabela 4 mostra a inserção dos dados de observação participante, 90 ao todo. Destes, 61 (3 para o gerundismo não expandido e 58 para o gerundismo expandido) foram inseridos no fator fala formal, 17 no fator escrita formal (todos para o gerundismo não expandido), 11 no fator fala informal (2 para o não expandido e 9 para o expandido) e 1 de escrita menos formal (do tipo não expandido).

Tabela 4: Distribuição geral com dados de observação participante

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perifrástico (Vou enviar)	Presente (Envio)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	TOTAL
Escrita	240	28	20	33	1	322
	74,5%	8,7%	6,2%	10,2%	0,3%	44,7%
Escrita menos formal	0	0	0	1	0	1
	0%	0%	0%	100%	0%	0,1%
Fala muito formal	11	18	0	0	0	29
	37,9%	62,1%	0%	0%	0%	4%
Fala formal	0	0	0	3	58	61
	0%	0%	0%	4,9%	95,1%	8,5%
Fala informal	7	273	10	3	15	308
	2,3%	88,6%	3,2%	1%	4,9%	42,7%
TOTAL	258	319	30	40	74	721
	35,8%	44,2%	4,2%	5,5%	10,3%	100%

A tabela 4, que mostra a inserção de dados provenientes de coleta heterodoxa, apresenta os cinco fatores que capturaram, ao mesmo tempo, a modalidade de texto e o nível de formalidade em se que distribuíram os dados. Conforme já esclarecido nas páginas 16 e 55, os dados de gerundismo apresentam um nível específico de formalidade e, por isso, essa tabela mostra o efeito do tipo de texto sobre as variantes, considerando essa especificidade.

Essa recontagem comprova que os dados de observação participante, obviamente, são todos de gerundismos, mas que nem todos foram incluídos no fator fala formal.

A permanência dos efeitos categóricos confirmou que algumas amalgamações seriam necessárias.

Reitero que os dados colhidos dessa maneira heterodoxa, porque não foram levantados dados das outras variantes de futuro por meio de observação participante, só foram considerados para as análises de pesos relativos e para o entendimento do comportamento do gerundismo, pois, de acordo com Sankoff (1988b, p. 1160), para esses dados, a estimativa de *input* não tem interpretação significativa (cf. capítulo 1, p. 14).

O comportamento das médias, pelo mesmo motivo e também pelas amalgamações necessárias que foram feitas, só foi levado em conta desconsiderando-se os dados colhidos de maneira não ortodoxa. O quinhão do gerundismo, portanto, nas amostras analisadas, já está estabelecido em 3,8%, sendo 2,7% de gerundismo não expandido (“O Decanato de Extensão, por intermédio do Departamento de Teoria Literária, vai prestar apoio ao encontro e convida a comunidade universitária, especialmente alunos de Letras a participar da programação que

ESTARÁ SENDO divulgada no site”¹⁰⁰) e 1,1% de gerundismo expandido (“Eu VÔ TÁ COLOCANDO uma etiqueta que vale 30 dias. Pode ser?”¹⁰¹).

Em relação à escrita, o único dado de menor formalidade foi amalgamado aos outros dados de escrita. Para a fala, todos os dados foram amalgamados. Tal procedimento, obviamente, teve repercussões sobre as médias, mas foi o meio encontrado para se confrontar fala e escrita tendo o gerundismo como uma das variáveis nas análises binárias.

A variante Presente, também com baixo número de ocorrências e restrita a determinados verbos, e o fator Pergunta, do grupo “Tipo de oração”, também provocaram efeitos categóricos, de invariância e, por isso, foram retirados das análises para o cálculo de pesos relativos.

Com relação à variante Presente, de fato, há várias restrições semânticas, mas o fator Pergunta, que contou apenas 23 dados, todos de futuro perifrástico, possivelmente provocou esses efeitos categóricos devido à quantidade de dados. Em um *corpus* mais robusto, talvez ele não precisasse ser excluído das análises quantitativas.

4.3 Análise eneária - resultados

Com as exclusões e amalgamações necessárias, os gráficos e as tabelas seguintes mostram os resultados de pesos relativos de uma análise com o futuro simples, o futuro perifrástico, o gerundismo expandido e o gerundismo não expandido simultaneamente. A medida de referência para dizer que o fator favorece ou desfavorece determinada variante, numa análise com quatro variantes, é 0,25. Cada gráfico mostra o resultado de um grupo de fatores, mas as rodadas eneárias não apontam os grupos estatisticamente significativos.

Os resultados dessa primeira análise serão confrontados com os das análises binárias, em que todas as variantes foram comparadas entre si.

4.3.1 Tipo de texto

¹⁰⁰ Informativo da Universidade de Brasília de janeiro de 2006.

¹⁰¹ Interação entre vendedor e cliente, dezembro de 2006.

Em relação à modalidade e ao nível de formalidade de texto, os resultados mostraram que, quando as variantes são observadas simultaneamente, o gerundismo expandido e futuro perifrástico são formas desfavorecidas pela escrita, como mostra a tabela 5. Percebe-se também que existe uma escala decrescente de favorecimento nesse contexto: o futuro simples é o mais favorecido (0,62), seguido pelo gerundismo não expandido (0,32), depois pelo futuro perifrástico (0,05) e, finalmente, o gerundismo expandido (0,01), praticamente não encontrado na escrita.

A despeito do estigma em relação às variantes inovadoras, o verbo auxiliar do gerundismo não expandido está conjugado na forma de prestígio, o futuro simples, por isso essa variante nova é encontrada na escrita.

Em relação à fala, como esperado, é mais provável encontrar o futuro perifrástico do que o simples e bastante improvável encontrar tal forma ou o gerundismo não expandido nesse contexto. As situações de fala indicaram uma forte tendência de ocorrência do gerundismo expandido, uma consequência direta de ele ser fortemente desfavorecido pela escrita.

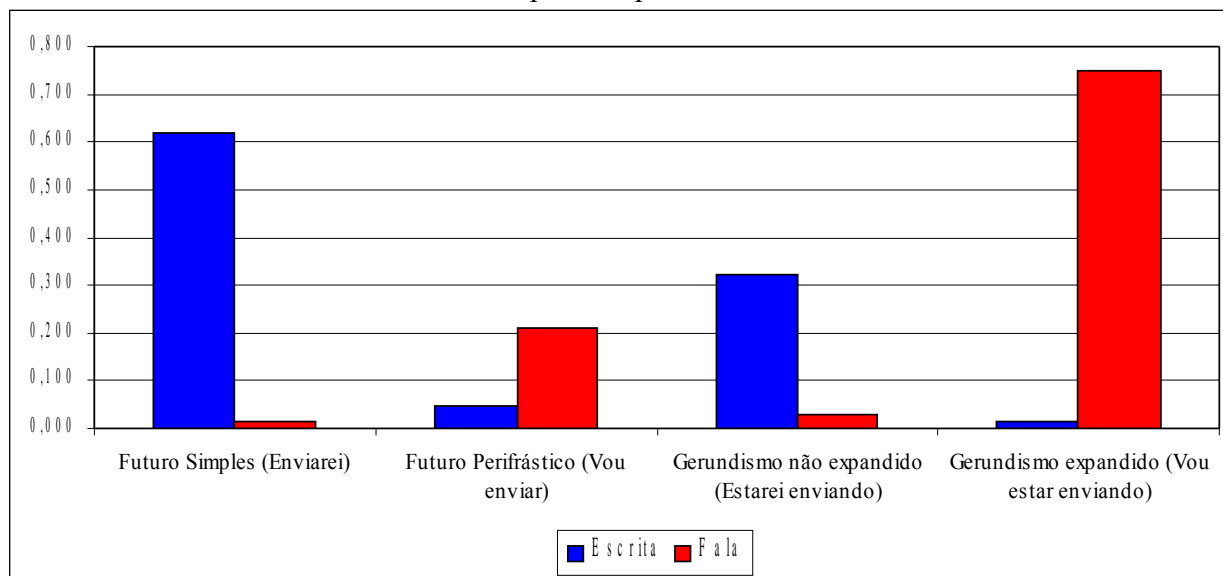
Tabela 5: Efeito do tipo de texto

	Futuro Simples (Enviarei)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Escrita	0,62	0,05	0,32	0,01
Fala	0,02	0,20	0,03	0,75

A análise do gráfico 1, a seguir, permite visualizar regularidades que envolvem os pares futuro perifrástico e gerundismo expandido, por um lado, e futuro simples e gerundismo não expandido, por outro¹⁰².

¹⁰² Lendo as tabelas horizontalmente, a soma dos pesos relativos de todas as variantes para um determinado fator deve ser 1 e, portanto, quanto mais perto de 1, maior a força do favorecimento.

Gráfico 1: Efeito para o tipo de texto em análise eneária



O primeiro par (futuro perifrástico e gerundismo expandido) aparece mais favorecido pela fala e o segundo (futuro simples e gerundismo não expandido), mais pela escrita. Entretanto, as diferenças marcantes dos pesos relativos para o futuro simples ($0,62 - 0,02 = 0,60$) e para o gerundismo expandido ($0,75 - 0,01 = 0,74$) apontam que essas formas são praticamente restritas a determinados contextos. A mesma observação pode ser feita para o gerundismo não expandido, mas com diferença menos contundente ($0,32 - 0,03 = 0,29$).

Com relação ao futuro perifrástico, porém, a diferença entre os pesos relativos obtidos para a fala e para a escrita ($0,2 - 0,05 = 0,15$) foi a menor da rodada e, confrontando esse resultado com o da tabela 3 (p. 60), que mostra que nas situações de fala bastante formal só houve ocorrências de futuro simples e perifrástico, é possível inferir que o futuro perifrástico, mesmo nas situações mais formais de fala, está competindo com o futuro simples. Essas considerações, no entanto, são feitas com cautela devido à escassez de dados, mas são válidas na medida em que se aceita que resultados obtidos de uma amostra menos robusta são representativos daqueles baseados em uma maior massa de dados.

4.3.2 Aspecto e temporalidade no advérbio

A presença dos advérbios parece não ter um comportamento regular para as formas sob análise¹⁰³, como mostra a tabela 6.

Tabela 6: Efeito para o tipo de advérbio em rodada eneária

	Fut. Simples (Enviarei)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Ausência	0,21	0,44	0,14	0,21
Pontual até uma semana	0,36	0,20	0,35	0,09
Pontual mais de uma semana	0,33	0,30	0,26	0,11
Durativo até uma semana	0,23	0,09	0,21	0,47
Durativo mais de uma semana	0,09	0,24	0,27	0,40
Indefinidos	0,27	0,25	0,19	0,29

Observando os advérbios com estimativa de realização em mais de uma semana, vê-se uma relativa oposição das formas com e sem gerúndio: os pontuais favorecendo as formas sem gerúndio (0,33 e 0,30) e os durativos tendendo a favorecer as formas com gerúndio (0,27 e 0,40), sendo que, para o gerundismo não expandido, esses advérbios tiveram um efeito praticamente neutro (0,26 e 0,27). Além disso, observando os advérbios para mais de uma semana, a escala de favorecimento dos pontuais (futuro simples, futuro perifrástico, gerundismo não expandido e gerundismo expandido) se dá na mesma ordem que o desfavorecimento dos durativos (futuro simples, futuro perifrástico, gerundismo não expandido e gerundismo expandido), como se fosse um resultado “espelhado”.

Os advérbios pontuais com estimativa de realização em até uma semana favoreceram igualmente o futuro simples (0,36) e o gerundismo não expandido (0,35), cujo auxiliar está conjugado na forma simples, bem como desfavoreceram o futuro perifrástico (0,20) e o

¹⁰³ Conferir anexo 11.

gerundismo expandido (0,09), que compartilham justamente o fato de não terem um morfema específico de futuro (-rei).

O traço pontual, independentemente da distância temporal, desfavorece o gerundismo expandido (0,09 e 0,11). O futuro perifrástico também se mostrou desfavorecido pela presença de advérbios pontuais com realização estimada em até uma semana (0,20). Mas esse mesmo traço pontual favorece o gerundismo não expandido, que contém um dos traços morfológicos do futuro simples.

Assim, o gerundismo expandido, de maneira geral, é favorecido pela presença de advérbios durativos. Trata-se da forma que mostra o mais forte favorecimento (0,47), que é o de advérbio durativo com estimativa de realização em até uma semana, o que sugere que não procede a afirmação de que se usa o gerundismo para escapar do estabelecimento de prazos.

O fato de o gerundismo não expandido ter se mostrado favorecido por advérbios do mesmo tipo que favoreceram o futuro simples sugere que, se o grau de certeza inerente à forma de futuro está relacionado ao tipo de advérbio, o gerundismo dá os mesmos indícios de compromisso da outra forma.

A ausência de advérbios favoreceu, e de maneira significativa, somente o futuro perifrástico.

4.3.3 Tipologia aspectual

A tipologia aspectual processo culminado mostrou-se significativamente relevante para o gerundismo não expandido e para o futuro simples, embora em direções opostas.

O resultado desse grupo de fatores mostrou uma ordenação clara de favorecimento: verbos de processo culminado favoreceram apenas o gerundismo não expandido (0,42), seguido pelo gerundismo expandido (0,24), pelo futuro perifrástico (0,21) e pelo futuro simples (0,13).

Para os verbos de culminação, a escala do favorecimento é exatamente o oposto da anterior, ou seja, somente o futuro simples é favorecido (0,40), seguido pelo futuro perifrástico (0,25), depois pelo gerundismo expandido (0,22) e, por último, pelo gerundismo não expandido (0,13), conforme a tabela 7 a seguir.

Tabela 7: Efeito da tipologia aspectual em rodada eneária

	Futuro Simples (Enviarei)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Processo Culminado	0,13	0,21	0,42	0,24
Culminação	0,40	0,25	0,13	0,22

O resultado da análise deste grupo de fatores indica o seguinte agrupamento: enquanto as formas com gerúndio (pesos relativos de 0,42 e 0,24) têm mais probabilidade de ocorrência com verbos de processo culminado, as formas sem gerúndio (com pesos relativos de 0,40 e 0,25) têm mais chance de ocorrer com os verbos de culminação. Dito de outra forma, as perífrases com gerúndio são favorecidas por verbos que, semanticamente, apresentam duração maior, os verbos de processo culminado.

Esse resultado sugere que a tipologia aspectual não necessariamente influencia a ocorrência de gerundismo, pois o do tipo expandido nem foi favorecido, mas não se pode perder tal fato de vista porque é com base nele que se define o que é gerundismo.

4.3.4 Tipo de Oração

As orações absolutas favoreceram somente o gerundismo expandido (0,43), sendo o futuro simples (0,20) mais desfavorecido do que o perifrástico (0,22).

Para as orações coordenadas, há um padrão mais claro. Este tipo favorece as formas sem gerúndio (0,37 e 0,36) e desfavorece as outras (0,14 e 0,13). Entretanto, trata-se de orações independentes sintaticamente, como as absolutas, mas o comportamento das formas em relação a esses dois tipos de oração também não é regular, conforme a tabela 8¹⁰⁴ a seguir.

¹⁰⁴ Conferir anexo 12.

Tabela 8: Efeito para o tipo de oração em rodada eneária

	Futuro Simples (Enviarei)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Absoluta	0,20	0,22	0,15	0,43
Coordenada	0,37	0,36	0,14	0,13
Principal	0,18	0,22	0,28	0,32
Subordinada	0,20	0,15	0,49	0,16

O fato de as orações absolutas e coordenadas serem independentes sintaticamente poderia levar a esperar que os resultados fossem parecidos. Mas o favorecimento do gerundismo expandido (0,43) pelas orações absolutas¹⁰⁵ inviabilizou tal sistematização.

Muito embora orações substantivas, adjetivas e adverbiais tenham, cada uma, uma relação diferente com a oração principal, elas foram todas consideradas subordinadas. Este tipo de oração só favoreceu o gerundismo não expandido (0,49) e desfavoreceu igualmente o futuro perifrástico (0,15) e o gerundismo expandido (0,16). Seria o caso de perguntar, a esta altura, se o gerundismo, acusado de falta de compromisso, realmente indica imprecisão, porque o tipo favorecido por orações subordinadas foi o do tipo *estarei entregando*, seguido, em ordem de favorecimento, pelo futuro simples.

Em um resultado parecido com o de Oliveira (2006), as formas que, supostamente, indicariam mais certeza, o futuro simples e o perifrástico, só foram favorecidas pelas orações coordenadas, mas não pelas absolutas e nem pelas principais.

4.4 Análise binária – resultados

As análises seguintes são todas binárias e, por isso, a medida de referência deste ponto em diante para favorecimento ou não é 0,5. O programa GoldVarbX, que prepara as estatísticas para interpretação nessa fase, além dos pesos relativos, seleciona os grupos de fatores significativos para ocorrência de uma variante em vez de outra.

¹⁰⁵ O favorecimento do gerundismo expandido por orações absolutas reflete a hipótese de Lightfoot (1999) de que novas propriedades gramaticais se mostram na variação em dados simples, com pistas que ocorrem em domínios não encaixados.

O peso relativo é calculado em relação a uma variante e o peso relativo da outra é o complemento para 1. Para facilitar a leitura, as próximas tabelas sempre indicarão os pesos relativos das duas variantes.

4.4.1 Confronto entre gerundismo não expandido e gerundismo expandido

Esta etapa confrontou os dois tipos de gerundismo e selecionou como estatisticamente significativos os grupos Tipo de texto e Aspecto e temporalidade no advérbio.

Os resultados dos pesos relativos, conforme a tabela 9, indicam que a escrita favorece fortemente o gerundismo não expandido (0,99) e desfavorece o gerundismo expandido (0,01), enquanto a fala favorece também fortemente o gerundismo expandido (0,90) e desfavorece o gerundismo não expandido (0,10), o que, em termos de tendência, confirma o que o gráfico 1, na seção 4.3.1, apontou.

Tabela 9: Efeito do tipo de texto para g. não expandido e g. expandido

Tipo de texto	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Escrita	0,99	0,01
Fala	0,10	0,90

Esses resultados também são confirmados pelo comportamento das médias antes da inserção dos dados de observação participante.

A tabela 3, em 4.2, indica que a média geral do gerundismo expandido (1,1%) aumenta na fala (2%) e abaixa na escrita (0,3%). Com o do tipo não expandido ocorre o contrário: a média de 2,7% abaixa na fala informal (0,3%) e sobe na escrita (5,2%).

Os resultados dos pesos relativos do grupo dos advérbios, para o confronto destas variantes, indicam que advérbios durativos, com estimativa de realização da ação em uma semana ou mais, favorecem, inclusive com pesos relativos parecidos (0,63 e 0,69), o gerundismo não expandido.

Tabela 10: Aspecto e temporalidade no advérbio para g. não expandido e g. expandido

Tipo de advérbio	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Ausência	0,31	0,69
Pontual até uma semana	0,94	0,06
Pontual mais de uma semana	0,45	0,55
Durativo até uma semana	0,63	0,37
Durativo mais de uma semana	0,69	0,31
Indefinidos	0,29	0,71

Em relação aos pontuais, a mesma generalização não é possível porque, quando a estimativa de realização é de até uma semana, o gerundismo não expandido é favorecido (0,94) e levemente desfavorecido quando a estimativa é para mais de uma semana (0,45).

O gerundismo expandido se mostrou favorecido por aqueles advérbios cuja classificação é mais delicada, como “Em breve eu VOU TÁ TE LIGANDO”¹⁰⁶, com peso relativo de 0,71. A ausência de advérbios também favorece os gerundismos deste tipo com peso de 0,69 e o não favorecimento em relação aos durativos contraria o resultado obtido na análise eneária.

Os resultados para a ausência de advérbios, para os indefinidos e para os pontuais realizáveis em até uma semana, nessa análise binária, confirmam o produto da análise eneária, já que o gerundismo expandido se mostrou mais favorecido do que o outro pela ausência de advérbios e pela presença dos indefinidos e o gerundismo não expandido novamente se mostrou mais favorecido que o outro por advérbios pontuais com probabilidade de realização em até uma semana.

4.4.2 Confronto entre gerundismo não expandido e futuro perifrástico

Nesta etapa, houve o confronto entre uma forma mais freqüente na escrita e outra mais freqüente na fala (cf. Tabela 3, p. 60) e os grupos selecionados como estatisticamente significativos foram Tipo de texto, Aspecto e temporalidade no advérbio e Tipo de oração.

¹⁰⁶ Interação em ambiente de trabalho em janeiro de 2007.

Neste contraste, o gerundismo não expandido também se mostrou favorecido pela escrita (0,98) e o futuro perifrástico, pela fala (0,71).

Tabela 11: Tipo de texto para g. não expandido e fut. perifrástico

	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)
Escrita	0,98	0,02
Fala	0,29	0,71

Considerando os contextos que favorecem cada uma das variantes, vê-se que a força do favorecimento do gerundismo não expandido na escrita (0,98) é maior do que a força do favorecimento do futuro perifrástico na fala (0,71). Possivelmente isso aconteça porque o futuro perifrástico é encontrado em todos os contextos, inclusive na escrita, inclusive nas situações mais formais de fala. Mas o gerundismo não expandido, assim como o futuro simples, não é uma estrutura da fala. Essa reflexão indica que não é que o futuro perifrástico não ocorra na escrita, o gerundismo não expandido e o futuro simples é que não são estruturas comuns na fala, principalmente na mais informal, o que as etapas posteriores vão mostrar.

A diferença entre os pesos relativos da fala e da escrita para cada uma das duas variantes, na análise eneária, mostra que a “distância” entre fala e escrita é menor para o futuro perifrástico ($0,20 - 0,05 = 0,15$) do que para o gerundismo não expandido ($0,32 - 0,03 = 0,29$). Esse é mais um indício de que o futuro perifrástico não é exclusivo da fala. Por outro lado, existe sim gerundismo na escrita, embora não o do tipo expandido.

Pelos resultados da tabela 12 a seguir, pode-se ver que a presença de qualquer advérbio, em relação à ausência, favoreceu o gerundismo não expandido, inclusive os indefinidos, sendo que os durativos o fazem com pesos relativos mais parecidos, (0,78 e 0,62) do que os pontuais (0,91 e 0,58). Nesse caso, há diferença com relação ao prazo em que a ação deve se realizar.

Tabela 12: Aspecto e temporalidade no advérbio para g. não expandido e fut. perifrástico

	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)
Ausência	0,36	0,64
Pontual/uma semana	0,91	0,09
Pontual + uma semana	0,58	0,42
Durativo até uma semana	0,78	0,22
Durativo + uma semana	0,62	0,38
Indefinidos	0,67	0,33

Os resultados parecidos para o futuro simples e para o gerundismo não expandido, como o favorecimento pelos advérbios pontuais, sugerem que essas duas formas têm características comuns. Quando se confrontam essas variantes, vê-se que a presença de advérbios, especialmente aqueles com estimativa de realização em até uma semana, favorece o gerundismo não expandido (0,91 e 0,78), tal como ocorreu com o próprio gerundismo não expandido e com o futuro simples na rodada eneária. Esse resultado sugere que, quando o falante utiliza esse gerundismo para indicar uma ação futura, tende a estabelecer um limite de tempo para executar tal ação e essa tendência é maior para advérbios com estimativa de realização em até uma semana. Além disso, deve-se lembrar que advérbios pontuais, que supostamente indicariam maior certeza, favoreceram o gerundismo e não o futuro perifrástico.

Sentenças sem advérbios favorecem a ocorrência de futuro perifrástico com peso relativo de 0,64.

O último grupo selecionado nesta etapa foi Tipo de oração. Os resultados indicam que orações subordinadas, como mostra a tabela 13, favoreceram o gerundismo não expandido (0,82), assim como na análise eneária. Orações principais, absolutas e coordenadas favoreceram o futuro perifrástico, o que, à exceção das principais em relação à rodada eneária, também é confirmado para este tipo.

Tabela 13: Efeito do tipo de oração para g. não expandido e fut. perifrástico

	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)	Futuro Perifrástico. (Vou enviar)
Absoluta	0,44	0,56
Coordenada	0,28	0,72
Principal	0,48	0,52
Subordinada	0,82	0,18

4.4.3 Confronto entre o gerundismo expandido e o futuro simples

Esta etapa reflete o confronto entre os dois tipos de gerundismo no sentido de que compara uma variante de mais formalidade (cf. Tabela 3, p. 60, e Gráfico 1, p. 64), o futuro simples, uma estrutura da escrita, com uma variante um pouco menos formal do que a primeira e mais presente na fala do que na escrita, o gerundismo expandido. Os grupos Tipo de texto e Tipo de oração foram selecionados.

O gerundismo expandido aparece fortemente favorecido pela fala (0,99) e futuro simples, pela escrita (0,88), conforme a tabela 14.

Tabela 14: Tipo de texto para g. expandido e fut. simples

	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	Futuro Simples (Enviarei)
Escrita	0,12	0,88
Fala	0,99	0,01

Esse confronto deixa claro que as variantes em questão estão praticamente isoladas em contextos distintos, o que confirma com total fidelidade o resultado da análise simultânea das variantes: assim como é muito improvável encontrar o futuro simples na fala é muito improvável encontrar gerundismo expandido na escrita (cf. tabela 5, p. 63).

A análise do grupo Tipo de oração indicou que somente orações absolutas favorecem o gerundismo expandido, mas as orações coordenadas e as principais favorecem o futuro simples com muito mais intensidade. A rodada eneária também indicou a maior probabilidade de ocorrência de gerundismo expandido em orações absolutas do que de futuro simples (cf. tabela 8, p.68).

Em relação às orações subordinadas, o leve favorecimento do futuro simples reproduz o que se deu no confronto simultâneo entre as variantes (cf. tabela 8, p. 68), isto é, a ocorrência de futuro simples em orações subordinadas é um pouco mais provável do que a de gerundismo expandido. O resultado em relação às orações coordenadas também mantém o padrão da análise enéaria. O questionamento feito no item 4.3.4 acerca do modo “da certeza”, o indicativo, também cabe aqui, pois justamente no confronto com o gerundismo mais estigmatizado foi o futuro simples a ser favorecido por orações subordinadas.

Tabela 15: Tipo de oração para g. expandido e fut. simples

	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)	Futuro Simples (Enviarei)
Absoluta	0,69	0,31
Coordenada	0,18	0,82
Principal	0,26	0,74
Subordinada	0,44	0,56

4.4.4 Confronto entre futuro perifrástico e gerundismo expandido

Nesta etapa, observando os resultados das outras análises binárias, duas variantes favorecidas pelos mesmos contextos foram confrontadas. Trata-se de duas variantes que foram favorecidas pela fala em todas as rodadas binárias de que fizeram parte.

Esta fase da análise selecionou como estatisticamente significativos os grupos Tipo de texto e Tipo de oração.

A diferença entre os pesos relativos, na fala, não foi tão incisiva quanto na escrita (cf. tabela 16), que apontou um favorecimento do futuro perifrástico com peso relativo de 0,88. Vale enfatizar que o futuro perifrástico em nenhuma outra análise binária foi favorecido pela escrita. Esse forte favorecimento se deve à realidade de que houve apenas um dado de gerundismo expandido na escrita. Mas isto reflete, por outro lado, o fato de que, no confronto entre essas duas variantes, o futuro perifrástico transita pela fala e pela escrita, mas o gerundismo é essencialmente uma estrutura da fala, embora de uma fala que envolva um certo grau de assimetria, ou seja, a fala não evidencia um efeito forte para nenhuma das variantes.

Tabela 16: Tipo de texto para fut. perifrástico e g. expandido

	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Escrita	0,88	0,12
Fala	0,46	0,54

Em relação ao tipo de oração, orações principais e absolutas favorecem o gerundismo expandido com pesos relativos de 0,57 e 0,64 (cf. tabela 17). Oações coordenadas favorecem o futuro perifrástico com o peso relativo de 0,74, o mais significativo da rodada.

A análise eneária da seção 4.3.4 indica o mesmo comportamento desta rodada binária para quase todos os tipos de oração. A única e pequena diferença é em relação às orações subordinadas, mas a baixíssima diferença entre os pesos relativos se manteve.

Esse resultado também não alinha o comportamento de orações absolutas e coordenadas, já que cada uma favoreceu uma forma de futuro.

Esta rodada também apontou o favorecimento por orações subordinadas da forma que, supostamente, indica mais certeza do que o gerundismo.

Tabela 17: Tipo de oração para fut. perifrástico e g. expandido

	Futuro Perifrástico (Vou enviar)	Gerundismo expandido (Vou estar enviando)
Absoluta	0,36	0,64
Coordenada	0,74	0,26
Principal	0,43	0,57
Subordinada	0,51	0,49

4.4.5 Confronto entre futuro simples e gerundismo não expandido

Esta etapa confrontou duas variantes de natureza semelhante no sentido de que, quando confrontadas com as outras formas, ambas foram sempre desfavorecidas pela fala e favorecidas pela escrita.

Esta foi a única etapa que não selecionou o grupo Tipo de texto como estatisticamente significativo, mas vale lembrar que a rodada eneária, que não seleciona os grupos significativos, apontou que essas duas variantes têm muito mais chance de ocorrer na escrita, e o futuro simples mais ainda, do que na fala.

Foram selecionados como estatisticamente significativos os grupos Tipo de oração e Tipologia aspectual. Apenas para efeito ilustrativo, houve uma rodada que apresentou nível de significância de 0,054 (cf. p. 29), ou seja, trata-se de uma rodada com chance de ser apontada como a melhor para interpretação dos fatores que, conjugados, influenciam as formas. Se essa rodada tivesse sido apontada pelo programa como a melhor, além dos dois grupos de fato selecionados, o Tipo de texto também o seria. E, nesse caso, o futuro simples teria o peso relativo de 0,52 e o gerundismo não expandido de 0,48 para a escrita. Para a fala, a forma simples teria o peso relativo de 0,26 e o gerundismo, de 0,74.

O grupo Tipologia aspectual do verbo, em rodada de que um tipo de gerundismo fez parte, só foi selecionado uma vez. Verbos de culminação favoreceram o futuro simples de maneira bastante expressiva (0,83) e desfavoreceram o gerundismo não expandido (0,17). Verbos de processo culminado favoreceram levemente o gerundismo não expandido (0,56), conforme a tabela 18. A análise simultânea apontou exatamente as mesmas tendências.

Tabela 18: Tipologia aspectual para fut. simples e g. não expandido

	Fut. Simples (Enviarei)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)
Processo culminado	0,44	0,56
Culminação	0,83	0,17

O resultado desta análise indica que, em relação à duração do evento indicado pelo verbo, aqueles de maior duração, que, nessa relação são os de processo culminado, favoreceram levemente o gerundismo não expandido (0,56). Os verbos de culminação (de menor duração) desfavoreceram essa forma de maneira muito mais expressiva (0,17).

A importância da tipologia aspectual nesse resultado liga a duração expressa por *estar* + *gerúndio* a verbos que, semanticamente, indicam maior duração e, por outro lado, verbos que indicam eventos de menor duração desfavorecem contundentemente o gerundismo. O expressivo não favorecimento desta perífrase por verbos de culminação pode ser interpretado como a razão

do chamado “choque” semântico entre a duração expressa por *estar* + *gerúndio* e a ausência de tal traço no verbo. Entretanto, vale destacar que esta foi a única rodada que selecionou o grupo Tipologia aspectual como estatisticamente significativo tendo um tipo de gerundismo como variável analisada.

Além disso, este grupo foi selecionado na única rodada que excluiu o grupo Tipo de texto, porque essas duas variantes praticamente só ocorrem na escrita. Assim, a tipologia aspectual, em grande medida, é o ponto chave para se definir o que é gerundismo e o que não é, mas o tipo aspectual que desfavoreceu a forma deu a resposta mais clara no sentido de que a curta duração do evento é “estranha” aos outros constituintes da perífrase.

Para o grupo Tipo de oração, as orações principais favorecem levemente o gerundismo não expandido (0,58) e as subordinadas o fazem de maneira mais significativa (0,71) (cf. tabela 19).

Tabela 19: Tipo de oração para fut. simples e g. não expandido

	Futuro Simples (Enviarei)	Gerundismo não expandido (Estarei enviando)
Absoluta	0,58	0,42
Coordenada	0,73	0,27
Principal	0,42	0,58
Subordinada	0,29	0,71

Orações absolutas e coordenadas favoreceram o futuro simples com pesos relativos de 0,58 e 0,73, respectivamente.

Ao comparar esses resultados com os apontados na seção 4.3.4, percebe-se que a análise binária reproduz com grande fidelidade as tendências da primeira análise do tipo de oração. Orações absolutas favorecem o futuro simples e as principais, o gerundismo não expandido, nas duas etapas, mas a diferença entre os pesos relativos é mínima.

Também nas duas etapas ficou demonstrada maior possibilidade de o gerundismo não expandido ocorrer em orações subordinadas e principais do que o futuro simples.

4.4.6 Confronto entre futuro simples e futuro perifrástico

Para o confronto entre o futuro simples e o futuro perifrástico foram feitas duas análises distintas. Na primeira delas, foi feita a mesma amalgamação de todas as outras análises binárias em que esteve presente pelo menos um tipo de gerundismo. Nesta fase, os grupos selecionados foram Tipo de texto e Tipologia aspectual. A tabela 20 mostra um forte favorecimento do futuro simples pela escrita (0,93) bem como do futuro perifrástico pela fala (0,92).

Tabela 20: Tipo de texto para fut. simples e fut. perifrástico 1

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perifrástico (Vou enviar)
Escrita	0,93	0,07
Fala	0,08	0,92

O futuro simples também foi favorecido por verbos de culminação, como ocorreu na etapa anterior, conforme as tabelas 18 (item 4.4.5) e 21, a seguir.

Tabela 21: Tipologia aspectual para fut. simples e fut. perifrástico 1

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perifrástico (Vou enviar)
Processo culminado	0,46	0,54
Culminação	0,70	0,30

Somente este primeiro confronto entre essas duas variantes pode ser comparado à análise eneária devido aos fatores do grupo Tipo de texto. Mais uma vez, as tendências se confirmaram nos dois tipos de análise, mas a análise simultânea não indicou uma polarização no sentido de que uma forma é quase restrita à escrita e a outra, à fala. As diferenças entre fala e escrita, para o futuro perifrástico, não são tão fortes quanto são para o futuro simples (cf. gráfico 1, p. 64).

A rodada eneária, entre todas as outras, certamente representa a realidade da maneira mais fiel (cf. Tabela 3, item 4.2 e Gráfico 1, item 4.3.1), porque o fato é que há várias variantes concorrendo na expressão do futuro verbal neste exato momento da história e compará-las duas a duas tem a vantagem da seleção dos grupos de fatores estatisticamente mais significativos, mas a rodada eneária foi a que apontou a representatividade do futuro perifrástico na escrita, prova de

que, para a amostra analisada, essa forma não estigmatizada de expressão da futuridade no português brasileiro contemporâneo comparece em todos os contextos.

Na segunda etapa não houve nenhuma amalgamação e o grupo Tipo de texto foi selecionado e analisado com três fatores: escrita, fala informal e fala formal. Além desse, o grupo do Aspecto e temporalidade no advérbio também foi selecionado.

O primeiro grupo apontado como relevante indicou um importante favorecimento do futuro simples pela escrita (0,95) e um leve favorecimento pela fala formal (0,56).

Tabela 22: Tipo de texto para fut. simples e fut. perifrástico 2

	Futuro Simples (Enviarei)	Futuro Perifrástico (Vou enviar)
Escrita	0,95	0,05
Fala formal	0,56	0,44
Fala informal	0,04	0,96

A fala informal favoreceu bastante o futuro perifrástico (0,96), mas a fala formal não, apresentando peso relativo de 0,44.

A tabela 23 indica a maior probabilidade de ocorrência do futuro simples do que do futuro perifrástico em sentenças com verbos de culminação, exatamente o mesmo apontado na rodada enéaria (cf. seção 4.3.3) e exatamente o mesmo apontado no primeiro confronto entre essas duas variantes.

Tabela 23: Tipologia aspectual para fut. simples e fut. perifrástico 2

	Fut. Simples (Enviarei)	Fut. Perifrástico (Vou enviar)
Processo culminado	0,45	0,55
Culminação	0,77	0,23

Também nesta rodada verbos de culminação favoreceram o futuro simples em detrimento de uma perífrase (cf. 4.4.6), indicando que quanto mais breve o evento maior a chance de ocorrência da forma simples.

4.5 Conclusões parciais:

Os resultados das análises binárias indicaram que a relação entre fala e escrita se mostrou relevante em todas as etapas, à exceção da que confrontou o futuro simples com o gerundismo não expandido, embora quase tenha havido a seleção e a tendência tenha sido a mesma.

Como mostrado no gráfico 1 (p.64), é sempre muito marcante a diferença entre os contextos que favorecem cada uma das variantes. Olhando esse resultado junto com o do futuro simples, na Tabela 3 (seção 4.2), segundo o qual a média geral de ocorrência dessa forma quase duplica na escrita, e, considerando que a escrita favoreceu a variante em questão em todos os estágios, é consistente apontar essa variante como mais antiga, a que tem prestígio, pois, além desse comportamento registrado nessas situações de caráter mais formal, ela é quase limitada à escrita e é a única considerada plena pela tradição gramatical na indicação do futuro.

Já o futuro perifrástico, que, em geral é favorecido pela fala, foi favorecido pela escrita quando confrontado com o gerundismo expandido, porque este praticamente só ocorre na fala. Por outro lado, no momento em que futuro simples e perifrástico foram confrontados no único estágio que considerou o fator *fala formal*, os resultados indicaram que a diferença de pesos relativos entre a fala informal e a fala formal ($0,96 - 0,44 = 0,52$ ou $0,56 - 0,04 = 0,52$) é maior do que entre os dessa e os da escrita ($0,44 - 0,05 = 0,39$ ou $0,95 - 0,56 = 0,39$).

Para os gerundismos se dá algo parecido: o expandido é favorecido pela fala e o não expandido, pela escrita. Mas a esta altura é preciso reiterar que a situação de fala que favorece o gerundismo expandido tem características de formalidade, de assimetria na relação e de distanciamento e não é, absolutamente, uma situação informal.

E chega a ser curioso que uma variante nova seja favorecida pela escrita, que é conservadora. Foi precisamente o que se deu com o gerundismo não expandido, que também é estigmatizado¹⁰⁷, mas não tanto quanto o outro, já que foi encontrado até mesmo em documentos oficiais. O gerundismo não expandido tem como auxiliar o verbo considerado adequado para formar perífrase com gerúndio e este auxiliar está conjugado na forma simples, a forma de prestígio. O estigma, portanto, em relação a ele é menor, tanto que está presente na escrita com alto grau de formalidade. O auxiliar conjugado na forma de prestígio abre caminho para o gerundismo na escrita.

¹⁰⁷ Conferir anexos nº 8 e 9, especialmente o comentário do leitor Elmadan Valentim.

O controle do advérbio se mostrou importante com relação ao gerundismo não expandido. Embora ainda não seja possível dizer que é a duratividade ou a pontualidade dos advérbios que favorecem essa forma, ou ainda que é a perspectiva de realização em uma semana ou mais, o fato é que a presença de advérbios se mostrar significativa indica que o falante estabelece um prazo para realizar a ação. Tafner (2004, p. 137), que também controlou a estimativa de realização da ação em relação ao gerundismo, concluiu que essas perífrases são das que têm possibilidade de ocorrer em menor tempo, como também o futuro simples.

O grupo Aspecto e temporalidade no advérbio também se mostrou relevante nas análises binárias que tinham o gerundismo expandido como um dos membros do par. Vale lembrar que grande parte dos dados dessa variante foram colhidos à medida em que foram ouvidos e é impossível saber o que pode ter se perdido. Por outro lado, houve várias ocorrências desse tipo de gerundismo, sem nenhum advérbio, e que a ação se efetivou imediatamente após a fala, como em “Eu VÔ TÁ COLOCANDO uma etiqueta que vale 30 dias. Pode ser?”¹⁰⁸ ou “VOU TÁ VERIFICANDO se o livro tá disponível na editora”¹⁰⁹. Depois da promessa de verificar, em poucos segundos, graças ao recurso da informatização de estoque, a resposta foi dada. A etiqueta também foi colada no mesmo instante.

O controle do tipo de oração apontou que orações principais tendem a favorecer os dois tipos de gerundismo, sendo que o não expandido é também favorecido por orações subordinadas e o do tipo expandido, por absolutas.

O grupo Tipologia aspectual só se mostrou significativo nas etapas que envolveram o futuro simples, em que essa forma foi favorecida por verbos de culminação.

A análise simultânea das variantes foi essencial para mostrar que o futuro simples é a forma de maior probabilidade de ocorrência na escrita, seguido pelo gerundismo não expandido, depois pelo futuro perifrástico e, finalmente, o gerundismo expandido, cuja ocorrência nesse contexto é bastante improvável.

Nessa “escala de favorecimento”, o gerundismo não expandido foi favorecido pela escrita porque não é uma estrutura da fala, além de apresentar o auxiliar conjugado na forma de prestígio, *estarei*, o que introduz na escrita essa forma nova e estigmatizada.

¹⁰⁸ Interação entre vendedor e cliente em dezembro de 2006.

¹⁰⁹ Interação entre vendedor e cliente em setembro de 2007.

As rodadas eneárias, as primeiras análises, serviram de parâmetro para as análises seguintes, as binárias e, em geral, os resultados se confirmaram a cada etapa.

Dos quatro grupos de fatores elencados, as conclusões são claras para dois: tipo de texto e tipologia aspectual. O primeiro porque confirma o futuro simples e o gerundismo não expandido como praticamente exclusivos da escrita, o gerundismo expandido como estrutura da fala com características de formalidade e o futuro perifrástico como uma forma mais versátil, com representatividade nas várias situações.

Sobre a questão do Aspecto, o que foi revelado em termos estatisticamente significativos é que verbos que indicam eventos de duração mínima, culminação, tendem a favorecer o futuro simples. Verbos de processo culminado, com duração mais longa, favorecem, mas de forma não muito polarizada, o gerundismo não expandido na relação com o futuro simples.

Em relação a tipo de advérbios e de orações, os resultados não foram tão claros. Mas vale ressaltar que advérbios com estimativa de realização em mais de uma semana favoreceram formas que, supostamente, indicam mais certeza e proximidade do que o gerundismo, sem, contudo, serem acusadas de falta de compromisso, o que também é confirmado pelo resultado da rodada eneária, que indicou semelhanças entre o comportamento do gerundismo não expandido e o do futuro simples.

5. Indícios e reações diante da mudança lingüística

A variação presente em todas as línguas naturais é perfeitamente adaptada às necessidades comunicativas dos falantes. As regras de cunho social que governam esse processo estão, naturalmente, relacionadas à estrutura social e aos valores da sociedade na qual ocorrem os fenômenos variáveis. A norma codificada em determinadas gramáticas, a norma culta, norma padrão ou norma de prestígio, por exemplo, tem sobre as outras variedades da língua o privilégio, baseado em critérios subjetivos, de modelo, de ideal lingüístico e são, naturalmente, questionáveis os requisitos que elevam uma variedade de língua ao *status* de padrão num país com a extensão, distribuição de renda e acesso à educação formal como o Brasil.

É fato amplamente reportado que a variedade dita padrão em sociedades muito estratificadas é na verdade uma manifestação lingüística do poder econômico e social de alguns grupos e nada tem de intrinsecamente superior às outras. Então, num país como este, em que em termos quantitativos, mas principalmente em termos qualitativos, a educação escolar é artigo de luxo e a língua-padrão associada a classe social e não a contexto de uso, os indivíduos de classes menos favorecidas dificilmente serão cidadãos plenos sem o acesso à cultura letrada e sem o domínio da norma prestígio, ficando alheios a vários bens culturais, sujeitos a subempregos e excluídos da vida política.

Essa norma que goza de mais prestígio, imposta com base no modelo de língua dos grupos de mais poder (BAGNO, 2003, p. 42; GNERRE, 2003, p. 6; POSSENTI, 1996, p. 18) neutralizando as outras variedades, além de implicações políticas e ideológicas, camufla a variação lingüística, pois não se trata só de que uma entre várias variedades é tomada como padrão, mas de que mesmo entre os usuários da língua chamada padrão ocorre variação. Com base nesse pressuposto de que a norma de prestígio é a única escolha aceitável, por ser o modelo de escrita de grandes escritores, o que se afasta dessa norma acaba sendo considerado erro e, apesar da sistematicidade observada na variação lingüística, o fato incontestável de que as línguas variam em todos os níveis é usado para desqualificar os indivíduos em cuja fala se percebem fenômenos divergentes da norma.

Para a realidade sócio-econômica no Brasil, o lugar social do caipira em relação ao indivíduo da cidade ou do indivíduo com alto grau de escolaridade e de letramento em relação ao analfabeto é bem elucidativo do estigma e do preconceito contra formas características na fala do

homem da roça ou sem escolarização. A maneira como a sociedade brasileira ainda nesta primeira década do século XXI está organizada permite que se associe baixo nível de instrução com baixo poder aquisitivo.

Contra o gerundismo também é bastante extensa a lista de manifestações preconceituosas vindas de vários grupos diferentes. No item 2.3, O Problema da Avaliação, levantei a hipótese de que o preconceito contra o gerundismo, entretanto, é diferente daquele geralmente associado a classe social, grau de instrução ou origem geográfica. Diferentemente da informação social dada pelos fenômenos da abertura de vogal pretônica (*révista* em vez de revista), do rotacismo (*pranta* em vez de planta) e da variação na concordância verbal (nós *vai* em vez de nós vamos), que podem ser indicadores justamente de classe social, grau de instrução e origem geográfica, o preconceito em relação ao gerundismo atinge principalmente um grupo socialmente rejeitado por ser impertinente e invasivo.

Possenti (2005, p. 9-10), na matéria *Defendendo o gerúndio*, mostra definitivamente que, estruturalmente, não há nada de errado com o gerundismo, que a ordem dos constituintes é perfeita para a sintaxe do português. Para o autor, cada verbo auxiliar

pede que o verbo seguinte tenha uma forma específica, ou melhor, não aceita qualquer forma do verbo seguinte. Assim, o verbo *ir* pede um infinitivo: vou *sair*, mas não *vou *saído*. O verbo *estar* pede gerúndio (ou particípio): estar *dormindo*, estar *vestido*, mas não *estar *dormir*.

Em resumo, a tal construção está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é *ir + estar + ndo*. Portanto, do ponto de vista estritamente sintático, não há nada demais com o chamado gerundismo. Sua estrutura é perfeitamente regular: cada verbo está na posição e na forma em que estaria se, ao invés de aparecer numa trinca, aparecesse numa dupla (*vou sair, vou estar dormindo, estar dormindo*).

Mas, com base na noção de duração da ação indicada pelo verbo, o autor entende que há casos de gerundismo que podem ser considerados normais e outros não, pois, o aspecto durativo de *estar* usado com verbos como *providenciar*, por exemplo, “significa, entre outras coisas, que a providência não será instantânea” (POSSENTI, 2005, p. 10). Além disso, analisando o caráter “*pragmático* ou *interpessoal*” da forma, entende que o gerundismo pode indicar gentileza e suaviza, por exemplo, uma recusa. E, nesses casos, a ligação entre gerundismo e *telemarketing* seria perfeita, já que os profissionais dessa área devem tratar o possível cliente com delicadeza. E, finalmente, sugere que, quando se usa o gerundismo para firmar um compromisso, a promessa não é garantida. Embora o título da matéria fosse *Defendendo o gerúndio*, depois das considerações elucidativas a respeito da sintaxe da perífrase, Possenti atribuiu ao gerundismo a menor nota (considerando as outras formas de expressão de futuro) na escala de certeza em um

compromisso firmado. Segundo ele (2005, p. 10), se alguém diz que ‘vai estar entregando’ é melhor desistir de esperar.

Então, apesar de o fenômeno do gerundismo estar plenamente encaixado no sistema lingüístico do português brasileiro, como já provou Possenti (2005), a perífrase é constituída por dois verbos auxiliares que pertencem a paradigmas distintos¹¹⁰, associada à impertinência do *telemarketing* e há, ainda, a questão da “incompatibilidade” entre a duratividade de estar e do gerúndio e a não duratividade expressa no verbo. Assim, recaiu sobre o *telemarketing* e, automaticamente, sobre os profissionais da área, o grupo considerado, pelo senso comum, responsável pela criação e disseminação da forma, um estigma motivado por questões aparentemente tão distintas.

Outra evidência da natureza diversa do preconceito contra o gerundismo refere-se ao fato de que as situações que propiciam a ocorrência do fenômeno apresentam, como apontado no capítulo 1, um nível específico de formalidade. Trata-se de situações, relações de trabalho, por exemplo, em que se espera um certo monitoramento da fala. Além disso, é preciso reafirmar que muitos dados coletados para esta pesquisa foram gerados por falantes com alto grau de escolarização e em situações de escrita extremamente formal, ou seja, em situações em que um falante com baixo grau de escolarização e de letramento possivelmente não teria a mesma desenvoltura. O gerundismo, portanto, não é uma estrutura informal e nem desviante da norma no mesmo sentido que o rotacismo.

Mas, no último mês de setembro, o Governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), numa atitude de zombaria com o contribuinte do Distrito Federal e de desrespeito aos servidores do Governo Distrital (GDF), se serviu do Diário Oficial do Distrito Federal para demitir o gerúndio de todos os órgãos do GDF e proibir seu uso como desculpa para ineficiência, em caixa alta.

Pelos esclarecimentos que se seguiram à publicação do Decreto 28.314¹¹¹, que teve repercussão internacional¹¹², do próprio governador e dos assessores, pôde-se entender que a questão era com o gerundismo e não com o gerúndio porque, segundo o chefe do Executivo local e seus secretários, o abuso da forma se manifesta em exemplos como “*estaremos providenciando*” ou “*vamos estar providenciando*” usado por funcionários públicos para

¹¹⁰ Conferir anexo 13.

¹¹¹ Conferir anexos 6 e 7.

¹¹² Conferir anexo 10.

“enrolar”. Admitindo ineficiência na própria gestão, o governador insistiu que o serviço prestado pelo setor público é inadequado, o que deixa o cidadão insatisfeito.

Com a grande, mas negativa repercussão do caso, o senador que renunciou ao mandato para evitar a cassação pela violação do painel eletrônico do Senado tentou justificar a “brincadeira” argumentando que se tratava de um “puxão de orelha” naqueles assessores negligentes com o interesse do contribuinte no sentido de que não finalizam as obras nem dão bom andamento nos projetos do governo. A despeito da confusão entre gerúndio e gerundismo, a polêmica que envolveu a publicação do decreto misturou o sentimento em relação à qualidade do serviço prestado pelo governo e o fato da língua, que, obviamente, não pode, nesse momento da história, ser eliminado por decreto.

Se a atitude do governador tornou o GDF mais eficiente, ainda é cedo para saber, mas nada tem a ver com a demissão. O fato é que o gerúndio antigo, legítimo e indispensável no português continua presente na propaganda estatal¹¹³. Os brasileiros se manifestaram sobre o episódio enfocando mais detalhes mais específicos do governo do que a demissão do gerúndio em si¹¹⁴.

A justificativa dessa demissão baseada na explicação de que o gerúndio não combina com governo eficiente, pois um governo assim está sempre com a coisa feita e nunca fazendo, reforça o mito de que funcionários públicos não trabalham porque são acomodados e de que estão protegidos pela estabilidade e tenta camuflar, por meio desse alibi, a má gestão e a corrupção, as verdadeiras causas do péssimo serviço prestado à população.

Cunha (2004), em dissertação de mestrado, levanta a hipótese de que o gerundismo tenha mesmo se originado dos manuais de *telemarketing* e também da possibilidade de que essa tradução que não levou “em conta as especificidades dos sistemas lingüísticos poderia ter gerado a estrutura do gerundismo nas interações de *telemarketing*” (CUNHA, 2004 p. 32). A autora cita o trabalho de Thomson & Martinet (1980, p. 32), que lida com a modalidade das diferentes formas de futuro no inglês, e aponta que, assim como a estrutura *I’ll be working* serve “para apresentar fato não intencional”, o gerundismo, cópia dessa estrutura, também indicaria um tipo de futuro para o qual o falante não se programou, em que a “ocorrência, ou não, da ação fica inscrita no plano das possibilidades, mas não no da certeza, o que seria representado pela construção com *present continuous (I’m helping Mary tomorrow)*”.

¹¹³ Conferir anexo 14.

¹¹⁴ Conferir anexo 9.

Embora muito corrente a afirmação de que o gerundismo se originou no *telemarketing*, é no mínimo arriscado assumir que “copiada” a estrutura que confere baixa certeza ao que é dito seria também “copiada” a baixa certeza de cumprir o combinado. Caberia a essa altura perguntar se, aceitando como fato essa cópia do inglês, seria possível que a interpretação do significado também penetrasse o português.

Scher & Viotti (2001, p. 372) também acreditam que o uso do gerundismo, que chamam de infinitivo perifrástico, causa estranheza e indica falta de comprometimento de que a ação vai ser levada a cabo porque a verdade de certos eventos depende da finalização da ação, mas quando se trata de perífrases com gerúndio, o ouvinte pode ter a sensação de que essa finalização não acontece, ou seja, o uso da forma progressiva não obriga a concretização do evento, o que, segundo as autoras, pode levar um cliente, por exemplo, a interpretar que um atendimento nunca vai, de fato, ser completado.

Pereira Júnior (2005, p. 21) também compartilha dessa idéia de que o gerundismo é o estratagema da falta de compromisso do mundo contemporâneo, no qual, por descaso, uma ação que poderia ser instantaneamente realizada, como passar um recado, passa a não ter “prazo de validade” e vira “vou estar passando o recado”.

Em tom menos científico e mais normativo, a jornalista e professora de português Dad Squarisi¹¹⁵, em agosto de 2001¹¹⁶, em estilo bem característico, não só condena o gerundismo como também atribui o seu surgimento a traduções do inglês.

Este trabalho teve a preocupação de documentar algumas, e das mais diversas origens, manifestações relativas ao gerundismo, que muitas vezes foram expressas de forma preconceituosa, associando o fenômeno a traduções mal feitas de manuais de *telemarketing*, a falantes “mal preparados” na própria língua ou a intenções escusas. Porém, ele é uma forma alternativa, mas não menos séria, de indicar futuro. Não é falta de compromisso, é novidade, pois a falta de compromisso não depende da forma escolhida, mas do caráter do indivíduo. Além disso, a análise feita não aponta absolutamente nenhuma evidência da relação entre essa tão falada falta de compromisso e gerundismo. Vale repetir que promessas como “Eu VÔ TÁ

¹¹⁵ A jornalista Dad Squarisi é a responsável pela coluna Dicas de Português, do jornal diário Correio Braziliense e tem um quadro de comentário sobre língua portuguesa no telejornal das 12h30 na TV Brasília.

¹¹⁶ Cf. anexo 2.

COLOCANDO uma etiqueta que vale 30 dias. Pode ser?”¹¹⁷ e “VOU TÁ VERIFICANDO se o livro tá disponível na editora”¹¹⁸ foram cumpridas imediatamente após serem feitas.

A percepção de especialistas ou de leigos indica que o falante, na verdade, é sensível à mudança lingüística. E essa comoção é a materialização do que Labov (2001), ao tratar dos fatores sociais que interferem na mudança lingüística, ilustra no sentido de que as pessoas geralmente aprovam várias novidades tecnológicas ou em vários outros campos, mas não em relação à própria língua. Aliás, nessa área, o falante tende a rejeitar a mudança quando passa a percebê-la.

Embora não se tenha registrado nesse trabalho que professores de português e/ou outros profissionais de letras tenham abertamente sugerido que o gerundismo devesse ser substituído por outras formas de futuro, essa atitude se dá implicitamente quando se diz que essa variante é errada, feia, que não transmite certeza e até que é usada por falantes cuja fala não tem nenhum conteúdo significativo. A professora e consultora de língua portuguesa Thaís Nicoleti de Camargo¹¹⁹, por exemplo, ao se referir ao gerundismo, afirma que “Quem o usa, em geral, não tem referências para manter uma conversa formal e busca uma fórmula”.

Durante a apresentação da comunicação “Fatos e boatos sobre o gerundismo”, no 5º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística, em 2007, ao discutir questões relativas à avaliação social que envolve o fenômeno, fui questionada no sentido de que deveria controlar, na análise estatística, o nível de instrução dos falantes, porque, na opinião do professor que me questionou, quanto menor a escolarização, maior a possibilidade de ocorrência de gerundismo. Talvez o falante com baixa escolarização sofra menos pressão social no que se refere à norma de prestígio e, por isso, a variação na sua fala seja menos criticada. Mas é preciso lembrar, entretanto, que os dados de gerundismo colhidos à medida em que foram lidos ou ouvidos e que permitiram as análises estatísticas foram, em grande parte, colhidos em órgãos do Governo Federal, mais especificamente na Secretaria de Educação Superior, no Ministério da Educação, e no Instituto Nacional de Pesquisas em Educação Anísio Teixeira, o INEP.

Embora não tenha sido possível, como já mencionado, controlar o nível de escolaridade dos falantes, a associação imediata entre baixa escolarização e gerundismo, portanto, não é óbvia

¹¹⁷ Interação entre vendedor e cliente, dezembro de 2006.

¹¹⁸ Interação entre vendedor e cliente em setembro de 2007.

¹¹⁹ Citada em JÚNIOR, L. C. P. (2005).

nem inequívoca, uma vez que se pode facilmente constatar que os funcionários desses órgãos, em geral, passaram por concurso público com exigência de nível superior de ensino.

Nessa mesma ocasião, uma professora universitária do Norte de Minas Gerais relatou que, na sua região, pessoas com baixa escolaridade, quando desejavam ostentar elegância, recorriam ao gerundismo. Essa professora acrescentou que o gerundismo não expandido (*estaremos entregando*) era “pior” do que o expandido (*vamos estar entregando*). A explicação para esse julgamento foi a de que, no primeiro tipo, o falante usa o verbo no “tempo certo”, o futuro simples, mas “estraga” o que pretendia dizer quando “enfia” um gerúndio¹²⁰.

Em certa ocasião, uma servidora do Ministério da Cultura me relatou que, em seu ambiente de trabalho, sentia-se obrigada a monitorar o tempo todo sua fala, porque o gerundismo era muito mal visto neste ministério. E, pelo fato de ela ser profissional de Letras, os outros servidores pareciam cobrar que ela, mais do que os outros, nunca desviasse da norma padrão. Ela tinha absoluta clareza do estigma em relação ao gerundismo.

Labov (2001, p. 512) acredita que a mudança em progresso é capaz de gerar na comunidade de fala o reforço das formas de prestígio, ensinadas nas escolas, bem como das formas mais antigas. Mas apesar dessa tentativa de manutenção das formas estabelecidas ou de prestígio, as formas não padrão persistem.

Labov (2001, p. 513) observa que as crianças aprendem desde muito cedo que o uso de formas “impróprias”¹²¹ pode acarretar punições dos adultos e estabelece a *Nonconformity Hypothesis*, segundo a qual “A primeira estratificação social de língua adquirida pelas crianças é a reinterpretação da estratificação estilística sobre a dimensão formal/informal como fala apropriada vs. imprópria”¹²². De acordo com essa hipótese, o impróprio pode ser grosseiro, rude, errado ou simplesmente ruim, mas esses rótulos podem estar ligados a inovações lingüísticas.

Para Labov (2001, p. 513), a polaridade ‘apropriado/impróprio’¹²³ ajuda a entender porque qualquer falante, quando percebe uma mudança lingüística, passa a rejeitá-la. De acordo com a sua experiência, falantes mais velhos aprovam novidades em várias áreas, porém isso não inclui

¹²⁰ As expressões “pior”, “tempo certo”, “estraga” e “enfia” foram de fato usadas pela pessoa que se identificou como professora universitária no Norte de Minas Gerais.

¹²¹ A palavra no texto original é *nonconformist*.

¹²² No original *The first social stratification of language acquired by children is the reinterpretation of stylistic stratification on the formal/informal dimension as conforming vs. nonconforming speech*.

¹²³ No texto original se lê *nonconformist/conformis polarity*.

mudanças na língua. Labov afirma jamais ter visto pessoas mais velhas dizerem que gostam do modo como os jovens falam.

O fato de as novidades e diferenças naturalmente assustarem provoca reações conservadoras interessantes. Quando se trata língua, essas reações são muito reveladoras do sentimento que o falante tem diante de uma ameaça a um patrimônio abstrato, o seu patrimônio lingüístico. Labov então (2001, p. 514) utiliza uma metáfora para ilustrar como o falante percebe sua língua como um patrimônio e postula o *Golden Age Principle* da seguinte forma: *em algum momento no passado, a língua estava num estado de perfeição*¹²⁴. Nessa “idade de ouro”, cada som, palavra ou expressão seriam perfeitos e qualquer inovação representaria a erosão da perfeição da língua. Embora esse rearranjo seja regular e contínuo, as novidades são percebidas como feias, impróprias e erradas. De acordo com esse princípio laboviano, os falantes rejeitam mudanças quando se tornam cientes delas.

A língua seria, então, uma espécie de bem cuja iminência de “perda” levaria o falante a frear a mudança na tentativa de mantê-la estável.

Labov (2001, p. 4) acredita que pessoas mais velhas, mas também professores e outros com posturas “tradicionalistas” a respeito de língua, gastam bastante energia para “controlar” a fala dos mais jovens, ou daqueles que inovam, mas os “desvios” dos mais jovens perseveram até que se fixam na língua e um dia deixam de causar estranheza. Ele acredita também ser difícil para o falante não mostrar reação emocional por causa das diferenças entre as formas mais novas e as mais velhas de se dizer a mesma coisa.

De fato, Labov faz uma observação intrigante diante de tais questões. Se a língua, perfeita como instrumento de comunicação, seria melhor se nunca mudasse, pois se todos os falantes em algum momento da vida passam um por alguma “dificuldade” motivada pela mudança, e se mudanças em geral provocam sentimentos apaixonados, por que formas velhas são substituídas por novas formas para se dizer o mesmo? Acrescenta que, sempre que a língua se torna o centro da conversa (LABOV, 2001, p. 6), se encontra uma reação uniformemente negativa em relação a qualquer mudança que venha a ser percebida. As comunidades podem até diferir quanto ao grau de estigma contra as formas mais novas, mas jamais viu alguém recebê-las com entusiasmo.

¹²⁴ No original *At some time in the past, language was in a state of perfection.*

Parte das reações verdadeiramente emocionais em relação ao gerundismo registradas neste texto deve-se justamente ao abalo de um bem abstrato do falante, que está vivenciando uma perda relativa e o conseqüente e simultâneo rearranjo do seu patrimônio lingüístico individual. Por outro lado, a sociedade estratificada da qual fazemos parte só abona as formas documentadas nas gramáticas normativas. O domínio dessas formas consagradas é um símbolo do *status* que o falante tem ou deseja ter. Então ele sente que precisa se sentir amparado nos seus usos lingüísticos pela gramática normativa, mas como esta não acompanha os movimentos da língua em tempo real, tudo o que ela não prevê é visto como erro por esse falante.

Como já apontado, o domínio da variedade de mais prestígio está intimamente relacionado com o poder das gramáticas, que está relacionado à identidade e aos valores de classe e, portanto, à ideologia dos grupos de mais poder. Então é preciso reforçar o fato de que a variação e a mudança lingüística, embora inapeláveis e constatadas inclusive por leigos, estão inseridas num contexto social maior que se serve delas para desqualificar pessoas por causa das características de sua fala. Prova disso é que durante esses quase dois anos de trabalho foram muitas as vezes em que vi os usuários do gerundismo serem qualificados com adjetivos altamente pejorativos e acusados de dissimulação.

O entendimento dessa trama cheia de detalhes relacionados a opiniões e manifestos, tipologia aspectual, perda do paraíso perdido, modalidade de texto, formalidade da situação, ou seja, a questões lingüísticas e sociais, ainda tem de levar em consideração que o gerúndio é antigo e encontrado nas línguas românicas com uma versatilidade maior do que no latim clássico e que o uso da perífrase com *estar + a + infinitivo* no português europeu, até o fim do século XVIII, tinha cerca de 10% de ocorrência (MOTHÉ, 2006).

De acordo com Mothé (2006), que confere os resultados de vários trabalhos diacrônicos sobre a variação entre as perífrases com gerúndio (estou falando) e o infinitivo gerundivo (estou a falar) na indicação de aspecto contínuo, em Portugal e no Brasil, “a mudança em Portugal teria se desencadeado após o final do século XVIII, mas não se sabe se foi ao longo do XIX ou do XX”, mas, aparentemente, só no século XX é que Portugal passou a privilegiar *estar + a + infinitivo*.

Diante de tal conclusão, resta uma pergunta inevitável: o português que chegou ao Brasil colonial só trouxe a estrutura com gerúndio? Parece não haver dúvida de que, com relação ao uso desta forma nominal, o Brasil, então, se mostrou mais conservador do que Portugal.

De acordo com as análises de Menon (2004) e de Campos (1972), deve-se lembrar que o gerúndio existe sim no português europeu, embora seja menos freqüente do que no português brasileiro, mas já aparecia em textos do século XV e teve seus usos ampliados em todos os sentidos por ter assumido funções como a do particípio presente do latim, por exemplo.

Campos (1972, p. 387) afirma que

vamos encontrar o gerúndio nas línguas românicas empregado com uma flexibilidade muito maior do que no latim clássico, porque além de ter adquirido as funções do particípio presente, desenvolveu outras que existiam em forma incipiente no particípio presente ou mesmo nunca pertenceram a esta forma verbal.

E ainda que (CAMPOS, 1972, p. 399)

houve, portanto, uma expansão no uso do gerúndio em todos os sentidos. Esta se deu em construções que já existiam no latim clássico de modo incipiente, tais como o gerúndio circunstancial, ainda em outras que não eram conhecidas de modo algum no latim, como o gerúndio que equivale a um verbo finito ou a uma oração exclamativa ou o que forma perífrases com verbos auxiliares. Este desenvolvimento foi, em parte, favorecido pela perda do particípio presente nas línguas românicas, mas foi muito mais além, chegando a tornar comuns, em certas línguas do grupo, construções que existiam apenas em forma embrionária ou mesmo que não ocorriam com o particípio.

Há que se considerar, além disso, que o gerúndio não forma perífrase somente com *estar*, mas com *andar*, *continuar*, *ficar*, etc. Há também o caso em que as gramáticas normativas determinam o uso de orações adjetivas em lugar do gerúndio (“Aluga-se uma casa que tem quatro quartos” em vez “Aluga-se uma casa *tendo* quatro quartos”), o chamado galicismo. Ou ainda aqueles de gerúndio simples com sujeito explícito (“Você *chegando* e eu *saindo*”).

Esse conjunto de fatos bem como a análise feita nesse trabalho apontam para mais uma manifestação do aumento dos usos do gerúndio e em contextos diferentes. Assim, observando-se essa antiga característica de manutenção do gerúndio no português, especialmente no brasileiro, a variação entre o infinitivo e *estar* + *gerúndio*, ou seja, todas as perífrases que têm sido chamadas de gerundismo, pode ser considerada mais uma consequência dessa propensão. Fato que pode ser confirmado por Labov (1972, p. 161) quando discute os mecanismos da mudança lingüística ao afirmar que os mesmos mecanismos que operaram mudanças no passado podem operar novamente em momentos posteriores.

Finalmente, sobre a afirmação em várias roupagens de que o português brasileiro abusa do gerúndio, é válido mencionar que, como assinala Ismael Coutinho (1972, p. 337), o uso do gerúndio não pode ser considerado *brasileirismo*, que “só deve caber aos modismos exclusivamente nossos”. Trata-se, claramente, de um aspecto que diferencia o português contemporâneo do Brasil e de Portugal, mas, como reconhece João Ribeiro, citado por Coutinho (1972, p. 337), “Muitos dos nossos brasileirismos, e muito da nossa gramática, não passam de arcaísmos preservados na América”.

Conclusões

*Mas é você que ama o passado e que não vê
que o novo sempre vem.
(Belchior – Como nossos pais)*

Os fatos analisados neste trabalho configuram indícios de que o gerundismo é consequência da variação entre o infinitivo e *estar* + gerúndio nas perífrases verbais. Sentenças como “Eu VOU TÁ LIGANDO pro motoqueiro e VOU TÁ AVISANDO pra ele TÁ DANDO preferência pra entrega da senhora”¹²⁵ variando com ‘Eu VOU LIGAR pro motoqueiro e VOU AVISAR pra ele DAR preferência pra entrega da senhora’ mostram que há contextos diversos de infinitivo que têm dividido espaço com construções com gerúndio.

No que diz respeito ao gerundismo que alterna com as outras formas de futuro (Eu vou tá ligando pro motoqueiro), a real novidade está ligada à interpretação aspectual do verbo principal da perífrase no sentido de que ocorre uma “tensão” entre o aspecto durativo presente na composição *estar* + gerúndio e a falta dessa idéia de duração no verbo.

No que se refere à suposta ligação entre gerundismo e *telemarketing*, é importante refletir sobre qual seria a verdadeira preocupação das empresas em treinar os teleoperadores para não usarem a forma. A real preocupação delas nada tem a ver com o “bom português”. Provavelmente já entenderam que o serviço que prestam é muito incômodo e que o cliente transferiu para o gerundismo o que sente pelo *telemarketing*. Assim, talvez numa tentativa de driblar a pouca receptividade do cliente, passaram a coibir o uso do gerundismo, que sofre um estigma generalizado na mídia, para que este cliente não se recuse a ouvir o teleoperador e, por conseguinte, a adquirir o produto ou o serviço. A real preocupação das empresas, então, é com as vendas, ou melhor, com a falta delas.

O falante que reprova o gerundismo dá a prova mais contundente de que essa é sim uma forma alternativa de indicar o futuro quando diz: “Você não precisa dizer eu VOU ESTAR ENVIANDO seu cartão. Basta você dizer eu VOU ENVIAR seu cartão”. Quando faz isso, esse falante coloca senão um sinal de igual, pelo menos de equivalente, entre as duas formas, confirmando que, a despeito da polêmica na definição da variável sociolinguística no nível da sintaxe, essas variantes estão, no fundo, dizendo a mesma coisa.

¹²⁵ Interação entre cliente e balconista em farmácia em março de 2007.

Além disso, não há como sustentar que o gerundismo é um erro por transformar em durativa uma situação pontual ou indicar iteratividade onde ela não poderia ocorrer. Não é isso que o falante intenciona nem é isso o que o interlocutor entende. Retomando a palavras de Costa (2002, p. 23-24), o traço [\pm durativo] já nasce ligado à idéia do verbo, ao lexema,

no sentido de que a sua presença estabelece certas restrições de compatibilidade ou não com outros traços aspectuais do enunciado. Assim, se o falante está utilizando na sua enunciação o verbo *quebrar*, que é um exemplo de ato, logo um tipo de entidade de segunda ordem que porta o traço [-durativo], ele fica restrito quanto à referência à constituição temporal interna do fato, visto que normalmente um *ato*, por ser instantâneo, não pode ser imaginado como compreendendo frações temporais dentro de seus limites. Em outras palavras, *quebrar* não tem constituição temporal interna, não “dura” no tempo.

E, se “transferir uma ligação” ou “enviar um e-mail”, como *quebrar*, não têm constituição temporal interna, não duram no tempo, não é a forma de referir esses fatos que vai mudar a idéia que se faz deles. É preciso considerar que, na indicação do futuro, *estar* + gerúndio podem estar deixando de marcar Aspecto, questão já levantada por Tafner (2004).

Esses resultados apontam uma complexa interação dos elementos que favorecem, e ao mesmo tempo dos que repelem, os dois tipos de gerundismo. Diferentemente do par futuro simples-futuro perifrástico, para o qual há situações que podem favorecer um ou outro, os dois tipos de gerundismo estão sujeitos a um contundente estigma social.

A previsão de Santos (1997) de que o futuro perifrástico seria amplamente reconhecido pela tradição gramatical ainda não se concretizou, mas as especulações, uma década mais tarde, parecem não estar equivocadas, pois a lacuna deixada pelo futuro simples, no que se refere à formalidade, parece estar sendo preenchida pelo gerundismo.

A conclusão de Oliveira (2006) de que o futuro simples está sendo menos usado até na fala mais formal também é confirmada pelos resultados deste estudo (cf. tabela 3, p. 60).

É preciso reafirmar que foi mediante a coleta e análise dos dados que percebi que a alternância maior é entre o infinitivo e *estar* + gerúndio. Com esse ponto esclarecido, é necessário que se faça um trabalho quantitativo com todos os tipos de gerundismo juntos, controlando, como um grupo de fatores, se a perífrase indica futuro ou se é de outra natureza. Um trabalho futuro sobre gerundismo também precisa incluir fatores que não foram controlados

nessa análise, como o paralelismo discursivo e a pessoa do verbo. Do mesmo modo, será preciso refinar a análise dos advérbios e dos tipos de orações.

Não resta dúvida de que é fundamental uma análise da fala formal, com as características identificadas neste trabalho, para que se possa quantificar e analisar as outras variantes do futuro e buscar descobrir a real frequência global de gerundismo.

Finalmente, por não perder de vista as questões sociais, esse estudo considera o preconceito linguístico como manifestação do preconceito social, porque ele foi feito no mesmo Brasil que ostenta, simultaneamente, uma das maiores concentrações de renda do mundo, a quase totalidade dos jovens de 7 a 14 anos matriculados no nível básico e a cifra vergonhosa, considerada inaceitável pelo próprio Governo Federal, de 89% dos jovens de 18 a 24 anos fora das instituições de educação superior¹²⁶, como informa o Plano de Desenvolvimento da Educação, o PDE. E, se para grande parcela da população, o acesso à norma de prestígio se dá fundamentalmente por meio da escola e, se a educação formal vem falhando, como provam os resultados do Saeb, um dos exames que compõem o Sistema de Avaliação da Educação Básica, e do Inaf, Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, a conclusão lógica a que se chega é a de que as políticas públicas educacionais desse país estão negligenciando os jovens e, conseqüentemente, a diminuição das desigualdades sociais e o desenvolvimento tecnológico do Brasil.

O Saeb, nos resultados de 1995 a 2005, em relação à Língua Portuguesa, apresenta uma escala de proficiência, que descreve as competências e as habilidades que os alunos são capazes de demonstrar, que indica que, nesses termos qualitativos, as médias dos estudantes vêm caindo no período em todos os níveis avaliados¹²⁷ (4ª e 8ª do Ensino Fundamental e 3ª do Ensino Médio).

O Inaf, que desde 2001 realiza uma pesquisa nacional sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática, chega a considerar que, se todo brasileiro adulto que não detém o domínio pleno das habilidades ideais exigidas para que o indivíduo participe com cidadania plena num mundo letrado for considerado analfabeto funcional, isso equivaleria a dizer que três quartos da população adulta no Brasil são de analfabetos funcionais (BRITTO, 2007).

¹²⁶ Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/livromiolov4.pdf>> acesso em 2/2/2008.

¹²⁷ Disponível em http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf acesso em 2/2/2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3 ed. rev. e atual. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ALMEIDA, M. M. S. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: ALMEIDA, M. M. S. & COX, M. I. P. (orgs.) *Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. p. 72-93.

BAGNO, M. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola, 2003.

BRITTO, L. P. L. Alfabetismo e educação escolar. In: SILVA, E. T da (org.) *Alfabetização no Brasil – questões e provocações da atualidade*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 19-34.

CALAZA, L. *Empresas combatem o ‘vou estar fazendo’*. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, mar. 2006. Boa Chance.

CAMPOS, O. G. L. A. de S. *O gerúndio românico – Estudo histórico-descritivo*. Revista Alfa. nº 18/19. 1972-1973. Departamento de Letras, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Marília. (p. 383-402)

CAPILLA, M. C. C. *Espanhol e Português em contato: o atrito da L1 de imigrantes espanhóis no Brasil*. 2007. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, Universidade de Brasília.

COMRIE, B. *An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge University Press: Great Britain, 1976.

COROA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Tese (mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

COSTA, S. B. B. *O Aspecto em Português*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6 ed. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

COUTINHO, L. Todo mundo fala assim *Revista Veja on-line*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250701/p_070.html>. Acesso em: 1 out. 2007.

COX, M. I. P. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. In: ALMEIDA, M. M. S. & COX, M. I. P. (orgs.) *Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

CUNHA, L. D. A de S. *O gerúndio como expressão da modalidade em português*. Dissertação. UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

DETTONI, R. do V. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso*. UFMG. Belo Horizonte. 2003 (Tese de Doutorado).

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1954.

_____. *Syntaxe Historica Portuguesa*. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

FREIRE, R. *Gerundismo*. Disponível em:<www.novomilenio.inf.br/idioma>. Acesso em: 11 nov. 2006.

GONZATTO, M. *Governador do DF está tentando acabar com o gerúndio*. zerohora.com 03 de outubro de 2007/nº 15385, acesso em 3 de outubro de 2007. <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp>

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed, 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GUY, G. R. Varbrul; análise avançada. In: NEUSA, Matte (org.) *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: UFRS, Instituto de Letras. 1998. p. 27-49.

GUY, G. R., ZILLES, A. S. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. O gerúndio é só pretexto. *Revista Língua*. São Paulo, ano 1, nº 1, p. 21, 2005.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 3 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language Society*, 7. Printed in Britain, 1978. (tradução livre de Maria Marta Pereira Scherre).

LIGHTFOOT, D. *The development of language*. Oxford: Blackwell, 1999. cap. 4.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MENON, O. P da S. Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização. In: PUSH et al. (ed.) *Verbalperiphrasen in den (ibero-)romanischen Sprachen*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003. p. 77-88.

MENON, O. P da S. *Gerundismo?* (ILAPEC) Vol. Esp. s/ Variação e Mudança Lingüística. Macapá. JUL-DEZ/2004.

MOTHÉ, N. G. M. *Gerúndio versus Infinitivo Gerundivo: Brasil e Portugal em contraste nos séculos XIX e XX*. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1554-1563. 2006.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, M. A. de. Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *D.E.L.T.A*, vol. 3, nº 1, 1987. p. 19-34.

OLIVEIRA, J. M. de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PDE. O Plano de Desenvolvimento da Educação – Razões, Princípios e Programas. Ministério da Educação. Brasil. Governo Federal. <
http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf>

PETRY, A. Acusando, culpando e errando. *Revista Veja*. 2032 ed., nº 43. p. 104-106, 2007.

PINTZUK, S. *Varbrul programs*. 1988, inédito.

POSSENTI. S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

POSSENTI. S. Defendendo o gerúndio. *Discutindo Língua Portuguesa*, ano 1, nº 1, p. 8-11, 2005.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: F. J, Newmeyer (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 140 – 161. 1988 a.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DTTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus. *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 2004, p 1150-1163, 2nd completely, revised and extended edition. Volume 2. (Tradução caseira de Maria Marta Pereira Scherre. Brasília, 1992).

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. *Goldvarb X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português em variação*. Dissertação. Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SCHER, A. P. & VIOTTI, E. *Semelhanças e diferenças entre o PB e o PE no que diz respeito à forma progressiva do infinitivo*. Boletim da ABRALIN, v. 6 , n° Especial I, 2001.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores*. 1991, inédito [ms inédito].

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHERRE, M. M. P. Speech Community. In: *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Keith Brown, (Editor-in-Chief) 2 ed., volume 11. Oxford: Elsevier, 2006, p. 716-722.

SCHMID, M. S. & DE BOT, K. Language Attrition. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (ed.) *The Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 210-234.

SCHMITZ, J. R. “Vamos transferir” ou “vamos estar transferindo”? eis a questão. Disponível em <www.portrasdasletras.com.br>

TAFNER, E. P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing Sociolinguistic Variation*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. UFU. Centro de Ciências Humanas e Artes, 1981.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Tese. Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WEINER, J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistics*, 1981. p. 29-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1



<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405a.htm>
Última modificação em (mês/dia/ano/horário): 04/21/01 00:11:54



Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa

NOSSO IDIOMA CURIOSO E DIVERTIDO

Gerundismo

Este texto foi publicado na edição de 16/2/2001 do Jornal da Tarde/O Estado de São Paulo, e remetido à lista Idioma pela tradutora e intérprete Jussara Simões. Desde sua publicação na imprensa, tem tido grande repercussão, com circulação constante em diversas listas de debates na Internet e [reportagens na televisão](#) (veja também, abaixo, uma [contestação](#) e a [tréplica](#)):

Jussara Simões

XONGAS Ricardo Freire
ricardo@freires.com.br

Para você estar passando adiante

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo.

Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela Internet. O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por esta epidemia de transmissão oral.

Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha nas pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo.

Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito.

Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho.

Sinceramente: nossa paciência está estando a ponto de estar estourando. O próximo "Eu vou estar transferindo a sua ligação" que eu vá estar ouvindo pode

estar provocando alguma reação violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos.

As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia.

Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar traduzindo manuais de atendimento por telemarketing. Daí a estar pensando que "We'll be sending it tomorrow" possa estar tendo o mesmo significado que "Nós vamos estar mandando isso amanhã" acabou por estar sendo só um passo.

Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de telemarketing para estar ganhando os escritórios. Todo mundo passou a estar marcando reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações.

A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo mais coloquial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo gerundismo.

A primeira pessoa que inventou de estar falando "Eu vou tá pensando no seu caso" sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade lingüística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas.

Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como "O que cê vai tá fazendo domingo?", ou "Quando que cê vai tá viajando pra praia?", ou "Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa".

Deus. O que a gente pode tá fazendo pra que as pessoas sejam entendendo o que esse negócio pode tá provocando no cérebro das novas gerações?

A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhos contagiosos, como o "a nível de", o "enquanto", o "pra se ter uma idéia" e outros menos votados.

A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

RÉPLICA:

Um professor de Linguística da Universidade de Campinas (Unicamp) discorda, entendendo ser o "gerundismo" uma construção gramatical válida na língua portuguesa:

"Quem é o bocó?"

Sírio Possenti (*)

Todos os defensores da língua pura estão criticando uma locução verbal supostamente nova que apareceu e se espalhou. Confesso que não a ouvia, ou não me dava conta de que existia, até que tive minha atenção chamada para ela pelos guardiões da língua que imaginam que tudo aquilo de que não gostam ou for novo - o que vier antes - é necessariamente ruim. Penso o contrário. Se não gostam, deve ser interessante. Se acham que não serve para nada, alguma serventia deve ter.

Não sei qual teria sido o estrato social que mais aderiu, ou aderiu antes, à novidade. A crer no manifesto endossado por Gaspari, o nicho seria o telemarketing. O certo é que a locução aparece em todas as falas de todas as telemarqueteiras. Devem receber severo treinamento, que inclui pelo menos duas exigências: não dizer nada que não esteja no script, e enunciar, em algum momento, a famosa fórmula "vamos estar -ndo". O que preenche "-

ndo" vai depender do serviço. Se é uma encomenda, então a empresa "vai estar enviando". É uma reclamação? Alguém "vai estar providenciando". Mas a expressão invadiu também as escolas: alunos já me disseram que vão estar me enviando trabalhos por e-mail.

O alcance da novidade deve ser bem maior. Em pronunciamento em rede nacional de TV, em meados de agosto, o próprio Ministro da Saúde, José Serra, que não é jovem - mas talvez seja (tele)marqueteiro -, falou de "outra vacina que vamos estar aplicando amanhã". Não sei o que alguns (muitos, de fato) têm contra formas lingüísticas novas. Em quase tudo as novidades são índice de qualidade. Desconfio que todos gostam de novidades em tudo, exceto (pelo menos) os que cuidam da língua nos domínios da gramatiquinha. No que segue, vou mostrar que não há nada de esquisito nessa forma tão criticada. Seu único problema é não ser abonada pelas gramáticas. Vou apresentar uma análise preliminar. Vamos por partes.

Vejam primeiro a sintaxe da locução: a ordem dos verbos auxiliares é perfeitamente canônica. Sabe-se que os verbos auxiliares vêm sempre antes do principal (como em "vou sair"). Se houver mais de um auxiliar, haverá ordens permitidas e outras proibidas ("tenho estado viajando", mas não "estive tendo viajado"; "vou estar saindo", mas não "estarei indo sair"). Resumo da história: a nova locução está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é ir + estar + ndo. É, pois, absolutamente gramatical.

Vejam agora o que significa. Os que não gostam da forma dizem que não serve para nada, que há outra melhor para expressar a mesma coisa (eles não são nada sutis). Ao invés de "vou estar mandando", que se diga "vou mandar", ou "mandarei", dizem eles. Estão errados: pode ser que nem todos os casos sejam claros, mas em muitos, nitidamente, a nova forma veicula aspecto durativo (ou seja, anuncia um evento que durará algum tempo para se realizar). Para que falar de aspecto durativo não pareça estranho, relembre-se (ou anote-se) que o imperfeito do indicativo apresenta o mesmo aspecto: formas como "amanhecia", "pintava", etc, referem-se a eventos ou ações que não são instantâneas, que têm certa duração.

Por isso, não é a mesma coisa dizer "vou mandar" e "vou estar mandando", exatamente por causa da diferença entre "ir" (que marca só futuro) e "ir + estar" (que marca futuro, por causa de "ir", e duração, por causa de "estar"). "Vou estar providenciando" significa, entre outras coisas, que a providência não se dará instantaneamente. Além disso, o compromisso expresso em "vou providenciar" é mais incisivo do que o expresso em "vou estar providenciando". Mais ou menos como é mais incisivo dizer "providenciarei" do que "vou providenciar".

Além desses, a meu ver, há outro aspecto importante, este de cunho pragmático ou interpessoal: a expressão conota gentileza, formalidade, deferência (se verdadeira ou simulada, não importa). Ou seja: bem ou mal, mesmo que seja para postergar um serviço de que se precise urgentemente, deve-se reconhecer que a recusa é pelo menos expressa de forma não grosseira, nem mesmo franca, de fato (o que alguns preferem, no entanto; eu mesmo, aliás). Se eu receber um convite para fazer uma palestra e se não puder aceitar, agora sei como responder. Antigamente, eu dizia "não posso ir/aceitar", ou "não vou poder ir/aceitar". A segunda forma é notoriamente

mais gentil do que a recusa seca expressa na primeira. Mas doravante direi, e imagino que soarei muito mais civilizado e moderno, que "não vou poder estar aceitando o convite", ou que "não vou poder estar deixando de dar aulas nesta data".

Além dos aspectos acima, seria certamente interessante investigar se a enorme aceitação desta nova locução não se deve a uma cultura da falta de compromisso. Não seria a primeira vez que se estabeleceria uma relação estreita entre um aspecto da língua e um traço de cultura ou de ideologia.

Assim, pode-se pensar qualquer coisa desse tipo de expressão, exceto: a) que não serve para nada, já que expressa aspecto (da ação), é sinal de deferência, pois se trata de uma fórmula gentil e talvez seja um indício revelador de um traço de nossa cultura atual; b) que é simples, bobo. De fato, como vimos, é algo bastante sofisticado. É necessária uma enorme sofisticação para dar conta da sintaxe da locução e para empregá-la na hora certa.

Uma coisa é não gostar da construção (*de gustibus et coloribus non est disputandum*). Isto é democracia. Outra é achar que isso não é português ou que não serve para nada. Aí já é falta de análise.

(*) Sírio Possenti é professor de Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

TRÉPLICA:

Mensagem divulgada em 18/4/2001 por Paulo Henrique M. Oliveira na lista eletrônica de debates Idioma, mantida pelo MNDLP:

O Professor Sérgio Possenti deveria ganhar o Troféu Abacaxi da arte de sofismar. E de falar besteira, também.

Interessante que ele começa dizendo que "TODOS OS DEFENSORES DA LÍNGUA PURA..." agem assim ou assado, mas ele NÃO. Ou ele não se considera um "defensor da língua" (e não é mesmo!) ou, se assim se considera, age no contrafluxo de TODOS os outros.

Não entendo - e não quero entender - a necessidade que algumas pessoas têm, em primeiro lugar, de ser "engraçadas" quando não lhes pertence o ofício do humor. Em segundo lugar, não entendo porque alguém acha que só é bom se puder contestar os demais.

Claro que a contestação é salutar e enriquecedora, mas ser "do contra" apenas para tentar, sem êxito, diga-se, ser "engraçadinho", submete pessoas cultas e capazes a este tipo de vexame que o Professor Sérgio Possenti acaba de protagonizar ao subscrever o artigo.

Gerundismo é horrível, desnecessário e é, sim, (queira o professor, ou não) uma forma de estrangeirismo (anglicismo).

ANEXO 2

Por Dad Squarisi

dad@correioweb.com.br

Recado

“A arte de escutar é como uma luz que dissipa a escuridão da ignorância.”
Dalai Lama



Dura lex

DECRETO

nº 3.885, de 15 de agosto de 2001

Proíbe o gerundismo e dá outras providências.

O presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 84, inciso IV da Constituição,

DECRETA

Art. 1º Fica proibido o uso do gerúndio bastardo, filhote das más traduções feitas por maus conhecedores do inglês e semi-alfabetizados em português.

Art. 2º Os infratores ficam sujeitos a freqüentar o ensino fundamental até serem capazes de falar e escrever sem empregar a forma ir + infinitivo + gerúndio.

Parágrafo único: Ficam os professores autorizados a mandar copiar mil vezes as formas corretas.


Art. 3º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de agosto de 2001, 180º da Independência e 113º da República.

Fernando Henrique Cardoso

ANEXO 3

orkut | Início | Página de recados | Amigos | Comunidades



Pesquisar resultados para gerundismo









Início > Pesquisar

todos os resultados | **usuários** | comunidades | **tópicos**

Pesquisar novamente: gerundismo **pesquisar**

Mostrar todos os idiomas

Resultados 1 - 12 de 58 em Português para **gerundismo**

-  **Vamos estar odiando gerundismo**
44.526 membros
Comunidade criada para unir todos aqueles que, como eu, odeiam gerúndio. Essa mania que (quase) toda pseudo-secretária tem de...
-  **Chega de Gerundismo**
27.915 membros
"Vou estar fazendo". "Vamos estar providenciando". "Ele vai estar providências".
Se você não aguenta mais essa praga chamada gerundismo, entre
-  **Vou estar odiando o gerundismo**
12.864 membros
Comunidade para quem está cansado de estar ouvindo as pessoas Chega de gerundismo, respeitem a Língua Portuguesa e os ouvido:
Visitem o blog Viva a Língua
[http:...](http://...)
-  **Diga Não ao Gerundismo**
9.772 membros
"Comunidade para quem está cansado de estar ouvindo as pessoa
Se você também concorda que o gerundismo é irritante e dói os oi
Diga não...
-  **Vamos estar odiando Gerundismo**
4.325 membros
Comunidade que estara se dedicando a estar odiando pessoas que Gerundio...
Sera que esta existindo coisa mais irritante que estar ouvindo o te
-  **gerundismo: marlonbrando**
2.924 membros
marlonbrando tudo até a última ponta.
-  **Gerundismo de pobre**
2.376 membros
Eu poderia estar roubando, eu poderia estar matando, mas só est
-  **Chega de Gerundismo**
1.143 membros
Vou estar criando essa comunidade para estar protestando contra

ANEXO 4

- Home
- Notícias
- Esportes
- Entretenimento
- Vídeos
- Assine a Globo.com
- Todos os sites

PUBLICIDADE



Menu do JH

- Último Programa
- Reportagens Especiais
- Hoje em Família
- Mercado de trabalho
- Som da Copa
- Melhor é Possível
- Histórias Inesquecíveis
- Culinária
- Seus Direitos
- Serviços
- História do Programa
- Equipe
- Newsletter
- Fale Conosco
- Vídeos

Telejornais

- Bom Dia Brasil
- Jornal Nacional
- Jornal da Globo
- Globo Rural
- Globo Repórter
- Fantástico
- DFTV
- RJTV
- SPTV
- PEGN
- Ação

Segunda-Feira, 30 de Outubro de 2006

A gramática no mercado de trabalho



ASSISTA AO VÍDEO

Você sabia que de cada dez pessoas que passam por uma entrevista de trabalho, sete são reprovadas porque falam e escrevem errado? A repórter Fabiana Scaranzi mostra quais são os erros mais comuns e o que você pode fazer para que a língua portuguesa

não seja mais um obstáculo na conquista de uma vaga de emprego.

Quem já não ouviu uma atendente falando no gerúndio? Ou mesmo já não se deparou com uma mensagem cheia de palavras resumidas, codificadas, formas de expressão que se tornaram comuns e que, sem querer, passaram a fazer parte do vocabulário das pessoas?

É aquela história: eu falo, você repete. Alguém escreve de um jeito e muitos outros vão copiar. Daqui a pouco, está todo mundo falando ou escrevendo igual e errado. Pior ainda quando se está à procura de emprego. Falar bem o português é uma exigência hoje em dia, para qualquer função. Até mesmo para quem não lida com pessoas, como um operador de máquinas.

Em Salvador, uma empresa contrata, em média, até 30 pessoas por mês e o português tem um peso muito grande no processo de seleção. Já na primeira etapa, os candidatos têm que fazer uma redação e um teste de interpretação de texto para todos os cargos – desde os administrativos até os operacionais. Os testes de português são eliminatórios e o índice de reprovação é alto: 62% dos candidatos de nível médio e 45% dos candidatos de nível superior não conseguem passar porque têm pouco vocabulário, não compreendem o texto e demonstram falta de leitura.

“A gente acredita que a comunicação tanto interna quanto externa é

Globo News

essencial para o bom andamento do nosso trabalho, da nossa empresa e pro resultados que a gente busca alcançar", disse a gerente de RH Andréia Sampaio.

Outros Veículos

Jornal O Globo

Diário de São Paulo

Revista Época

Rádio CBN

Não há pesquisas, mas nas grandes agências há casos em que, numa mesma seleção, sete em cada dez candidatos não passaram no teste porque cometeram algum erro de português.

Estão entre os erros mais comuns:

- concordância verbal, do tipo 'fazem cinco anos';
- gerundismo - 'vamos estar fazendo';
- gírias como - 'dar uns toques';
- lugares comuns, do tipo 'a nível de Brasil', 'fechar com chave de ouro';
- isso sem falar na pontuação e acentuação na hora de escrever.

"O que normalmente acontece, as pessoas participam de uma entrevista como se estivessem numa sala de bate-papo ou conversando com amigos. Então são descuidados e também pela falta de leitura. Os jovens não têm o hábito de ler. Na verdade a população brasileira tem a dificuldade com a leitura, não é hábito ler livros, ou jornais ou revistas. E isso você acaba perdendo um pouco o vocabulário, dificulta na hora do processo", explicou Sidnéia Palhares, gerente de RH.

E não é só pra escrever não. Na hora de falar é preciso também ter uma boa fluência. Uma dica é falar pausadamente. Esqueça as gírias. E nada de gerundismo. Esse, aliás, é um problema sério principalmente nas empresas de telemarketing. Mas elas já estão mudando, ou melhor, já mudaram.

Uma empresa de telemarketing de Belo Horizonte com 4.500 atendentes. Desde a fase de treinamento, os funcionários são orientados a evitar o gerúndio - é uma preocupação com a qualidade do atendimento. Todos os meses, parte das ligações gravadas passa por auditoria. "Pra melhorar isso ainda mais nós estamos fazendo parcerias com algumas empresas, alguns institutos com professores de português, para minimizar o impacto com alguns dos nosso clientes", explicou o superintendente Delson Diniz Júnior.

Não pense que isso só acontece em testes para cargos de iniciantes em empresas. As agências com quem conversamos foram unânimes em dizer que erram também candidatos a gerentes e outros níveis mais altos. A grande dica dos especialistas é a leitura. Quanto mais a pessoa lê, mais ela aumenta seu vocabulário e corre menos riscos de cometer um erro de português.

"Até mesmo um profissional que está dentro de uma empresa, se ele tem dificuldade em se comunicar, se ele tem erros de português, se ele tem dificuldade na verbalização e na comunicação, ele não é um profissional bem visto. Quando você escreve bem e você fala bem, você tem uma facilidade maior de ser promovido, porque você está sendo visto e vai ser um diferencial até mesmo na empresa em que você trabalha", completou Palhares.

 [Versão para impressão](#)

 [Enviar matéria](#)

[Reportagens de outros dias](#)

◀ **NOVEMBRO / 2006** ▶

Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	00
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	

EMPRESAS COMBATEM O 'VOU ESTAR FAZENDO' • Continuação da página 1

Companhia dá gratificação pelo bom uso do português

Empresa de telemarketing monitora a forma de atender

Um adicional de até 70% do salário por semestre para quem não usa verbos no gerúndio inadequadamente, entre outros itens que medem a qualidade e a produtividade dos funcionários, foi a forma encontrada pela ACS, empresa de *call center*, para colir este erro de linguagem. Além disso, diz Maria Aparecida Garcia, diretora de Talentos Humanos da companhia, a empresa promove treinamentos e monitora a forma de atender os clientes:

— Os atendentes entram o mês com cem pontos e a cada erro cometido perdem um ponto. Assim, eles podem receber uma remuneração que pode chegar a até 70% do salário, mas isso vai variar de acordo com suas notas — conta Aparecida, acrescentando que este ano a empresa passou a oferecer cursos de língua portuguesa também para os executivos. — Percebemos que o hábito era igualmente transmitido por pessoas do alto escalão — completa ela.

A consultora de RH Jacqueline Resch, da Resch Recursos Humanos, observa que a maioria das empresas testa a competência em inglês dos candidatos a vagas de emprego, mas poucas aplicam testes de língua portuguesa. Por isso, diz, os profissionais ficam preocupados somente com sua atualização no idioma estrangeiro:

— Recentemente, fizemos um processo para um cargo que exigia domínio dos dois idiomas. Surpreendentemente, as notas de proficiência em inglês foram superiores às tiradas em português. E de nada adianta ter ótima formação, experiência, se o profissional mostra que não conhece o próprio idioma.

Linguagem interfere no tempo de atendimento

O diretor da Associação Brasileira de Marketing Direto, Jeffrey Costa, conta que a entidade também está investindo mais em treinamentos relacionados à questão:

— O gerundismo acabou denegando de certa forma a imagem dos profissionais que trabalham no setor.

Para mostrar à sua equipe — que é formada por estudantes de comunicação social, psicologia e fonoaudiologia — como ser objetiva e fugir dos gerundismos, a coordenadora do telemarketing da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Luciana Soares, apela para o TMA, o Tempo Médio de Atendimento. Trata-se de uma meta de tempo estipulada por cada empresa e que deve ser cumprida. Assim, quanto maior a frase dita pelo atendente de *call center*, mais demorado será o seu tempo de atendimento:

— O atendimento é uma ação presente. Se o cliente me pede uma ação, eu tenho de dizer a ele que vou verificar e pronto. E não que "vou estar verificando". O gerundismo é uma forma de as pessoas não se comprometerem com prazos. ■

Luciana Calaza

Ouvir alguém usar o verbo no gerúndio inadequadamente é desagradável, não é? Como na frase "em seguida, vou estar explicando isso para vocês", em vez da simples expressão "vou explicar". Pois, se depender da Associação Brasileira de Telemarketing (ABT), esse mau uso do português está com os dias contados. Em abril, a entidade, que representa a categoria acusada de ter criado esse desvio gramatical, inicia uma campanha de combate ao gerundismo. Uma cartilha dedicada ao tema será distribuída para funcionários de *call centers* de todo o país — 615 mil trabalhadores.

E isso não é tudo. Antes mesmo de saber do início da campanha, muitas empresas do setor de telemarketing já adotam seus programas específicos. E outras, de fora dele, também.

Na Intelig, por exemplo, além de treina-

mentos em salas de aula, há monitoria feita em tempo real e por meio de gravações para detectar esse mau uso do gerúndio. Neste caso, a fita é mostrada ao operador para que ele ouça a si mesmo e perceba o quanto o vício linguístico soa mal.

— Falamos sobre a importância da clareza e da objetividade. Prefiro fazer com que os atendentes aprendam a forma correta em vez de impor um texto rígido — diz Luciana Rodriguez, diretora de *call center* da companhia.

Cartilhas da ABT serão distribuídas em escolas

• Na Directv, segundo a diretora de RH, Roseli Parrella, o tema foi incorporado aos treinamentos da empresa. E advertências sobre o erro linguístico são afixadas nos quadros de aviso da empresa:

— O gerundismo atinge profissionais de todas as áreas, não só do serviço de

atendimento ao consumidor (SAC). Por enquanto, não há uma penalidade para quem comete o erro. Mas estamos insistindo na correção.

Na Atento, uma das maiores empresas do setor de *call center*, o programa "Caça-gerundismo" tem várias etapas. Além de treinamento e monitoria, a empresa apresenta, em murais de avisos, os erros de português mais comuns. E como eles podem ser solucionados. O gerundismo está sempre lá. A parte mais inusitada do programa, entretanto, é uma dramatização feita por atores. Há seis meses, um grupo de caça-fantasmas surge vez ou outra nos *call centers* da Atento perseguindo fantasmas que seguram plaquinhas com frases do tipo "vamos estar enviando".

— O intuito é mostrar a nossos atendentes, de uma forma divertida, o quanto errado é essa forma de falar. Já notamos uma redução de 80% do gerundismo, mas temos que fazer reciclagem permanentemente pois não é só dentro do ambiente de trabalho que eles ouvem esse tipo de cons-

trução — diz Luis Alcubierri, diretor de Marketing e Comunicação da empresa.

Sim, porque a praga está se espalhando. E vem sendo, inclusive, escrita. Aparentemente, ela nasceu há uns seis anos de uma tradução literal do inglês (da construção verbal "will be-ing"):

— O gerúndio indica continuidade ou simultaneidade, e o seu uso fora do contexto, como acontece no caso, empobrece a nossa língua — ressalta o professor de português Sérgio Nogueira.

Na cartilha da ABT, o erro será apresentado no formato de história em quadrinhos, com uma abordagem lúdica. Desta forma, pretende-se que o conteúdo seja absorvido com mais facilidade pelos leitores, diz o presidente da associação, Tópazio Silveira Neto:

— Depois, cada empresa envolvida "adotará" uma escola pública perto de sua região de atuação, onde também distribuirá as cartilhas entre os alunos do ensino médio. Assim, já educamos o trabalhador do futuro. *Continua na página 3*

ANEXO 6

Brasília, 28 de setembro de 2007.
119º da República e 48º de Brasília.
JOSÉ ROBERTO ARRUDA

DECRETO Nº 28.314, DE 28 DE SETEMBRO DE 2007.

Demite o Gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1º - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.
119º da República e 48º de Brasília
JOSÉ ROBERTO ARRUDA

ANEXO 7



Últimas Notícias
Brasil
Cultura
Distrito Federal
Economia
Esporte
Mundo
Política

Brasília, terça-feira, 09 de outubro de 2007

Arruda diz que "demitiu gerúndio" para provar que sistema público é ineficiente

Leandro Galvão
Do CorreioWeb

08/10/2007

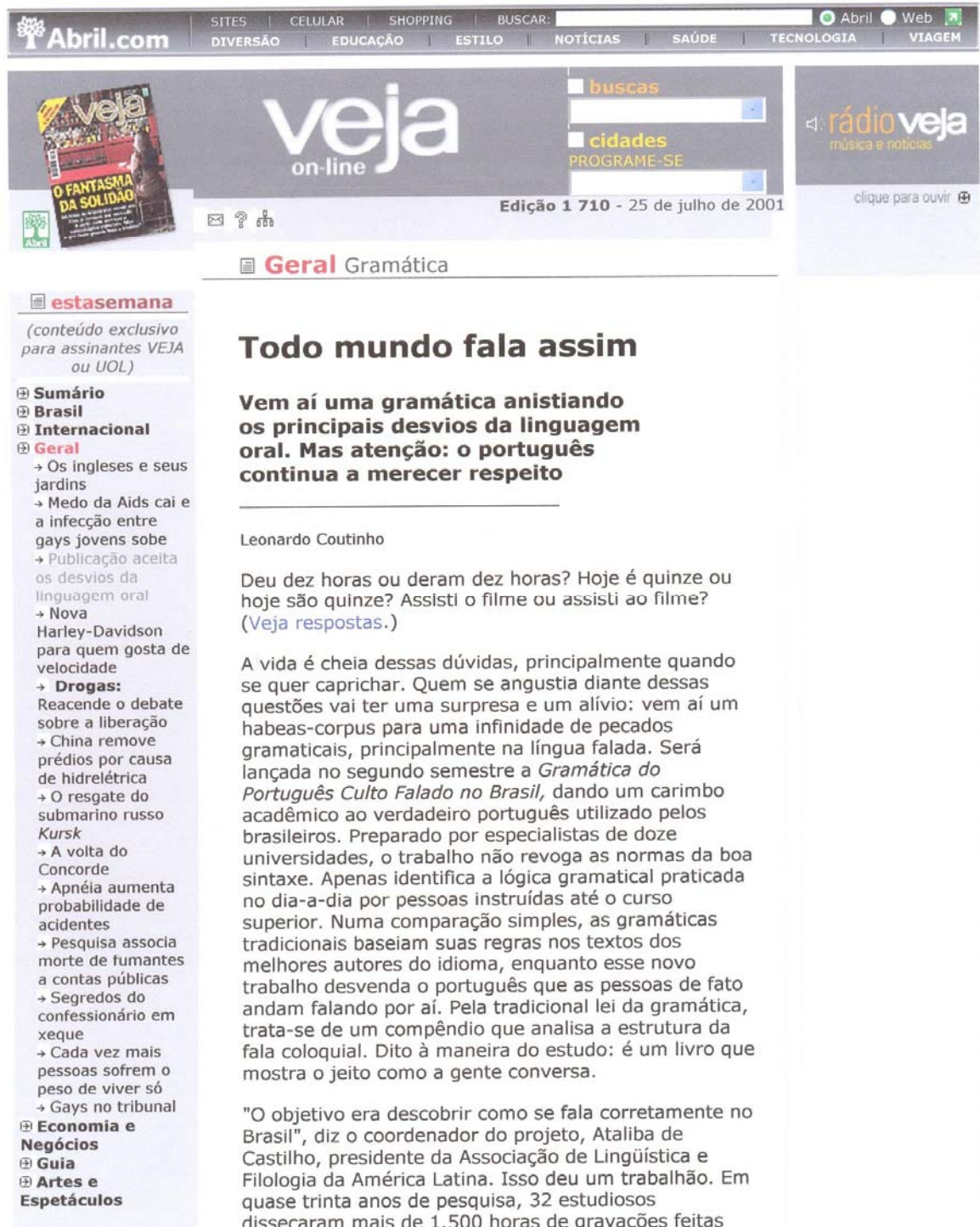
18h58-Depois de toda a polêmica sobre a "demissão do gerúndio", o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, falou sobre a medida. Na última semana, o chefe do Executivo resolveu acabar com o tempo verbal por meio decreto. No texto publicado no Diário Oficial do DF (DODF), Arruda diz que "fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal e que fica proibido o uso do gerúndio para a desculpa por ineficiência". O ato do governador virou motivo de piada, mas ele sugeriu que tenha sido proposital. "É para mostrar que (o sistema público) é ineficiente mesmo. Acho incrível que um decreto como esse seja publicado no Diário Oficial e, no meio do caminho, ninguém achou estranho e questionou", apontou Arruda.

O governador disse que foi preciso um ato irreverente como esse para mostrar a ineficiência. "Experimente nos órgãos que vocês (jornalistas) trabalham escrever alguma coisa beirando o ridículo para ver se vai para o ar ou impresso. Aqui vai. Eu testejei e saiu. Para vocês verem a ineficiência do setor público", compara Arruda. "É preciso questionar isso a partir do ridículo e reavaliar a eficiência do setor público. Tem que ter bom humor mesmo e coragem para mostrar isso", sustentou. O chefe do Executivo não só conseguiu provar a ineficiência, como admite a falta de eficácia dentro de sua própria gestão. "Meu governo tem ineficiência, sim. É isso que leva o cidadão à insatisfação. E a gente tem que reverter isso".

<<	(
S	T
1	2
8	9
15	16
22	23
29	30

ANEXO 8

Publicidade



The screenshot shows the top navigation bar of the Abril.com website with categories like SITES, CELULAR, SHOPPING, and BUSCAR. Below the navigation is the 'veja on-line' logo and a search bar. The main content area features a large article titled 'Todo mundo fala assim' by Leonardo Coutinho. A sidebar on the left contains a 'estasemana' section with a list of topics. The article text discusses the differences between formal and colloquial Portuguese grammar.

estasemana
(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)

- ☑ **Sumário**
- ☑ **Brasil**
- ☑ **Internacional**
- ☑ **Geral**
 - Os ingleses e seus jardins
 - Medo da Aids cai e a infecção entre gays jovens sobe
 - Publicação aceita os desvios da linguagem oral
 - Nova Harley-Davidson para quem gosta de velocidade
 - **Drogas:** Reacende o debate sobre a liberação
 - China remove prédios por causa de hidrelétrica
 - O resgate do submarino russo Kursk
 - A volta do Concorde
 - Apnéia aumenta probabilidade de acidentes
 - Pesquisa associa morte de fumantes a contas públicas
 - Segredos do confessorário em xeque
 - Cada vez mais pessoas sofrem o peso de viver só
 - Gays no tribunal
- ☑ **Economia e Negócios**
- ☑ **Guia**
- ☑ **Artes e Espetáculos**

Todo mundo fala assim

Vem aí uma gramática anistiando os principais desvios da linguagem oral. Mas atenção: o português continua a merecer respeito

Leonardo Coutinho

Deu dez horas ou deram dez horas? Hoje é quinze ou hoje são quinze? Assisti o filme ou assisti ao filme? (Veja respostas.)

A vida é cheia dessas dúvidas, principalmente quando se quer caprichar. Quem se angustia diante dessas questões vai ter uma surpresa e um alívio: vem aí um habeas-corpus para uma infinidade de pecados gramaticais, principalmente na língua falada. Será lançada no segundo semestre a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, dando um carimbo acadêmico ao verdadeiro português utilizado pelos brasileiros. Preparado por especialistas de doze universidades, o trabalho não revoga as normas da boa sintaxe. Apenas identifica a lógica gramatical praticada no dia-a-dia por pessoas instruídas até o curso superior. Numa comparação simples, as gramáticas tradicionais baseiam suas regras nos textos dos melhores autores do idioma, enquanto esse novo trabalho desvenda o português que as pessoas de fato andam falando por aí. Pela tradicional lei da gramática, trata-se de um compêndio que analisa a estrutura da fala coloquial. Dito à maneira do estudo: é um livro que mostra o jeito como a gente conversa.

"O objetivo era descobrir como se fala corretamente no Brasil", diz o coordenador do projeto, Ataliba de Castilho, presidente da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina. Isso deu um trabalhão. Em quase trinta anos de pesquisa, 32 estudiosos dissecaram mais de 1.500 horas de gravações feitas

colunas

(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)

- Luiz Felipe de Alencastro
- Sérgio Abranches
- Diogo Mainardi
- Roberto Pompeu de Toledo

seções

(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)

- Carta ao leitor
- Entrevista
- Cartas
- VEJA on-line
- Radar
- Contexto
- Holofote
- Veja essa
- Arc
- Notas internacionais
- Hipertexto
- Gente
- Datas
- Para usar
- VEJA Recomenda
- Os mais vendidos

arquivoVEJA

(conteúdo exclusivo para assinantes VEJA ou UOL)

- Busca detalhada
 - Arquivo 1997-2001
 - Busca somente texto
- 96|97|98|99|00|01

Crie seu grupo



em cinco capitais brasileiras. Foram entrevistadas 2.356 pessoas com formação superior, cujos pais também nasceram nas capitais escolhidas para pesquisa: Salvador, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. A escolha não se deu porque se supunha que nessas cidades se fale mais corretamente, mas, sim, porque elas foram consideradas as que têm as características claramente identificáveis. "Dá para dizer: é assim que se fala em tal lugar", exemplifica Ataliba de Castilho. As gravações serviram para encontrar os desvios mais frequentes, em relação à norma culta, e depois destrinchar a lógica que rege essas construções. Graças a essa análise, os brasileiros se tornarão o primeiro povo, entre os que falam línguas derivadas do latim, a ter sua linguagem oral debulhada e sistematizada.

No ano passado, a professora Maria Helena de Moura Neves, da Universidade Estadual Paulista, lançou sua *Gramática de Usos do Português* (Editora Unesp, 1.037 páginas, R\$ 70,00), que analisa as estruturas mais correntes usadas nos jornais, na dramaturgia e na literatura moderna. Ela integra o grupo que preparou o novo projeto e diz que a virtude dessas iniciativas é admitir que a língua vive em transformação, ao contrário do que se vê na maioria das gramáticas tradicionais. "Ninguém tem autoridade para dizer o que é certo ou não em um idioma", afirma Maria Helena. Isso cutuca o vespeiro dos belettristas.

O professor Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras e considerado um dos maiores gramáticos brasileiros em atividade, dá sua apreciação sobre o resultado do projeto Norma Urbana Culta: "Desde a Antiguidade, a gramática foi sempre o registro dos fatos da língua observado no uso das pessoas, principalmente daquelas que podiam servir de modelo. O trabalho vem ratificar uma realidade já antes intuída e até trabalhada pelos estudiosos do passado. A verdadeira e saudável educação da competência lingüística é colocar ao alcance das pessoas o maior número de informações para o uso do idioma. Repito sempre que a educação lingüística tem de fazer de cada pessoa um poliglota em sua própria língua". Numa tradução livre, o professor Bechara diz que não há nenhuma novidade no trabalho sobre a língua oral e que o melhor ensino do português continua sendo o tradicional. A partir do ano que vem, no entanto, as escolas poderão decidir se seguem ou não esse conselho. A primeira edição da nova gramática é apenas para professores e estudiosos, mas dentro de alguns meses sai um subproduto, voltado para estudantes, bem nos moldes dos guias práticos utilizados atualmente para o ensino do português. Só é preciso avisar aos mais afoitos que o insuportável uso que se vem fazendo do gerúndio (*amanhã estarei fazendo* ou ele vai *estar falando*, por exemplo) continua a ser um crime inafiançável contra o idioma.

ANEXO 9

- [Receber newsletter](#)
- [RSS](#)
- [Celular](#)

01/10/2007 - 18h28 - Atualizado em 02/10/2007 - 01h23

Governador do DF 'demite o gerúndio'

Arruda diz que idéia é acabar com a típica burocracia dos governos. Ato foi publicado na edição desta segunda-feira no Diário Oficial do DF.

[» volte para a reportagem](#)
todos os comentários (90) [» escreva seu comentário](#)

Próxima ▶	Última ▶▶
-----------	-----------

1 | 2 | 3 | 4

- Filintto Miller|01/10/200721h56
Santa ignorância. Até quando vamos conviver com políticos que não sabe nem a nossa língua.
- leila c. moreira|01/10/200721h53
Demitir o gerúndio é realmente uma exagero do governador do DF. Entretanto, não tenho mais paciência para ouvir os operadores de telemarketing falando somente neste tempo verbal. O problema deles é que estão 'desaprendendo' (ou nunca souberam) falar o português correto.
- paulo roberto do carmo|01/10/200721h52
Para de pensar que o povo brasileiro é burro , viola o painel e ainda acha pouco , será que o governador do DF está perdendo o resto do censo de responsabilidade ? Não é possível que já esqueceu do painel , o povo brasileiro não, este moço não respeita mais nada .QUE VERGONHA !!!!!!!!!!!!!!!
- mairim-df|01/10/200721h51
ah sim ja ia esquecendo, ele se separou da mulher foi só tomar posse e tchau mulher!
- mairim-df |01/10/200721h50
pra todos que moram aqui sabem como ele quer um Governo Privatista! ele quer terceirizar tudo e todos, quer mandar todo mundo pra suas cidades natal e mais quer cavar uma vala e jogar todos o pobres dentro e tacar fogo!!
- Canela|01/10/200721h48
Você está DE METIDO!! hauhauhahauhauhau
- WILSON FERREIRA MAIA|01/10/200721h47

ATITUDE DO GOVERNADOR DEMONSTRA O QUANTO OS POLITICOS ESTÃO PREOCUPADOS COM OS COMPROMISSOS, COM SEUS ELEITORES QUE OS ELEGERAM FICA CLARO QUE DEVEM ESTAR TENDO TEMPO VAGO PARA ESTES TIPOS DE DECRETO DEVIAM ESTAR MAIS PREOCUPADOS COM A SAUDE,MORADIA,EDUCAÇÃO,SEGURANÇA,EFICIÊNCIA DE GESTÃO ETC...

- mairim-df|01/10/200721h47

sinceramente não consigo entender como este VIOLADOR DE PAINEL conseguiu se eleger, além de ter um dos maiores empresarios do brasil como vice-governador!!!!!!Coitadinho chorou pedindo desculpas e usou seus oito filhos e sua mulher para sensibilizar o povo de Brasília, e este drama todo pra que???

- funnyfloripa|01/10/200721h39

hahah!! avisa o pessoal do telemarketing tb!!

- Ivan-DF|01/10/200721h35

cadê o Governador, tá viajando, visitando, passeando, andando nos EUA?

- José Batista |01/10/200721h31

O gerúndio não pode ser abolido da Polícia Federal, eu ainda quero ouvir da própria polícia, estaremos prendendo o Arruda assim que seu processo for transitado em julgado., uma hora alguém pega ele no pulo, é esperar para ver.

- Fabio Guimarães|01/10/200721h28

Meu Deus,
Usar o DODF para esse tipo de coisa...
Mas ele é Democrata, como assim o é o prefeito de SP, aquele mesmo que agrediu um trabalhador ao vivo para todo o país. É risível, é vergonhoso...

- Guilherme Carvalho|01/10/200721h24

Não bastasse violar o painel do Senado Federal anos atrás e mentir para o povo brasileiro, o atual governador do DF mostra muito bem o seu nível intelectual, qual seja o pior possível. Imaginem com será o seu governo. Abram os olhos brasilienses.

- Víctor|01/10/200721h23

Burros meu caro Alcides? Talvez até sejamos, mas não por temos a capacidade de criticar, mas sim por eleger um político como ele que se preocupa em tratar situações com ironia e sarcasmo, quando poderia estar muito bem dedicando seu nobre cérebro em alguma causa mais nobre, não acha?

- Francisco- DF|01/10/200721h20

Parabéns governador, os que o condenam o fazem por desconhecimento do seu trabalho ou por ter

- Receber newsletter 
-  RSS
- Celular 

01/10/2007 - 18h28 - Atualizado em 02/10/2007 - 01h23

Governador do DF 'demite o gerúndio'

Arruda diz que idéia é acabar com a típica burocracia dos governos. Ato foi publicado na edição desta segunda-feira no Diário Oficial do DF.

» volte para a reportagem
 todos os comentários (90)» escreva seu comentário

« Primeira	← Anterior
Próxima →	Última »

1 | 2 | 3 | 4

- Nei Santos|01/10/200720h57

Esse ai é fihote do Cesar Maia,cria-se esses factoides para aparecer na Imprensa e o pior è que da certo.

Que ter eficiencia? entao trabalha rapaz.....

- GELAZIO SANTA CATARINA|01/10/200720h53

Vai tomar vergonha na cara, e governar realmente para o povo, saude, transporte, educacao, trabalho e alimentacao a todos e o que precisamos realmente para viver, governador incompetente

- Francisco|01/10/200720h52

Concordo com o governador Arruda, ele vem tomando decisões difíceis mas, necessárias. Discordo dos comentários abaixo dos internautas João e Marcelo, que demonstram desconhecimento do assunto.Parabéns governador pela metáfora e pelo deu governo. Não votei no senhor mas,agora votarei.

- Evandro|01/10/200720h51

Se `estivesse sabendo` que o DF tem um governador tão sensível a esse tipo de inutilidade, com certeza `estaria transferindo` meu título de eleito para `estar votando` nele na última eleição.

- Elmadan Valentim|01/10/200720h50

O gerundismo seria apenas mais um erro que entraria pra minha coleção de maus costumes, mas, devido à associação que ele criou com aqueles chatos do telemarketing, eu prefiro ouvir `nóis vai fazê` a ouvir `nós vamos estar fazendo` ou `estaremos fazendo`, como dizem os gerundistas mais `cultos`.

- Luciano S. Cotrim|01/10/200720h49

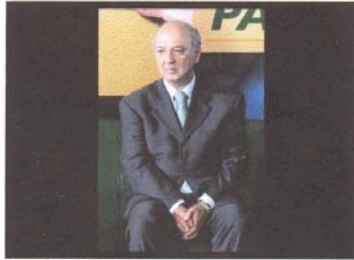
ANEXO 10

Bloomberg.com



Brasilia Governor Bans Verb Form, Citing Inefficiency (Update2)

By Carlos Caminada



[Enlarge/Detail](#)

Oct. 2 (Bloomberg) -- Brazil's Federal District Governor Jose Roberto Arruda "fired" the present participle from his administration, citing inefficiency.

"The present participle is hereby fired from all federal district entities," the governor wrote in a decree posted on the government's Web site last night.

"As of today, it is forbidden as an excuse for INEFFICIENCY."

Banning the verb form, which ends in "ndo" in Portuguese ("ing" in English), was done to prevent government officials from using continuous tenses to obscure progress -- or the lack of it.

"I find it somewhat ludicrous," Dario Borim, chairman of the Department of Portuguese at the University of Massachusetts Dartmouth. "It's a matter for

linguists to discuss not for politicians."

Decree No. 28.314 was issued to end vague promises by government officials, such as: "We'll be taking steps," Globo news agency reported, citing aides to Arruda it didn't identify by name.

Almost all of Brazil's 190 million citizens speak Portuguese, the world's seventh-most spoken language. More people speak Portuguese in South America than Spanish, the official language of the region's other major economies, including Argentina, Chile and Colombia.

Seven years ago, former lower house president Aldo Rebelo sought to pass a bill prohibiting media and government agencies from using foreign words such as "show" and "kitchenette" to protect the language.

Arruda, an engineer by training, is a former lower house representative and was leader of the Senate for former president Fernando Henrique Cardoso's Brazilian Social Democracy Party.

The Federal District encompasses Brasilia, the country's modernist capital built in the 1950s, and surrounding cities such as Taguatinga.

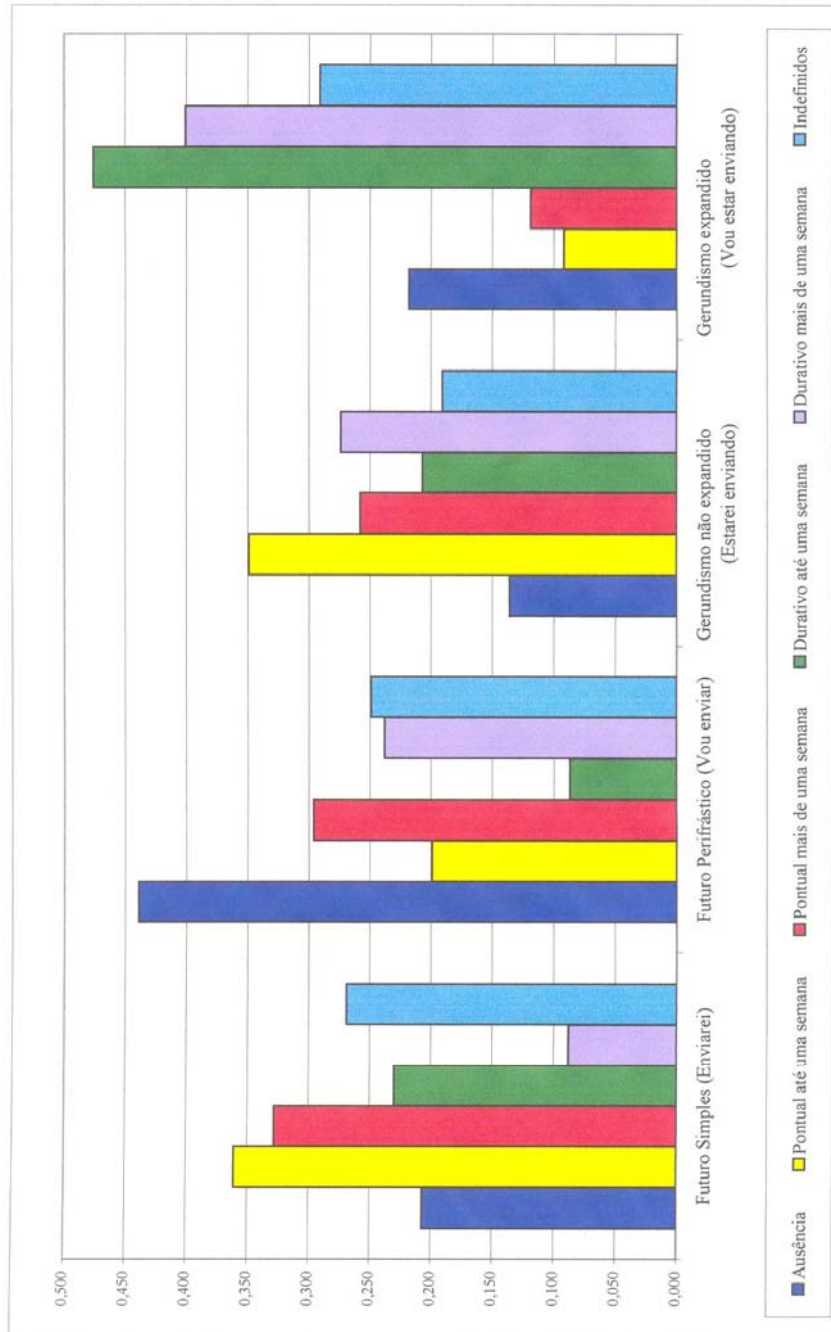
To contact the reporters on this story: Carlos Caminada in Sao Paulo at ccaminada1@bloomberg.net.

Last Updated: October 2, 2007 16:49 EDT



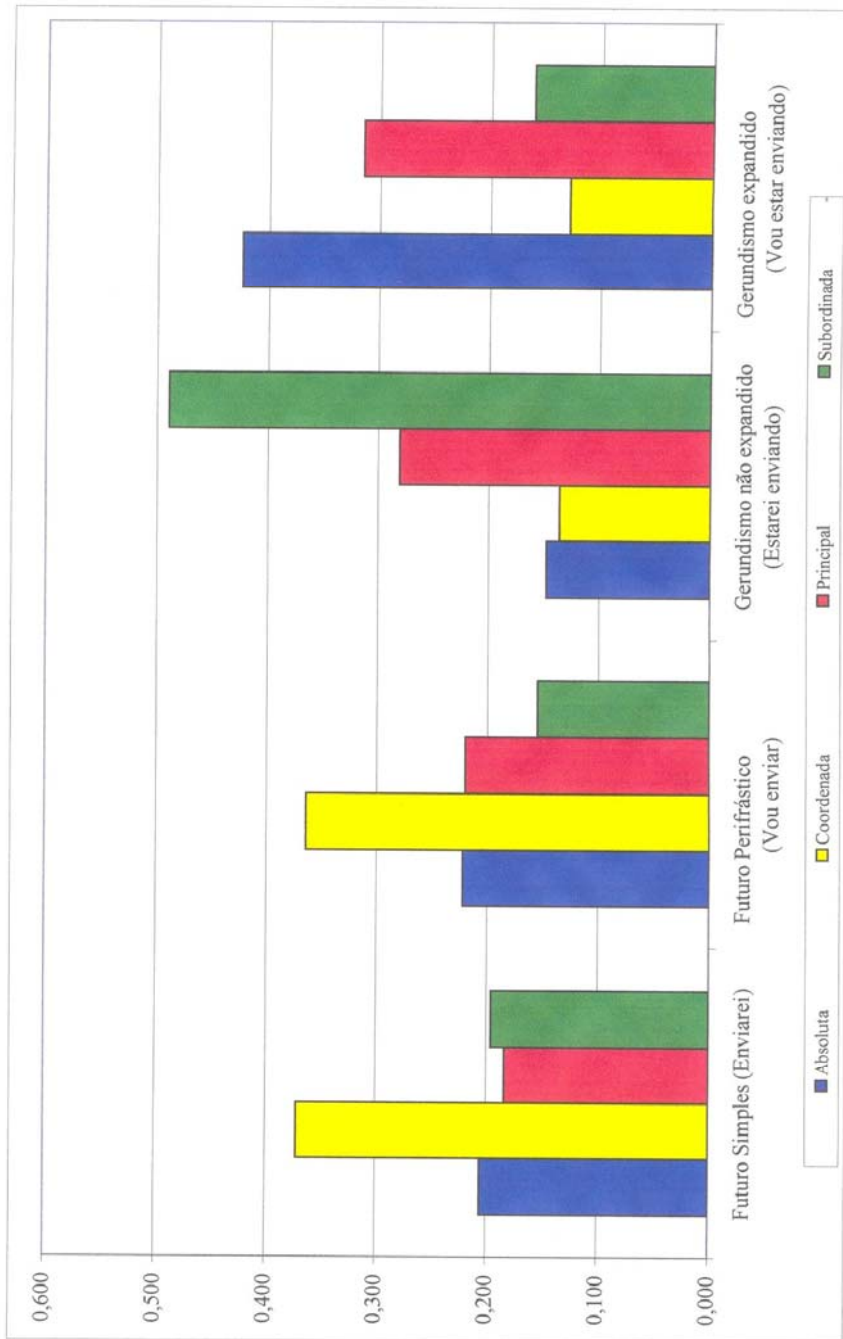
ANEXO 11

Efeito do Aspecto e temporalidade do advérbio em análise eneária



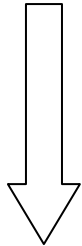
ANEXO 12

Efeito do tipo de oração em análise eneária

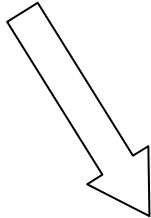


ANEXO 13

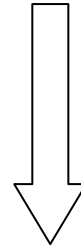
IR_(Flex) + infinitivo



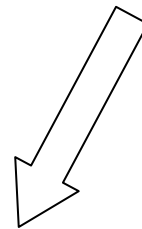
IR_(Flex)



ESTAR_(Flex) + gerúndio



ESTAR_(sem Flex) + gerúndio



[IR_(Flex) + ESTAR_(sem Flex) + gerúndio]

ANEXO 14

